

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO – UNIGRANRIO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PROPEP
ESCOLA DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO, ARTES, LETRAS E HUMANIDADES
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes
Mestrado Acadêmico em Humanidades, Culturas e Artes

O PRESENTE DE JOEL RUFINO DOS SANTOS: REFLEXÕES SOBRE O
NEGRO E AS RELAÇÕES RACIAIS

ANDRESSA MONTEIRO DE CARVALHO

DUQUE DE CAXIAS, RJ

2019

ANDRESSA MONTEIRO DE CARVALHO

O PRESENTE DE JOEL RUFINO DOS SANTOS: REFLEXÕES SOBRE O
NEGRO E AS RELAÇÕES RACIAIS

Dissertação de mestrado apresentada à
Universidade do Grande Rio “Prof. José de
Souza Herdy”, como requisito parcial do
Programa de Pós-Graduação em
Humanidades, Culturas e Artes, para
obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Gênero, etnia e
identidade

Orientação: Prof. Dr. Idemburgo Pereira Frazão
Félix

DUQUE DE CAXIAS, RJ
2019

ANDRESSA MONTEIRO DE CARVALHO

O PRESENTE DE JOEL RUFINO DOS SANTOS: REFLEXÕES SOBRE O
NEGRO E AS RELAÇÕES RACIAIS

Dissertação de mestrado apresentada à
Universidade do Grande Rio “Prof. José de
Souza Herdy”, como requisito parcial do
Programa de Pós-Graduação em
Humanidades, Culturas e Artes, para
obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Idemburgo Pereira Frazão
Félix

Banca Examinadora

Prof. Dr. Idemburgo Pereira Frazão Félix
(Presidente)
UNIGRANRIO

Prof. Dra. Jurema Rosa Lopes
UNIGRANRIO

Prof. Dr. Daniele Ribeiro Fortuna
UNIGRANRIO

Prof. Dr. Renato Nogueira dos Santos Junior
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Duque de Caxias, RJ
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

DEDICATÓRIA

“É, só eu sei
Quanto amor eu guardei
Sem saber que era só prá você”

Para meu filho, João Victor.

“Entre tantas paixões
Esse encontro, nós dois, esse amor”

Para meu amor, Miguel.

"O pobre, o negro, ele costuma entrar no tribunal como réu. é preciso fazê-lo entrar agora como criador de beleza, como artista, como pensador"

Joel Rufino dos Santos

RESUMO

A dissertação aqui desenvolvida tem por objetivo discutir a obra “*O presente de Ossanha*” (2006) de Joel Rufino dos Santos, como uma narrativa que auxilie na compreensão sobre o negro na escola. Tomando a história infantil como objeto principal de análise, pretende-se refletir sobre as relações raciais na sociedade e, principalmente, no contexto escolar. Primeiramente foi realizada uma discussão a respeito da vida e obra do autor, Joel Rufino, buscando entender como suas ideias foram construídas ao longo da sua trajetória acadêmica, política e pessoal, que acabaram sendo utilizadas na escrita da obra aqui destacada. Em seguida foi trabalhado o conteúdo do livro, mais especificamente, compreendendo as mensagens que o autor quis transmitir. Já na última parte da escrita da dissertação, objetivou-se realizar um diálogo entre a obra e a educação, pensando nos caminhos possíveis para uma prática educativa emancipadora.

Palavras-chave: O presente de Ossanha, Joel Rufino dos Santos, educação, literatura infantil.

ABSTRACT

This dissertation aims to discuss a book entitled "The Gift of Ossanha" (2006) by Joel Rufino dos Santos, as a narrative that assists the understanding about black people in school. Taking a infant story book as the main object of analysis, we intend to reflect on the racial relations in society and, especially in the school context. The Primary was a discussion about the life and work of the author, Joel Rufino, having developed the long journeys of his academic, political and personal career, the latter being used in the writing of the work here highlighted. Then the ear of the book was worked, more specifically, understanding the messages that the author wanted to convey. In the part of the docing the dissertation, objective, to, to enter in the document of the education, the objective of the practice in educative emancipating.

Keywords:Ossanha gift, Joel Rufino dos Santos, education, children's literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	8
CAPÍTULO 1- JOEL RUFINO: UM INTELECTUAL DO NEGRO	16
1.1- “ASSIM FOI (SE ME PARECE)” : O TEMPO DE RUFINO	18
1.2- JOEL RUFINO DOS SANTOS UM INTELECTUAL DO POBRE?	24
1.3- A SURPRESA DA LITERATURA: CARTAS DE PAI PARA FILHO	30
1.4- A PRESENÇA DO PEDAGÓGICO EM JOEL RUFINO DOS SANTOS.	34
CAPÍTULO 2- JOEL RUFINO UM PRESENTE DE OSSANHA	55
2.1- O TECIDO DA OBRA EM ANÁLISE	56
2.2- A MITOLOGIA NA OBRA DE JOEL RUFINO – EWE Ó, OSSAIM	61
2.3- A TRADIÇÃO AFRICANA: MEMÓRIA, ÉTICA, IDENTIDADE E AFETIVIDADE EM O PRESENTE DE OSSANHA.....	67
2.4- ESPAÇO E LUGAR: NAS OBRAS INFANTIS DE JOEL RUFINO DOS SANTOS	75
CAPÍTULO 3- A ESCOLA EM JOEL RUFINO DOS SANTOS	88
3.1– A TRADIÇÃO AFRICANA E A ÉTICA NA EDUCAÇÃO	93
3.2–O CRUZAMENTO DE CULTURAS NA EDUCAÇÃO	100
3.3– A LEI 10.639 NA ESCOLA: UMA QUESTÃO DE AFROCENTRICIDADE.....	106
3.4– O PRESENTE DE OSSANHA: POR UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL.....	112
CONCLUSÃO.....	117
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	120

INTRODUÇÃO:

Na contemporaneidade, apesar de ter havido reflexões no campo educacional relacionadas ao negro e a sua representação na sociedade, ainda não conseguimos alcançar todas as demandas presentes nos diferentes contextos. Além disso, o panorama não tem sido o mesmo nos últimos anos e não há uma perspectiva de políticas públicas de governo que melhorem essa situação. Os discursos entre os cidadãos têm sido de segregar ainda mais os subalternizados, que antes eram “melhor” aceitas nos ambientes sociais, há uma crescente onda de conservadorismo sendo alimentada dia após dia.

Assim, o que se percebe hoje é um decréscimo de atividades voltadas para as pessoas que estão à margem da sociedade, como os negros, os pobres, os indígenas, as mulheres e os LGBTs. Nesse sentido, cada vez mais são retirados direitos que antes eram garantidos a essa parcela da população. No campo de atuação do profissional da educação, o que se vê é a desvalorização e precarização do trabalho docente e, graças à “crise”,¹ muitos professores tiveram seus salários atrasados e diminuídos.

Além disso, vê-se que no atual momento é de extrema importância entender Joel Rufino dos Santos como um teórico e acadêmico, pois no Brasil, apesar dos discursos da “democracia racial” e da “cordialidade” ainda existem desigualdades raciais e educacionais, que de forma sutil e silenciosa permanecem no cotidiano dos sujeitos e em todos os espaços sociais, entre esses, o espaço escolar (ABREU; MATTOS, 2008).

O mito da democracia racial dissemina que a sociedade brasileira é um exemplo de democracia e inclusão racial. Já o discurso da cordialidade é um termo desenvolvido por Sérgio Buarque de Holanda (2014) em *Raízes do Brasil* que afirma o brasileiro como um homem cordial. Assim, ao se discutir literatura infantil e a luta contra o racismo na escola, tenta-se compreender se os livros infantis buscam ou não empoderar o sujeito negro, criando uma identidade racial positiva do mesmo.

¹Acredita-se que a atual crise econômica no Brasil, que se iniciou 2014. Pode ter escolhido a que grupos se apresentaria como recessão econômica.

No entanto, os diálogos reflexivos, como os de Stuart Hall (2011), refletem sobre o deslocamento dessas identidades nas sociedades pós-modernas. Esclarecendo que a identidade é formada a partir das diferenças, com todas as suas contradições que elas permitem, e são elas que em um contínuo processo de deslocamento, acabam sendo responsáveis pela “pluralização” das identidades. Assim, as identidades que antes estavam à margem foram colocadas em deslocamento.

Em consonância, segundo Bauman (2011), esses tempos contemporâneos criaram certa dualidade entre o que é considerado tradicional e o que está à margem da tradição, fazendo-se releituras de tais pontos de vista. Os personagens dessa sociedade, influenciados por uma “vida líquida” que procura encontrar respostas em velocidade, acabam mantendo o ciclo da modernidade. Dado que a história é cíclica, e os discursos não se mantêm em voga durante muito tempo, será que retrocedemos a discursos já superados pela sociedade?

É em meio a todo esse cenário que se dá a escrita dessa dissertação, tentando perceber o quanto avançamos, se estamos retrocedendo e de que maneira nessa conjuntura, falar sobre Joel Rufino dos Santos e de suas obras pode significar uma forma de resistência, de empoderamento e de preservação da cultura.

Logo tem-se como problema de pesquisa pensar: Como a obra de Joel Rufino dos Santos pode ajudar na reflexão sobre o negro na escola? Analisando, especificamente, a narrativa *O presente de Ossanha* (2006) como principal fonte de investigação, partindo, assim, desta narrativa para outras obras do autor.

Para responder tal questionamento, foram elaborados alguns objetivos a serem alcançados. Como objetivo geral esta dissertação pensa em: Compreender Joel Rufino dos Santos como um teórico do negro na escola. Ao mesmo tempo, têm-se como objetivos específicos, os seguintes: Estudar a vida e a obra de Joel Rufino dos Santos; Relacionar as obras e a vida de Joel ao livro *“O presente de Ossanha”* (2006); Analisar as obras infantis de Joel Rufino como uma ferramenta de ressignificação do ensino de cultura africana;

Entender as influências que a Literatura Infantil poderá ter na construção da personalidade da criança.

No decorrer dos dois anos de pesquisa, a metodologia desenvolvida e utilizada para alcançar os objetivos propostos foi bibliográfica. Dessa forma, ao longo desse período, foram lidas e analisadas diversas obras e autores que pudessem esclarecer os pontos levantados nessa dissertação. Constituindo-se como principais fontes de exploração os artigos científicos e livros acadêmicos.

Um dos temas que compõem este trabalho, é a disposição de Joel Rufino para pensar sobre os subalternos e os marginalizados, assim como o fato de suas obras terem um importante traço comum: a presença pedagógica de um historiador- contador de histórias.

O primeiro capítulo deste trabalho terá como eixo norteador três obras de Joel Rufino dos Santos, são elas: “*Assim foi (se me parece)*” (2008); “*Épuras do Social*”(2004)e “*Quando eu voltei, tive uma surpresa*” (2000). Todas elas de alguma forma dialogam com o livro, “*O presente de Ossanha*” (2006), uma vez que foi a partir das experiências do autor que houve a possibilidade da construção dessa narrativa literária.

O primeiro é uma obra autobiográfica em que Rufino conta como iniciou seu processo como leitor na infância, a sua chegada ao mercado de trabalho logo no fim da adolescência, o desenrolar para decisão em fazer o curso de História. Sua trajetória acadêmica, a militância política, o exílio, a prisão e, ainda, como se deram as relações familiares em meio a tudo isso.

Serão analisadas, portanto, as suas trajetórias em âmbito político, pessoal e intelectual, baseadas no livro “*Assim foi (se me parece)*” (2008). Em que Joel Rufino revela suas memórias que se confundem com caminhos importantes do passado do Brasil. Registrando e contando sua própria narrativa assim como lhe parece que aconteceu.

O segundo, “*Épuras do social*”, será abordado como uma reflexão de Joel enquanto intelectual do pobre, pois, para ele, este deveria exercer um papel na sociedade que esteja a serviço da cultura dos marginalizados. Nesse sentido, a presença do intelectual daria voz ao pobre, a sua cultura, sua

maneira de viver tirando-o da margem social. Este é um dos principais conceitos de Joel Rufino discutidos aqui, para o autor as principais figuras destacadas no sentido de contribuir para construção de saberes sobre essa parcela da sociedade seriam (SANTOS, 2005, p.10):

Na música popular, através da qual se expressam tradicionalmente os intelectuais dos pobres, admirei Paulo da Portela, o fundador das escolas de samba; Adoniran Barbosa; Zé Quêti (“Eu sou o samba/ A voz do morro sou eu mesmo, sim senhor...”); Nei Lopes... Admirei também, entre os intelectuais dos pobres, Cipriano Barata; Carolina Maria de Jesus (a escritora catadora de papel que foi *best-seller* nos anos 60); Arthur Bispo do Rosário; Gabriel da Casa da Flor. Entre os intelectuais admirei Lima Andrade, Caio “propriamente ditos”, Barreto, Mário de Prado Júnior, Nelson Werneck Sodré, Darcy Ribeiro, Ariano Suassuna. Entre os políticos, Getúlio Vargas, João Goulart, Leonel Brizola. Tais artistas, intelectuais e políticos me são caros no sentido em que me sinto inspirado por eles: fizeram coisas que eu gostaria de ter feito. Sou crítico, contudo, da sua obra e, em alguns casos, da sua vida, não resvalando para o culto à personalidade.

O terceiro é uma obra pensada por Teresa Garbayo, esposa de Joel Rufino. *Quando eu voltei, tive uma surpresa*(2000) são cartas escritas por ele e endereçadas ao filho em meio à ditadura militar. Ressalta-se o caráter pedagógico das cartas e o desenvolvimento do autor na literatura infantil. Aqui serão analisadas, principalmente, duas cartas que abordam a História e a cultura do negro no Brasil, nelas Joel Rufino expõe seu pensar entre as figuras de historiador, pesquisador, intelectual, professor e, sobretudo, pai preocupado com a formação do seu filho.

As cartas falam sobre a história de Zumbi dos palmares e da festa de Iemanjá na Bahia. Utilizando textos que dialoguem com os do autor Joel Rufino, sobre cultura, identidade, formação da sociedade brasileira, empoderamento pela representatividade, Literatura e práticas pedagógicas. A seguinte pesquisa será embasada em teóricos como: Clifford Geertz(1989), Roberto DaMatta (1984), Stuart Hall (2011), Bauman(2005). Em entrevista a revista democracia viva, Joel Rufino esclarece como se deu a relação entre ele e o filho através das cartas, explicando também um pouco do cotidiano de um preso político do regime militar (SANTOS, 2010, p.26):

Alguém é preso e eles sentam o pau. Aconteceu isso em dezembro de 72 e, depois de passar dessa fase, da etapa barra pesada de tortura, interrogatórios, fui cumprir pena como todo mundo. Nessa época, meu filho estava com 8 anos, e meu medo era perdê-lo. Impossível explicar para um menino que o pai está preso e não é bandido. Por mais que a mãe e os avós tentassem. Então, toda semana praticamente, escrevia uma carta. Ele respondia algumas, outras, a mãe respondia por ele. Ficou nisso durante aquele tempo todo. Quando deixei a prisão, as cartas que Nelson que confiscavam o que queriam, deixavam a gente levar o que desse na cabeça deles, e não me deixaram levar nada de papel, livros. Passaram muitos anos, e a mãe do Nelson tinha guardado uma parte dessas cartas, digamos 40%. As outras não tinham chegado a ele, se extraviaram de alguma maneira. Então, resolvemos publicar tal qual foram escritas – usava lápis de cor, desenhava – pensando em dois aspectos: em primeiro lugar, que é um documento desse medo que qualquer pai tem de perder o filho, até quando há uma separação mesmo, sem ter motivo extra. E, em segundo, as cartas são testemunhos do efeito da repressão sobre uma família, sobre um pai, um menino. O livro ficou muito bonito, ficou caro, mas valeu a pena, seu título é *Quando voltei, tive uma surpresa*, foi publicado em 1990. tinha me enviado, não pude levar. Ao sair do presídio, passávamos pelos delegados do Dops.

Ainda, haverá uma reflexão nessa pesquisa sobre a presença da obra literária no cotidiano das crianças, não qualquer obra, mas aquela que empodere do ponto de vista do negro. Como as narrativas de Joel Rufino, que de maneira sutil abordam, com responsabilidade, a cultura e a tradição africana e afro-brasileira. A respeito da presença da literatura na escola, Joel acredita que deve haver uma “sincera afeição pela literatura”, pois no lugar em que se ama a literatura com toda certeza aparecerá leitores ávidos e críticos. (SANTOS, 2005 p.12)

Firmado na minha própria experiência, concluí que, onde há sincera afeição pela literatura, crianças leitoras aparecem. Talvez a escola pudesse agir na criação desses ambientes de “sincera afeição pela literatura”. Ora, literatura não é exclusivamente, nem principalmente, a do livro. Literatura existe na música popular, mesmo a de massa. Existe também na novela de televisão, no cartaz publicitário e assim por diante. Ela existe na fabulação infantil: toda criança inventa mundos abstratos, canções, teatro. Uma boa ação é evitar a repressão a essa capacidade de fabulação, praticada por tantos professores. Falo de uma espécie de desregulamentação da fabulação. Confio, também, em ações não-burocráticas, que não exijam construções, acervos, funcionários, inaugurações, publicidade. Ações discretas do Estado e do Mercado, sem se confundirem de forma inadequada.

Dessa forma, por último será discutido a figura de Joel enquanto autor de livros de Literatura Infantil. Trazendo como principais livros, *A botija de ouro* (1988) *Rainha Quiximbi*(1986), *Dudu Calunga*(1986), *Gosto de África, histórias daqui e de lá*(1998) e *O presente de Ossanha*(2006), fazendo um diálogo entre as obras e o texto “*Arte literária e didática: figurações da ficção*”(2012) de Idemburgo Frazão.

Já no segundo capítulo será realizada uma exposição da obra, “*O presente de Ossanha*” (2006), realizando uma releitura a partir do ponto de vista de uma professora e pesquisadora, nesses escritos tem-se uma abordagem dos principais temas discutidos pelo autor. Tentando trazê-los para mais próximo do público leitor e pensando em como a obra dialoga com os pontos a serem discutidos. Principalmente, sobre o que influenciava Joel Rufino para escrita da narrativa.

Em seguida, buscar-se-á também esclarecer a figura mítica de Ossanha, utilizando teóricos como Pierre Verger e Reginaldo Prandi, que atuam principalmente nas pesquisas sobre as religiões afro-brasileiras. Serão utilizadas três lendas, são elas: “*Ossaim, o senhor das folhas*”, “*Rivalidade entre Orunmilá e Ossain*”, extraídas do livro “*Lendas africanas dos Orixás*” (1997) de Pierre Verger e ainda a intitulada “*Ossaim é mutilado por Orunmilá*” contida no “*Mitologia dos orixás*”(2001), de Reginaldo Prandi.

Mais adiante, com base nas questões da ética e da liquidez discutidas por Bauman (2011), trata-se de pensar na realização de um diálogo entre, ele e Joel Rufino, a partir da análise e interpretação das ideias dos autores. Pois, ao passo que Bauman trata das relações sociais, Joel costuma dar voz as pessoas habituadas a serem submetidas ao silêncio e à margem. Dessa forma, possibilita-se a conversa entre os autores para explorar questões relativas aos laços sociais.

Entende-se aqui que diálogo com os textos de Bauman dá-se nas entrelinhas da obra, pois com muita sutileza Rufino discute diversas emoções presentes na contemporaneidade, como: amizade, ética, caráter, perda, grandeza e superação. Ler Bauman e interpretar sua obra, não é tarefa fácil,

seus textos não são reconfortantes, mas nos faz refletir sobre o mundo e nós mesmos. Em contrapartida, Rufino utiliza-se do caráter formador da literatura para trazer à reflexão aspectos da cultura afro, reconstruindo no imaginário social a representação do negro.

Ainda, será utilizado o diálogo com o conceito de memória desenvolvido por Maurice Halbwachs, *“A Memória Coletiva”* (2006). E, também para a questão da memória, foi utilizado trabalho de Michael Pollak, *“Memória, Esquecimento e Silêncio”* (1989). Destacando, ainda que na história, Joel Rufino dos Santos não induz o leitor a uma opinião, fazendo uma narrativa que o permite, interpretar, significar e ressignificar os conceitos apresentados, a partir da sua própria vivência, a do sujeito leitor.

Por fim, no terceiro e último capítulo da dissertação busca-se falar sobre as obras de Joel Rufino para crianças, pensando em qual espaço e em qual lugar o autor está situado enquanto escritor de literatura infantil, pesquisador, professor e, sobretudo como humano.

Utiliza-se como principais obras: *“Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas”*(2018) Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino; *“UBUNTU COMO MODO DE EXISTIR: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista.”* (2011) e *“A ética da serenidade: O caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope”*(2013), de Renato Noguera. *“Literatura Negro Brasileira”* (2010) de Luiz Cuti. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*(2003), de Stuart Hall e *“Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas”* (2008), organizado por Vera Candau e Antônio Flávio Moreira

Dessa forma, nesta última parte da dissertação aqui presente, objetiva-se esclarecer pontos da obra *“O presente de Ossanha”*(2006), principalmente como uma literatura negra, traçando um contexto histórico, analisando as características culturais, e percebendo como o processo de desenvolvimento dessa literatura pode ocorrer.

Destaca-se que as principais questões levantadas nesse capítulo são: A passagem da obra em que moleque presenteia Ricardo com o pássaro Cora, pois analisa-se se ele foi incapaz de retirar-se da reificação, levantando a reflexão sobre a autoestima do negro. E, ainda, se a obra rompe com a invisibilidade do candomblé, uma vez que trabalha com a história dos Orixás.

CAPÍTULO 1- JOEL RUFINO: UM INTELECTUAL DO NEGRO

Nos últimos anos, foram elaboradas e colocadas em prática muitas iniciativas que buscaram diminuir a distância frente às desigualdades educacionais no Brasil. No entanto entende-se que no atual momento histórico e político do país, novas pesquisas relacionadas à temática fazem-se importantes. Assim essa pesquisa nasceu de uma inquietação com a educação pública, pois, com as recentes mudanças no campo político, tende-se a não legitimar e, ainda, desqualificar o saber fora do que é considerado como científico e hegemônico.

Há uma centralização do saber, nos sugerindo que, para além das injustiças sociais, existe também um sistema que nos impede de compreender o mundo a partir das nossas próprias experiências. Como afirma Yi Fu Tuan (1983), se referindo a experiência como capacidade de aprender a partir da própria vivência: a experiência é constituída de sentimento e pensamento. Dessa forma, experienciar é sentir e pensar, aprendendo com sua história.

No entanto, quando a palavra final na “disputa” é dada por um sistema que não permite reconhecer o nosso espaço-lugar na sociedade, surge um abismo ainda maior no campo educacional, desfavorecendo uma educação libertadora². Como afirma Yi Fu Tuan no livro *Espaço e Lugar*, “As pessoas podem trabalhar no mesmo prédio e experienciar mundos diversos” (1983, p.44).

Deste modo, quando pensamos na experiência do negro na escola devemos pensar em que lugar ele está sendo inserido, será que ele experiêcia o mesmo lugar que o branco? Assim, levanta-se a questão que busca-se responder nesta pesquisa: a obra de Joel Rufino dos Santos pode ajudar na reflexão sobre o negro na escola? Acredita-se que sim, pois através da obra de Joel Rufino pode-se ressignificar o lugar do negro dentro da sociedade. Mas, por que Joel?

²Pedagogia libertadora freireana: problematizadora e consientizadora

Joel Rufino dos Santos foi um escritor de enorme importância, para a cultura e a História do país, chegando a representar o Brasil no prêmio Hans Christian Andersen³ por várias vezes. Em âmbito nacional, ganhou diversos prêmios como, por exemplo, o Jabuti⁴, uma das mais importantes premiações literárias do país.

Mas, o que Joel Rufino representa vai muito além dessa trajetória de premiações. Ele opera como um intelectual voltado para as necessidades do pobre, do povo, da cultura subalternizada e de personagens colocados à margem social. Pensando em saídas para os problemas sociais e educacionais frente a tudo isso. Afinal de contas: Pode o subalterno falar?⁵

Nesse sentido, surgiu a necessidade de se pensar cada vez mais sobre Joel Rufino dos Santos no decorrer dessa pesquisa, pois a cada ponto que se lia sobre a vida e a obra do autor via-se a presença do seu caráter, da ética e da concordância entre a sua prática e seu discurso. Segundo Paulo Freire (2014), é fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, se chegue a um momento em que a tua fala seja a sua prática.

Do mesmo modo a trajetória de vida do autor aqui discutido mostra justamente essa articulação, como vemos em um episódio em que, aos 74 anos, Joel ganhou espaço como notícia de jornal ao salvar a vida de um jovem negro que estava sendo linchado à luz do dia em Copacabana⁶.

Sem medo do que poderia acontecer com ele, enquanto um policial armado assistia tudo sem fazer absolutamente nada, Joel reagiu ao massacre exibindo sua carteira de diretor de comunicação do TJ, retirando o jovem da situação de agressão a que estava sendo submetido. Ele salvou a vida desse menino mostrando os traços de intelectual humano que existiam nele. Muito

³Representou o Brasil em 2006 do IBBY – Hans Christian Andersen, o Nobel da Literatura Infantil.

⁴ Em 1979, na categoria Literatura Infantil: “Uma estranha aventura em Talalai”; e na categoria Juvenil em 2008 com a obra “O barbeiro e o judeu da prestação contra o Sargento da Motocicleta”

⁵Título da obra de GayatriSpivak(2014)

⁶<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/Historiador-impede-linchamento-enquanto-policial-assistia-ao-massacre/5/34343>

além do professor e acadêmico, existia um humano de primeiríssima qualidade, que buscava justificar suas teorias através de sua prática.

1.1- “ASSIM FOI (SE ME PARECE)”: O TEMPO DE RUFINO

Nascido em 1941, no subúrbio carioca, em Cascadura, Joel Rufino dos Santos viveu a sua infância nesse bairro, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Era filho de um operário que tinha a leitura como hábito, o que não é muito comum, até mesmo nos dias de hoje. “Quando nasci, minha família já era remediada. Mas viera de uma pobreza grande” (SANTOS, 2004, p. 17).

Vendo seu pai ler e o tomando como referência, Rufino logo se interessou pelas narrativas literárias também, guardando os gibis e livros que ganhava e os que conseguia comprar com seu próprio dinheiro em um caixote de madeira. “Minha mãe me deu a Bíblia como Palavra de Deus, eu a tomei como livro de histórias”. (Santos, 2008, p.36). Em entrevista ao Jornal Globo, página do G1⁷, ele esclarece (SANTOS, 2008):

Como tantos escritores eu tive alguém, na infância, que me viciou em histórias. Lia gibis escondido, o que possivelmente, ampliou o fascínio. E a Bíblia, ao invés de tomá-la como livro sagrado, tomei-a como livro maravilhoso de histórias, e como manual de estilo. Tudo se passou em Cascadura e Tomás Coelho, subúrbios antigos do Rio, onde se pode ser feliz ou infeliz como em qualquer lugar

Joel estudou em um colégio particular de subúrbio, pobre e sem biblioteca: (2008, p. 28)

Era um colégio pequeno de subúrbios, pobre e sem biblioteca. As mensalidades eram baixas, baixos os vencimentos dos professores, talvez dois ou três salários mínimos. Apesar disso, só estava ali porque minha mãe costurava para fora nos intervalos dos serviços domésticos.

Já um pouco mais velho, Joel Rufino passou a trabalhar pela manhã e estudar à noite, cursando o científico. Naquela época o ensino médio se dividia em clássico e científico⁸. Após terminar a educação básica, ele se muda para

⁷<http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2008/10/29/entrevista-joel-rufino-dos-santos/>

⁸Decreto- Lei N. 4.244 – de 9 de abril de 1942, no governo de Getúlio Vargas, foi instituída a Reforma Capanema do Ensino. Que dividiu o ensino secundário em dois: Clássico e científico

Glória, Zona Sul do Rio de Janeiro, e sentia-se contente por ter um “curso médio”. No entanto ao final da década de 50 seu colega mais próximo da época da escola, Gladstone Leal, o presenteia com um livro que iria mudar a sua vida. “*Introdução a revolução Brasileira*” (1978) de Nelson Werneck Sodré, leitura que acabou despertando nele o desejo de se tornar professor de História. (SANTOS, 2008, p.42)

Terminadas as aulas, dez da noite, parando nos quiosques do tempo do bonde puxado a burro, atravessamos o centro conversando sobre autores e obras que conhecíamos, ou gostaríamos de conhecer. Esse colega, terminado o científico, me deu num café, onde casualmente nos reencontramos, a *Introdução à revolução brasileira*, de Werneck Sodré

A partir desse momento, impactado pela leitura desse livro, ele passa a ler toda a obra de Werneck Sodré. “Ai por 1959, comecei a ler sistematicamente os livros de Nelson Werneck Sodré na Biblioteca Nacional. Fazia isso pelas manhãs, antes de seguir para o trabalho” (SANTOS, 2008, p.41). Apaixonado pelos estudos históricos, Joel se matricula no vestibular da Faculdade Nacional de Filosofia e ingressa no curso de História, para poder lecionar. Segundo Joel Rufino (2008, p. 43)

Com introdução na cabeça, boy de escritório, passava o dia na porta da Faculdade Nacional de Filosofia- o prédio tomado á embaixada da Itália pelos estudantes que exigiam de Vargas a declaração de guerra ao Eixo (1944)- ,vi que anunciavam os vestibulares, pensei no bom conselho de Plekhanov (“Todo jovem comunista deve estudar história”) e me inscrevi.

No livro intitulado *Assim foi (se me parece)* (2008), o autor aqui discutido afirma que decidiu, muito jovem ainda, ser comunista. Dizendo que passou a se considerar comunista aos 14 ou 15 anos de idade (SANTOS, 2008, p. 52): “Passei a me considerar comunista e não vejo outra razão para isso hoje, a não ser os romances de Jorge Amado, e os Miseráveis, de Victor Hugo. O operário que lia, Antônio Rufino, me apresentou em cascata, Cacaú, Suor, O país do carnaval” (SANTOS, 2008, p. 52) entre outros livros.

Fazendo a leitura do livro, percebe-se que o próprio Joel Rufino fala sobre a sua maneira de escrever, utilizando sempre como recurso o uso da evocação de memória, trazendo suas lembranças de criança, adolescente e adulto à luz da discussão, como podemos ver no seguinte trecho que ele

aborda em nota prévia(SANTOS, 2009): “Neste livro menciono de memória diversas pessoas, datas e fatos. É possível ter me enganado aqui e ali. Espero não ter causado, com isso, dano a quem quer que seja. Se for o caso, me desculpo por antecipação.”

Evocação de memória é um conceito trabalhado por Maurice Halbwachs no livro “*A memória coletiva*” (2006). Para ele, apesar de uma lembrança ser correspondente a um acontecimento que ocorreu há bastante tempo, o encontro com as pessoas que também viveram naquele contexto, correspondendo até mesmo com os lugares onde esses acontecimentos se deram, ou objetos que fizeram parte daquela memória, permitindo a rememoração daqueles fatos, numa relação entre memória individual e memória coletiva.

Quase ao término do curso, Nelson Werneck Sodré o convida para ser seu assistente no ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), “Eu havia publicado uns poucos artigos no Boletim de História. Werneck Sodré conhecia a publicação e convidou para trabalhar com ele, no ISEB, primeiro seus dois diretores, recém formados, depois a mim e Mauricio Martins” (Santos, 2008, p 55).

Nesse período Joel Rufino convive com grandes teóricos do pensamento brasileiro, estudando livros importantes para sua formação enquanto historiador. “No Instituto, além de me obrigar a leituras sistemáticas, de formação, ministrava algumas partes do programa” (2008 p. 56) Essa leituras e vivências acabaram colaborando para a construção e escrita da *História Nova do Brasil*, lançada em 1964, que pretendia contar a História do ponto de vista dos vencidos. Joel Rufino diz que quando as pessoas perguntavam sobre o que se tratava a história nova do Brasil, ele dizia apenas que era a reforma do ensino de história: “Quando leigos nos perguntavam o que era a história nova, poupávamos tempo: é a reforma de base do ensino de história” (Santos, 2008, p.58).

Mais tarde, preso político como coautor da *História Nova*, Rufino conta que em um episódio dentro da prisão, quando um funcionário que cortava o seu cabelo perguntou o porquê de Joel estar naquela situação, e um tenente respondeu que ele tentava mudar a história do Brasil(Santos, 2008 p.62):

Um jovem tenente me retirara da cela para cortar o cabelo. O barbeiro, senhor idoso, civil, quis saber a razão de eu estar ali. “é discípulo do general Werneck Sodré”, explicou o tenente. O barbeiro insistiu: “mas o que tem a ver?” O oficial pareceu se perturbar: “Querem mudar a história toda”. “Mudar como?”. tornou o senhor. O tenente. Já de mau humor: “Por exemplo: escreveram que Pedro Álvares Cabral era viado.

Recontar a história do país sob o ponto de vista do oprimido era uma das tarefas de Joel Rufino, em todos os seus escritos ele caminha nesse sentido. Buscando rediscutir fatos que foram estabelecidos como verdades absolutas.

Militante político, Joel se refugiou da ditadura militar, convivendo diariamente com Nelson Werneck Sodré por um período de tempo. Só se separaram quando Rufino dos Santos decidiu pelo asilo na embaixada da Bolívia e Werneck preferiu ir para o interior de São Paulo, em Fernandópolis, lugar onde acabou preso. Sobre a separação Werneck Sodré conta (Santos, 2008, p.14): “O fato é que meu companheiro depois das providências preliminares indispensáveis asilou-se. Fiquei só.”

Em 1964, Casado, com 23 anos de idade e filho a caminho, Joel precisou exilar-se na Bolívia e no Chile, afastando-se da sua família, dos amigos e interrompendo a sua trajetória universitária. Exilado, ele não viu o nascimento do seu filho Nelson, que recebeu o nome em homenagem ao mestre, professor e amigo de seu pai, Nelson Sodré.

Saindo de São Paulo, Joel Rufino foi para Bolívia, onde passou quatro meses. Sobre a experiência ele diz: (SANTOS, 2008, p.18) “Sai sem conseguir distinguir uma lhama de uma alpaca, sem saber uma palavra de quíchua ou de animará”. Já em Santiago no Chile, foi acolhido por Thiago de Mello, poeta e adido cultural da embaixada brasileira. Ficando hospedado na casa de Pablo Neruda. “O poeta nos socorreu incondicionalmente, com dinheiro, contatos, afagos, arriscando sua carreira” (SANTOS, 2008, p.19) conta ainda que quando soube que o seu filho tinha nascido, Thiago, mandou passagens para Teresa e Nelson, porém sua mãe se opôs a viagem, pois para ela: “A criança não aguentaria o ruído do avião”(SANTOS, 2008,p.20).

No começo de 1965, Joel Rufino resolve voltar ao Brasil, no entanto, o único documento que portava era um salvo-conduto boliviano para exilados, que o fazia irregular mesmo no Chile. Assim, ele começa sua odisseia de volta

ao país de origem, fazendo um trajeto de carro, de Los Andes à Buenos Aires. De trem para Paso de Los Libre. De balsa sobre o rio para Uruguaiana e de ônibus para Porto Alegre. Depois Rufino seguiu para São Paulo e já perto de casa, pediu carona na saída da Dutra.

Entrou no carro, nele estavam dois homens falando alguma outra língua que ele não conseguiu identificar no primeiro momento. Na altura de Guarulhos, uma patrulha parou o carro e pediu para que descesse. Joel afirma que ficou sem compreender muita coisa do que estava acontecendo, mas que percebeu que os sujeitos o defendiam, dizendo que ele não tinha nada a ver com a situação. “Na segunda carona que peguei, o rádio noticiava a prisão, na saída da Dutra de dois gregos, que fizeram o primeiro assalto ao banco de São Paulo.” (Santos, 2008, p.23).

De volta ao Brasil, já quase na década de 70, Rufino é surpreendido pelo cárcere, mas, como ele mesmo diz, não chegou a ser um “paliteiro de IPMs.”: “Em 1967 fui preso e interrogado por um major do Exército que servira na “inteligência” aliada durante a Segunda Guerra” (SANTOS, 2004,p.16)Durante a ditadura militar Joel foi preso algumas vezes, DOI-CODI, do Rio, operação bandeirantes, Dops, presídios Tiradentes e do Hipódromo em São Paulo Segundo Santos (2000, p. 75):

Meu trajeto de preso político fora DOI-CODI, do Rio; Operação Bandeirantes, DOPS, presídios Tiradentes e do Hipódromo, em São Paulo. Só nestes, já condenados, entrávamos na rotina das visitas dominicais, banho de sol, estudo, discussão política,tédio, tédio,tédio.

Logo na primeira prisão tentaram fazer com que ele incriminasse Werneck Sodré, como relata Joel (2008, p. 23) “Presidida por um coronel inconformado com nossa pouca idade, querendo à força, incriminar o ex confrade Werneck Sodré mandou nos entregar aos torturadores de prestígio.” A essa altura já se sabia que Joel Rufino e Nelson Sodré eram muito amigos, pois por dois anos eles se viam todos os dias até que em 1964 foram obrigados a se separar. Como afirma Santos (2008, p. 13), “Convivi com Nelson Werneck Sodré (1911-1999) diariamente por dois anos, até que o Primeiro de Abril de 1964 nos separou.”.

Já a sua última prisão começou com a detenção de Teresa Garbayo, sua esposa, e de seu pai, mas ao se entregar soltaram seus familiares. Joel

Rufino passa a cumprir pena no presídio do hipódromo de 1972-1974.(SANTOS, 2008). O motivo de sua prisão seria a contrariedade ao sistema vigente na época, expondo seus pensamentos através de suas aulas. Sobre seu comportamento no cárcere Joel (2009, p. 79) coloca que:

Entreguei algumas pessoas que me pareciam inofensivas, querendo acreditar que se as prendesse não seriam maltratadas, um curto transtorno e logo deixariam o inferno. E se estivessem envolvidas, sem eu saber, com esquemas maiores, redes de luta, como iam se livrar? A tática covarde e arriscada, por acaso deu certo: nenhuma foi a julgamento comigo, descartadas logo.

A princípio, Rufino dos Santos acreditava que sairia rápido da prisão, mas com o prolongamento do tempo que ele acabou sendo obrigado a passar naquele lugar, o desespero de estar mais próximo de seu filho Nelson o levou a escrever uma série de cartas que mais tarde formaram o livro: *Quando eu voltei, tive uma surpresa* (2000) “As cartas foram guardadas por minha mulher, Teresa, mãe de Nelson, que tudo fez para se tornarem livro.” (SANTOS, 2008, p. 88). Teresa Garbayo dos Santos, esposa e mãe do filho de Joel Rufino, faz uma descrição da obra no prefácio (SANTOS, 2000, p. 7):

São cartas ternas, de um pai amoroso, cheias de histórias engraçadas, de interesse pelo seu desenvolvimento, e de muita saudade. Guardei-as todas, as que chegaram – previamente lidas, censuradas e carimbadas – porque eram uma parte da história de vida do meu filho e do país em que vivemos.

As cartas de Joel Rufino assumem uma característica de denúncia, pois fazem parte de um período da História brasileira permeado pela ditadura militar. Ainda, é importante ressaltar aqui a importância das cartas para um preso político, que só tinha esse meio de comunicação com o mundo, o filho e a esposa. No livro *Assim foi (se me parece)* (2008), Joel Rufino, discorre sobre a necessidade das cartas, contando um episódio que viveu no presídio (SANTOS, 2008, p.86-87).

Perto de voltar à liberdade (um ano e meio depois), um colega comum me abordou:

- Pode pedir a uma pessoa, lá fora, que me escreva uma carta?
- Posso. Me dá o endereço.

- Não, não tem. Pede a uma pessoa qualquer. Sinto a maior inveja quando o carcereiro te chama: “Chega mais, Joel, carta pra você.”

Era semianalfabeto, mas a carta lhe serviria de comunhão com o mundo “lá fora”

Após ser libertado, Joel vai morar em São Paulo, onde não consegue um emprego digno, mas, aconselhado pela esposa de seu irmão, ele resolve voltar para o Rio de Janeiro. “Meu irmão, casado com uma Mãe-pequena, segunda no terreiro de candomblé, me falou que ela(ou um preto velho) mandara me dizer que se eu voltasse ao lugar de onde vinha fugindo teria uma surpresa boa”. (SANTOS, 2008, p.136). Já esquecido do acontecido, Joel recebe um convite para dar aula no cursinho pré-vestibular do Grêmio da Faculdade de Filosofia da USP, onde foi colega de Carlos Lamarca, Marilena Chauí, Marisa Lajolo, Carlos Alberto Sardengerg, entre outros.

Mais tarde, de volta ao Rio de Janeiro, Joel retoma sua posição como professor, sendo convidado para dar aula na Faculdade de Letras da UFRJ e na pós-graduação da Faculdade de Comunicação, desta mesma universidade. Recebendo da Universidade Federal do Rio de Janeiro títulos como o de “Nótorio Saber e Alta Qualificação em História” e de “Doutor em Comunicação e cultura”

A partir desse momento, Joel pode se dedicar ainda mais aos seus livros e pesquisas, começando a escrever artigos e participando de palestras. Como escritor de literatura para crianças, Joel Rufino ganhou várias premiações sendo finalista do prêmio Hans Christian Andersen. Como intelectual humano que era lutou, sobretudo, pelo que acreditava no caminho de um país mais justo e menos desigual. Rufino teve dois filhos com Teresa Garbayo, Nelson e Juliana.

1.2- JOEL RUFINO DOS SANTOS UM INTELECTUAL DO POBRE?

Como um intelectual dos pobres, Joel Rufino dos Santos escreve obras que caminham na contramão de um modelo hegemônico. No livro *Épuras do social - como podem os intelectuais trabalhar para os pobres?* (2004), Joel reflete papel do intelectual na sociedade, uma vez que este deve assumir uma condição de trabalhador da cultura, deixando claro que o “estudioso” deve estar a serviço do pobre. Em entrevistas para a revista proposta pedagógica em 2010, ele esclarece um pouco o que quis alcançar com a escrita do ensaio (SANTOS, 2005, p.10).

Nem todos os intelectuais querem trabalhar para os pobres. Os que querem e se esforçam para isso o fazem por uma ética: um imperativo moral a que não conseguem fugir, sem se sentirem angustiados, diminuídos aos seus próprios olhos. Para isso, devem se manter absolutamente (não relativamente) críticos com relação ao mundo, à cultura e à sua própria função – afinal, o que chamamos “intelectuais” é uma corporação profissional a serviço de uma racionalização do mundo que até aqui só beneficiou o capital. Um corolário dessa regra: o intelectual para os pobres deve ficar longe de “igrejinhas”, cenáculos, academias de letras, comendas e elogios. Nesses espaços ele só ajuda a si mesmo. Outra coisa que ele pode fazer é largar a crença cega em ideias e valores modernos ocidentais, que serviriam para todos os homens de todos os lugares. Mas o principal da resposta está no seguinte: os intelectuais que querem trabalhar para os pobres devem reconhecer que os pobres produzem seus próprios intelectuais. Sendo assim, devem interagir com estes em busca de um novo intelectualismo, no qual as qualidades de uns e de outros se fecundem. O *lugar* em que se dará o encontro dos dois tipos de intelectual é a *publisfera*– o Estado de hoje, constituído pelo governo mais a sociedade civil.

Contando uma passagem de sua vida, ele narra no livro *Épuras do Social*(2004) que um dia subiu um morro no Rio de Janeiro, provavelmente uma favela e acabou encontrando um senhor de idade que lhe disse: “Se você estudou tem de saber alguma coisa que sirva para nós” (SANTOS, 2004, p.18). Marcado pela fala desse personagem e por essa passagem de sua vida, ele passa a compreender seu papel em meio a uma sociedade extremamente desigual.

Como pode-se observar, foi a partir de uma reflexão sobre uma experiência sua que Rufino atentou para a inutilidade dos intelectuais, propondo formas de pesquisa que mudem o enfoque que está em uma cultura dominante e passe a dar voz à cultura do povo, dos oprimidos, dos pobres que sustentam os ricos, trabalhando com as ideias para resolver problemas sociais. Para ele (SANTOS, 2004, p. 10): “Os intelectuais são os que fazem desse trabalho seu ofício, como os escritores, ou profissão, como os profissionais liberais e esta expressão se consagrou por oposição a profissionais manuais, os escravos”

Já o conceito de pobre Joel Rufino defende seu ponto de vista, o analisando e colocando-o como uma categoria. Segundo Rufino a definição seria: “o sujeito que deseja e cujo desejo não organiza a sociedade, pelo

contrário, desorganiza a sociedade. Pobre por definição seria uma classe perigosa que, somente pela simples presença, desestrutura o mundo conforme as outras classes estruturaram. Pobres como ele diz são” (Santos, 2004, p. 29):

Os despossuídos, não de qualquer posse, mas de território, de casa, de emprego (embora não de trabalho), de local (embora não de lugar), de família (embora não de nome) e enfim do próprio corpo (no caso dos escravos e servos da Colônia e Império) São em suma, um estado nômade e vagabundo (...) Pobre é quem se vira (já que o miserável não tem essa capacidade) e isso demarca um lugar preciso, quantificável na estrutura social

Segundo o autor, no Brasil, se entende melhor o que é pobreza através da literatura e da arte. Certamente porque a literatura fala dos ganhos, assim como do sofrimento, dando um papel de sujeito ao pobre. Para ele a Literatura é a História do pobre, pois é ela que o coloca como ator principal e não como apêndice do outro. Para ele: (SANTOS, 2004, p.73)

Quem capta esse ser pobre senão a literatura, inventariante do secundário, da fala, do não-dito, da paixão e do sem-razão de existir? As ciências sociais exibem seus arquivos em livros, tratados, seminários e ensaios, mas o fundamental não se encontrará neles, pois arquivaram o fundamental, descartando o secundário que é, no entanto, precisamente o fundamental.

Já a História, enquanto ciência, tanto nos livros quanto nos currículos escolares, acaba criando uma narrativa esquematizada, que deixa o fundamental a ser contado fora do discurso. “Na História, os pobres não se encontram como sujeitos, mas como coisas, emblemas, espécie de lixo pedagógico para exaltação da ordem e do progresso nacionais” (SANTOS, 2004, p.35). Na Literatura ocorre exatamente o contrário (SANTOS, 2004, p.35):

A literatura é a única história do pobre – assim como a música popular, o enredo da escola de samba, a arquitetura e a decoração dos mocambos, o artesanato artístico, o futebol-arte, e a literatura oral – porque o institui como sujeito desejante.

No entanto, Joel atenta para o fato de que na literatura culta isso não ocorre, o pobre é apresentado sempre como figurante: “A literatura culta, escrita por não-pobres, apenas memoriza (pela fala, mas também pelo silêncio) as experiências dos pobres.” (SANTOS, 2004, p.35).

Por ser um Intelectual do pobre foi justamente através dessa literatura culta que Joel Rufino dos Santos, fez a diferença no meio acadêmico. Leitor desde muito cedo, aprendeu a analisar os personagens que lia nas histórias estranhando o fato do negro aparecer em segundo lugar, “Menino leitor, durante algum tempo eu mesmo estranhei que só as personagens negras dos nossos romances fossem identificadas “racialmente” (o negro fulano, a preta sicrana).” (Santos, 2004, p.39).

Conta ele que acabou se conformando à ideia de que os romances brasileiros não eram escritos para meninos negros, mas não sem antes se rebelar contra o ditado que tinha ouvido da boca de um antigo parente, que o surpreendeu lendo: “Preto não é de letras é de tretas.” Para Joel (SANTOS, 2004, p.39), “O branco e o lugar óbvio de onde se fala e se lê o Brasil.” Rufino ainda salienta que (2004,p. 116)

Bem, a atualidade se caracteriza, no Brasil, pela falência de vários dos mitos de fundação, por exemplo, o da democracia racial. Estudos sociológicos e estatísticos em penca, depoimentos humanos, conflitos raciais de todo tipo e luta organizada contra o racismo liquidaram com ele. As transformações econômicas e sociais dos últimos cinquenta anos, ao invés de diluírem as contradições raciais, como ingenuamente se supunha há duas gerações, as azedaram. É certo que o negro obteve, nesses anos de “desenvolvimento”, ganhos socioculturais no interior do padrão capitalista de acumulação, mas, em qualquer ocupação, pessoas de cor continuam a receber menos que as outras

Discutindo o conceito de racismo, Joel Rufino discorre: “O racismo da sociedade brasileira contemporânea é antes de tudo, como tantos já observaram, um código de alocação de mão-de-obra.” (SANTOS, 2004, p.31), definindo-o como forma de poder baseado no preconceito racial, que extrapola para o campo político. Dessa maneira, ainda que o preconceito racial pareça ser universal, o racismo não o é (SANTOS, 2004, p.119).

No livro já citado anteriormente, *Assim foi (se me parece)*(2008), Joel Rufino dos Santos, trata de conceitos referentes à identidade e ao racismo, falando sobre sua vida. Nele Joel fala sobre seu livro “*O que é racismo?*” publicado em 1980, dizendo que as interpretações que tinha na época sobre o assunto não o satisfazem mais.

Para ele, analisar com critério o racismo no Brasil depende de separar quatro fenômenos: o preconceito racial, discriminação racial, *racialismo* e o racismo propriamente dito. O primeiro seria uma forma de etnofobia, o segundo uma espécie de esquizofrenia, o terceiro, o racialismo, é classificado como uma utilização da categoria pseudocientífica de raça. E o último, o racismo propriamente dito é uma forma histórica de dominação social.

Ao falar dos intelectuais dos pobres, ele cita personalidades como as de Lima Barreto, Milton Santos, Carolina Maria de Jesus, Cipriano Barata e Paulo da Portela. Intelectuais para Joel Rufino são todas as pessoas, mesmo as iletradas e que trabalham em condições mais adversas, todo aquele que trabalha com as ideias.

Joel Rufino apresenta o exemplo de Gabriel Joaquim dos Santos, um homem negro, pobre e que teve pouquíssimo acesso a educação, mas que, no entanto, construiu uma casa que foi tombada pelo IPHAN⁹, como patrimônio histórico. “A Casa da Flor” foi construída apenas com as coisas que eram descartadas por outras pessoas. Lâmpadas antigas, pratos e copos quebrados, jarros inutilizados, entre outros objetos.

Joel trata desse artista em vários de seus escritos, um deles é o artigo intitulado “*Do lixo se fez luxo*”, publicado pela revista leituras compartilhadas em 2002, no qual ele conta a história de Gabriel: “Em São Pedro da Aldeia, Estado do Rio de Janeiro, um jovem negro levou quarenta anos para construir uma pequena casa. Ele a chamou de casa da flor.” (SANTOS, 2002, p. 1).

Com o pouco estudo que tinha, Gabriel desempenhou as mais diversas habilidades para realizar a construção da casa, foi pedreiro, arquiteto, marceneiro, designer, entre outros, só utilizando o lixo que ganhava ou que encontrava pela rua, como explicitado no livro: “Quando, excepcionalmente, os vizinhos lhe ofereciam um bibelô inteiro, um prato não quebrado, ele aceitava, mas não via utilidade” (SANTOS, 2002, p.1). O porquê da inutilidade dos objetos inteiros, como afirma Joel Rufino só pode ser compreendido em um nível histórico (SANTOS, 2002, p. 3):

A chave para compreensão da arte de Gabriel tem de ser buscada num nível mais profundo, histórico. A escravidão, que durou 80% do tempo que tem o Brasil de existência, se caracterizou, essencialmente, pela “coisificação” do trabalho

⁹Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

negro.(...)A coisificação completa do trabalhador escravo negro nunca foi completa. Ele tinha uma carta na manga, exatamente esta: do lixo fazer luxo. Recolher os restos, os cacos, as sombras, as pontas, os retalhos, o que ninguém mais quer e usar para sobreviver e criar beleza. E construir-se a si, construindo concomitantemente o mundo da beleza que nos cerca. A casa da flor, de Gabriel Joaquim dos Santos, é uma alegoria desta história. Um livro aberto para que se veja.

O próprio Gabriel, quando entrevistado, definiu sua obra: “a gente entra nas cidades grandes, aquilo lá está tudo moderno, tudo bem organizado, tudo custa muito dinheiro. As pessoas veem a força da riqueza...Mas aqui elas gostam de ver porque é à força da pobreza” (SANTOS, 2002).

Contudo, em uma visão mais restrita, os intelectuais seriam aqueles que fazem desse trabalho seu ofício: “Num sentido mais restrito, porém, intelectuais são os que fazem desse trabalho seu ofício, como os escritores, ou profissão, como os profissionais liberais”(SANTOS, 2004,p.76).E em uma visão mais restrita ainda, eles seriam os possuidores de um saber tradicional. Concluindo que (SANTOS, 2004,p.247):

Intelectual é qualquer homem, qualquer profissional liberal, qualquer membro do grupo de prestígio especializado no saber “universal” (intelectual propriamente dito) que, através dele, “pensa” os pobres, rejeitando-os ou acolhendo-os;e, enfim,qualquer ideólogo orgânico do seu grupo social. Sugeri a classificação destes últimos, no caso brasileiro em categorias: o pedante, o de classe, o dos pobres, o da ordem do povo.

Para Joel Rufino, uma saída possível para o intelectual da pós-modernidade ajudar o pobre seria, se ele assumindo uma condição de trabalhador da cultura. Que seriam conceituados pelo autor como (Santos, 2004,p.215): “os intelectuais que, de preferência no interior do aparelho do Estado ampliado, trabalham para os pobres.Uma de suas tarefas é conduzir a reforma do aparelho do Estado”

Trabalhando com a cultura, o intelectual atenderia melhor as demandas da população, pois elas estão à margem da sociedade. Sendo responsabilidade sua intervir nas expressões culturais, artística, literárias e políticas, de modo que favoreçam o pobre. Realizando, então, uma forma de resistência para o pobre, como o caso das escolas de samba. O intelectual do

pobre pode vir da pobreza, mas esse “intelectual trabalhador da cultura” deve trabalhar de forma híbrida transitando entre o erudito e o popular.

1.3- A SURPRESA DA LITERATURA: CARTAS DE PAI PARA FILHO

Foi por meio de uma necessidade que Joel Rufino dos Santos começou a escrever para crianças, quando preso político, ficou longe de seu filho Nelson por algum tempo. E pela vontade de manter um diálogo com o menino, começou a escrever cartas que traziam a ludicidade como característica, mas que abordavam temas pertinentes a formação pedagógica e ética do menino, como, por exemplo, a condição do negro e seu lugar e não-lugar na sociedade¹⁰, suas histórias em um contexto de preso político na ditadura militar, a comunicação entre literatura e História, e ainda, o papel da literatura em meio a todas essas questões.

Lugar e não-lugar é uma categoria usada por Yi Fu Tuan, no qual desenvolve que o lugar seria o espaço onde o homem cria uma identidade, uma afetividade ou “topofilia”, termo usado por Tuan para descrever a conexão afetiva entre o ser e seu espaço de vivência. Ou seja, ele (o sujeito) se sente pertencente aquele espaço humanizado. Já o não-lugar seria justamente o contrário, é quando o espaço não tem significado para o ser, geralmente sendo marcado pela homogeneização e padronização.

Mais tarde essas cartas tornam-se um livro *Quando eu voltei, tive uma surpresa*, que foi organizado por Teresa Garbayo dos Santos, esposa de Joel. (2008, p. 66) “Transferido para Hipódromo, comecei a escrever para Nelson, meu filho de oito anos. Tinha de lhe explicar que não estava viajando, como a família dissera, que estava preso, mas não era do mal, muito pelo contrário” (Santos, 2008, p.87) Começando a contar uma série de histórias para o menino.

Nos primeiros meses da prisão, a família disse a Nelson, ainda um menino que o pai estava viajando a trabalho. Pois acreditavam que Joel sairia rápido por não existir nenhuma prova substantiva contra ele. No entanto, com o

¹⁰Yi Fu Tuan, fala sobre lugar e não- lugar no livro Espaço e Lugar (1983)

passar do tempo, viu-se a necessidade de dizer a verdade já que o menino começou a sentir-se longe do pai. Segundo Rufino, seu maior medo era que o filho o confundisse com um ladrão ao saber que o pai estava preso.¹¹

A obra reúne 32 cartas que foram enviadas do Presídio Hipódromo, na rua para Nelson, na época com 8 anos, entre 12 de junho de 1973 e 11 de março de 1974. Ela conta que ao saber que o pai estava preso, Nelson procurou refugiar-se embaixo da cama, abraçado à gaiola com seu passarinho. “Rosto fechado, lágrimas nos olhos, Nelson procurou refúgio embaixo da cama e lá ficou abraçado à gaiola com seu passarinho. Nos seus oito anos, foi assim que ele expressou sua dor ao saber que o pai estava preso.” (SANTOS, 2000, p. 7).

Especula-se nessa dissertação que o ato do filho de Joel Rufino, pode ter provocado no autor algum sentimento que foi exposto no livro “*O presente de Ossanha*”, principal obra discutida nesse trabalho de pesquisa. Para Flora de Jesus(2014,p. 89),

A surpresa que teve, quando voltou de uma viagem a trabalho, insere-se nas vicissitudes da vida: nas muitas visitas que fizera ao juiz quando recluso, no cavaleiro sacrificado como oferenda à Iemanjá e, por que não, (...) no abraço de Nelson à gaiola com seu passarinho, debaixo de sua cama. Não seria essa última, uma referência à gaiola do pássaro “Cora” pertencente ao moleque de *Presente de Ossanha*(2006b)? Aquele pássaro que instituiria, ao final da história, o moleque escravo como “sujeito desejante”...Ou, depois da surpresa: as cartas e através delas, a reinvenção de uma pedagogia de um conteúdo já formatado, a recriação de muitas histórias, as visitas de Nelson no presídio, as amizades que fez nele, as leituras e escritas, o empenho colorido de um pai amoroso... Não seria este empenho, também, a mesma obstinação do “Marinho, o marinho”, infante-juvenil, sua primeira história editada para crianças? Aquele marinho que se recusava a usar o boné e usava um pintassilgo na cabeça.

Além disso, sabe-se que Ossanha, segundo Pierre Verger (2018, p. 50), traz como símbolo uma haste de ferro que tem em sua extremidade um pássaro. Ele relata que “uma história de Ifá nos ensina como o pássaro é a representação do poder de Ossanha, é o mensageiro que vai a toda parte, volta e se empoleira sobre a cabeça de Ossanha, para lhe dizer seu relato.”

¹¹http://www.terra.com.br/istoegente/46/reportagem/rep_joel_rufino.htm

Figura 1*Símbolo de Ossaim*¹²

A imagem acima é uma representação do símbolo de Ossaim, nela podemos observar a haste com o pássaro na extremidade. O símbolo acaba nos remetendo também mitologia descrita por Reginaldo Prandi (2011, p. 156), em que o astuto orixá se traveste de pássaro, e canta para trapacear na disputa pelas filhas de um rei.

Um rei decidiu casar a sua filha mais velha. Dá-la-ia em casamento ao pretendente que adivinhasse o nome de suas três filhas. Ossaim aceitou o desafio. À tarde, Ossaim saiu sorrateiro por trás do palácio. Subiu no pé de obi e se escondeu entre seus galhos. Quando as três princesinhas saíram para brincar, Foram surpreendidas por um canto que vinha daquela árvore. Era o canto de pássaro irresistível, de um passarinho das matas de Ossaim. Mas o canto era de Ossaim, imitando o pássaro. O passarinho brincou com as três princesas e conseguiu assim saber o nome delas. AióDelê, OmiDelê e OnãInã, eram estes os nomes das filhas do rei. Sua esperteza havia dado certo. No dia seguinte Ossaim foi ao rei e declamou a ele o nome das princesas. Ossaim então casou-se com a mais velha. Sua esperteza havia dado certo. Ossaim desde então é identificado com o pássaro.

O título do livro, *Quando eu voltei, tive uma surpresa*, é marca da primeira carta que Joel Rufino escreveu da prisão destinada a Nelson, explicando ao filho, o que tinha acontecido e o porquê de ter sido preso, narrando ainda como havia acontecido. Vemos, então, a explicação do pai dada atenciosamente ao filho que estava a sua espera (SANTOS, 2000, p. 9):

Nelsinho, meu querido,
(...) Esta carta é para lhe contar o que está acontecendo comigo. Eu viajei logo depois do Natal. Se lembra? Fui ao norte

¹² Retirado: <http://yemanjaonsangonlaorileedekabinda.blogspot.com/2011/10/ko-si-ewe-ko-si-orisa-sem-folhas-nao-ha.html>

do Brasil, trabalhar. Quando eu voltei, tive uma surpresa. Fui convidado pelo governo a contar algumas coisas que eu fiz. Por exemplo: eu dei algumas aulas sobre coisas que o nosso governo não gosta; contei algumas histórias que o nosso governo não gosta que se conte; e, finalmente, escrevi alguns livros que o nosso governo também não gostou. Aí, o governo me pediu que esclarecesse todas estas coisas. Bom, você já sabe que as pessoas têm de esclarecer coisas deste tipo é com o juiz. Eu te expliquei uma vez o que era um juiz – e acho que você mesmo já viu um na televisão.

Durante a leitura do livro, vê-se que Joel Rufino dos Santos, na tentativa de manter-se presente na formação e na vida do filho, conta uma série de histórias para Nelson, como, por exemplo, a de Zumbi. Em uma das cartas ele diz: “Eu tive uma ótima ideia. Vou contar a você algumas histórias do Brasil (se lembra que eu sou professor de História?). Começarei com a história de Zumbi dos Palmares.” (SANTOS, 2000, p.35).

A narrativa dura algumas cartas, pois Joel faz questão de contar um pedaço a cada dia, como se estivesse desenvolvendo uma novela, “Cada dia contarei um pedaço. Quando chegar no fim, basta juntar todas as cartas e terá um livro completo.” (SANTOS, 2000, p.35).

Atenta-se ainda, para o fato de Rufino fazer uso de canetinhas coloridas e começar a fazer desenhos cada vez melhores, no decorrer da história, para ilustrar o que estava contando. “Numa das primeiras visitas, Nelsinho me presenteara com uma caixa de lápis Hidrocor. Comecei a escrever períodos multicoloridos, depois a desenhar sem jeito e no fim, com gosto” (SANTOS, 2008, p. 87).

No início e ao final das cartas ele sempre estabelece um diálogo com o filho, como nota-se durante a escrita da história: “Você não notou que estou desenhando um pouco melhor.” (SANTOS, 2000, p.35). Para Ligia Cademartori, essa é uma marca importante, como a autora bem salienta existem outros grandes autores infantis. Que utilizam este recurso. Ainda nos lembra que, Lewis Carrol, na sua obra *Alice no país das maravilhas*, que começa o parágrafo de abertura com o seguinte trecho:

Alice estava começando a se aborrecer de ficar sentada ao lado de sua irmã numa elevação do jardim, sem nada para fazer. Dava uma ou outra olhadela no livro que sua irmã lia, mas implicava: - De que serve um livro sem figuras nem diálogos?

As crianças, de uma maneira geral, se interessam por figurinhas, desenhos e cores. E acredita-se que Joel Rufino tentava encantar o filho com suas histórias, utilizando os desenhos como uma estratégia para atingir seu objetivo. Segundo Ligia Cademartori, as crianças são ávidas leitoras de imagens e a ilustração muita das vezes oferece ao leitor informações para além do texto escrito. Para a autora (CADEMARTORI 2008, p. 79):

O atrativo instantâneo que ilustrações de livros de literatura infantil exercem em crianças de qualquer época e, de modo especial, naquelas que hoje crescem em um mundo acentuadamente visual, é fato inegável e de constatação óbvia

Dessa forma, as ilustrações de Joel Rufino podem ser entendidas como elementos constituintes para chegar ao objetivo, que é a aproximação e a intervenção pedagógica do autor para com o filho. As imagens, nesse caso, ajudam no acesso ao conteúdo didático que será apresentado, sobretudo na passagem da história de Zumbi dos Palmares.

1.4- A PRESENÇA DO PEDAGÓGICO EM JOEL RUFINO DOS SANTOS

Ao cursar a faculdade de História, Joel Rufino dos Santos, esteve em contato com questões relativas à didática e ao processo de ensino-aprendizagem. Com isso, especula-se que ele pode pensar em propostas pedagógicas e estratégias educacionais que facilitassem o desenvolvimento da aprendizagem. No cárcere, ao escrever cartas para o filho, Joel Rufino apresenta uma pedagogia que contribui de forma efetiva em determinados contextos sociais e culturais, englobando os aspectos emocionais, intelectuais, sociais e culturais necessários para formação humana. José Carlos Libâneo (2010), na obra “Pedagogia e pedagogos, para quê?” (2010, p.29-30), conceitua que o pedagógico:

Ocupa-se de fato, dos processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas antes disso ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimento sobre a problemática na sua totalidade e historicidade, e ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa.

Assim, entende-se a pedagogia como a ciência da educação, que estuda através de um diálogo interdisciplinar os processos educativos, sejam

eles em espaços escolares ou não-escolares. Que contribuam significativamente para a formação humana social e intelectual do sujeito.

Além desse aspecto das cartas, que nos leva a pensar sobre a importância da história narrada por Joel Rufino, devemos refletir também sobre características do povo brasileiro, pois a cultura também é trabalhada através dessas narrativas e ela constitui-se como elemento essencial na construção identitária do povo. Em consonância com esse pensamento, Roberto DaMatta explicita(1986, p.17): “A construção de uma identidade social, então, como a construção de uma sociedade, é feita de afirmativas e de negativas diante de certas questões.”

Sobre o conceito de cultura, Clifford Geertz, reflete em seu livro “*A interpretação das Culturas*”(1989) propondo que ela é formada por teias de significados construídas pelo homem, para controle do seu comportamento (GEERTZ, 1989, p.15):

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Roberto DaMatta (1986, p.18) define que a cultura seria “a palavra que exprime precisamente um estilo, um modo e um jeito, repito, de fazer coisas.” Joel Rufino dos Santos (2004, p 187), afirma a cultura como:

Cultura é, pois, a ponte entre fundamento e destino. Não é um objeto, um ente concreto, um produto mas um processo algo que se esconde dentro e atrás do produto. Cultura não é, por exemplo, a garrafa de cerveja; é a maneira de fazer e tomar a cerveja

Mas, se por um lado a cultura controla, por outro, em suas diversas formas de manifestação, pode ser utilizada como base para a construção do empoderamento do povo e dos diversos grupos que o compõe, sobretudo em uma sociedade que historicamente mantém uma dominação hierárquica, sob o ponto de vista eurocêntrico. É justamente nesse sentido que foram analisadas as histórias narradas no livro *Quando eu voltei, tive uma surpresa: cartas para*

Nelson, pois o historiador, Joel Rufino dos Santos, ao escrever cartas a seu filho, pensa sobre questões relacionada à cultura e a formação da sociedade brasileira. Dando voz a elementos culturais que sempre estiveram à margem da História.

Vê-se isso principalmente nas histórias que serão discutidas aqui, de Zumbi dos Palmares e de Iemanjá, rainha do mar. Em uma passagem do livro *Assim foi(se me parece)*(2008) ele fala sobre a experiência dessa escrita, dizendo que:

Em 1973, o que se sabia da guerra de Palmares(1630-1695) contra o sistema colonial era pouco. Não se conhecia com segurança, por exemplo, o fim de Zumbi, emboscado num sumidouro da serra Dois Irmãos, hoje Alagoas, dois anos após a destruição de Palmares. Os historiadores encampavam a versão o-último-dos-moicanos: o herói étnico que “num gesto impressionante se precipitou do alto da serra do Gigante”. Era pouco, mas bastava para um experiente professor de história, como eu, não confundir a biografia de Zumbi com a de Ganza Zumba. Na história em capítulos que conto para Nelsinho, caprichando nos desenhos, troquei o pai pelo filho. O filho devo ser eu.

Vale lembrar que Joel Rufino ressignifica algumas passagens da História na sua narrativa ficcional. Ganza Zumba, por exemplo, passa a ser filho de Zumbi, enquanto na História, de fato, ele era um líder antecessor. Sendo o primeiro chefe do Quilombo dos Palmares. Mas, acredita-se que ele lançou mão dessa estratégia literária, como recurso pedagógico, justamente para deixar a história mais atrativa para seu filho.

Há outro livro em que Joel Rufino narra a História de Palmares e, especialmente, a figura do Zumbi. É o livro intitulado “Zumbi”, lançado em 2006 pela editora Global. Uma das primeiras indagações dele ao falar sobre o assunto é: “Por que os escravos fugiam?” (Santos, 2006, p.10), dando ele mesmo uma resposta: “para recuperar a sua humanidade.” (Santos, 2006, p.10).

Nesse livro, não existe o caráter ficcional da literatura, apesar de ter uma linguagem acessível para adolescentes. Não se trata apenas de uma biografia de Zumbi, pois ele analisa a sociedade escravista e a compara com Palmares, que, para ele, mais parecia outro Estado, dentro do espaço brasileiro, onde os negros podiam exercer a sua cultura sem ser incomodados. Como afirma Joel

Rufino dos Santos sobre essa apropriação das pessoas uma sobre as outras: “Os escravistas não tinham interesse na sua alma- ou na sua cultura, se se preferir. Queriam apenas o corpo. A religião, a língua, a arte a ciência, os costumes, nada disso interessava” (SANTOS, 2006, p. 10).

A cultura africana para eles seria um luxo desnecessário, como expressa o autor: “Eles a admiravam primeiro, depois a desprezaram. Mais do que um luxo, era um estorvo à escravidão dos africanos, pois ela é que os mantinha como seres inteiros.” (SANTOS, 2006, p. 10). Assim, era preciso não deixar os escravos exercerem a cultura de sua terra. Era preciso suprimi-la, era preciso reificar o escravo: “Tiravam-lhe o nome tribal, impunham-lhe outro, português, proibiam-lhe a religião ancestral, forçavam-lhe a aceitar a de cristo.” (SANTOS, 2006, p. 11).

A imagem abaixo foi retirada do livro, *Quando eu voltei tive, uma surpresa*, nela pode-se observar o desenvolvimento de Joel Rufino para a ilustração, pois com muito cuidado ele tenta retratar o que está sendo narrado para o filho, nela fica claro que Rufino acaba fazendo o desenho para ajudar na comunicação da história para o filho(SANTOS, 2000, p. 88).

Figura 2



Fonte: Quando eu voltei, tive uma surpresa (2000)

Como podemos ver, a imagem contribui de forma significativa com o texto, aumentando a possibilidade de imaginação e entendimento do que está sendo dito. Joel Rufino faz uso de diversas cores de canetinhas, desenha a aldeia, os navios dos Holandeses, as palmeiras e vários outros elementos presentes no texto. Na história de Zumbi, Joel Rufino dos Santos conta com muita criatividade que em 1630, quando os holandeses invadiram o Brasil, alguns negros, que estavam escravizados, aproveitaram o momento para fugir. Procuraram um lugar escondido, para se estabelecer: “Eles foram morar bem longe. O lugar se chamava Palmares. Pois lá havia muitas palmeiras. Eles comiam o palmito que ficava dentro da palmeira. Com o tronco faziam estacas para proteger a aldeia.” (SANTOS, 2000, p.37).

Lá os negros viviam felizes, pois não eram escravizados. Havia somente um problema, não tinham mulheres em Palmares. Então, após uma reunião os homens resolveram traçar estratégias para salvar as suas mulheres das fazendas: “Quando caiu a noite...Atrás de cada pé de cana havia um negro escondido. Nesta noite inesquecível de 1630, muitas escravas foram roubadas das fazendas... e Palmares cresceu!” (SANTOS, 2000,p.37).

Na carta seguinte ele continua contando ao filho que as escravas que foram resgatadas tiveram filhos e Palmares cresceu ainda mais. As casas já eram de madeira, feitas com o tronco das palmeiras que cercavam o local e a aldeia estava se desenvolvendo: “Construíram-se novas casas- só que agora de troncos de palmeiras, muito mais fortes e bem feitos” (SANTOS, 2000, p.41).

No capítulo seguinte, ele segue narrando que os senhores de escravos estavam extremamente aborrecidos com a inteligência dos negros, que haviam fugido e ainda libertado suas mulheres: “Contudo os senhores donos dos escravos ficaram com muita raiva e atacaram Palmares. A guerra terrível estava começando” (SANTOS, 2000, p.45). Eles atacaram Palmares por cinco vezes e em todas os negros venceram.

Figura 3



Fonte: Quando voltei, tive uma surpresa (2000)

Cansado das derrotas, o governador resolveu chamar o líder dos escravos, que se chamava Zumbi. Como conta Joel (2000, p.45): “Zumbi perguntou o que o governador queria. O governador leu um papel perguntando se Zumbi queria fazer as pazes.” Se o líder dos escravos, aceitasse a guerra acabaria e eles poderiam viver em paz em Palmares, mas, em troca, não poderiam “roubar” mais mulheres. Rufino continua com uma indagação ao filho (2000, p.45): “Zumbi aceitará essa paz? É o que veremos no próximo capítulo! Mil beijos no Nelson querido. Joel”

É importante ressaltar que na carta seguinte ele começa fazendo uma rememoração dos capítulos anteriores: Santos, 2000 p. 49)

Resumo dos capítulos anteriores: Os escravos aproveitaram a invasão dos holandeses para fugir. Depois, eles raptaram as escravas. Aí começou a guerra, pois os donos de escravos ficaram morrendo de raiva e de medo. Raiva contra os escravos e medo de perderem todos os seus escravos, escravas e escravinhos.

Joel Rufino conta para o filho, que Zumbi aceitou a proposta do governador e a paz foi estabelecida naquele momento. Nisso o líder dos escravos volta para Palmares, onde foi realizada uma grande festa de sete dias e sete noites, em que todos estavam vestidos de branco, e Zumbi recebeu muitos presentes por ter conseguido negociar a paz. Ele pronuncia dizendo (2000, p.49): “A paz é para o povo poder trabalhar. Guardaremos as armas. O negro será livre.!”

Figura 4



Zumbi tinha uma filha que se chamava Noite, ela era tão linda que os escravos os escravos fugiam para Palmares só para poder admirá-la e todos os rapazes queriam se casar com ela. (Santos, 2000, p. 49):

Noite trabalhava de dia. E dançava de noite. A lua fitava Noite e, muitas vezes, quando Noite ia nadar no rio, a Lua pensava: como ela é bela. Havia, porém, uma coisa em Noite que era melhor do que sua grande beleza. Era que Noite amava a liberdade. Ninguém escravizaria a Noite! Noite era bela porque queria ser livre!

O líder dos escravos também tinha um filho, Ganga Zumba, que era casado com África. Santos, (2000, p. 49): “A mulher de Ganga Zumba se chamava África, pois África era o lugar de onde todos os escravos do Brasil vieram.” Ela também era muito bonita, mas não se igualava a beleza de Noite. O que as duas tinham em comum era que, como Noite, ela preferia a morte a ser escrava novamente.

Quando o chefe, Zumbi, os avisou de que não iria mais ter guerra, eles discordaram: “Como não vai ter mais guerra?”; “Por que o senhor mandou o povo guardar as armas?”; “Então o senhor acredita que os senhores vão deixar a gente em paz?” (Santos, 2000, p. 49): Perguntaram Ganga Zumba, África e Noite, respectivamente. Eles achavam que os brancos tinham enganado o pai e que o povo tinha mais é que lutar para ser livre.

No dia 05 de setembro de 1973, quase um mês após a última carta que trazia no seu conteúdo a história de Zumbi do dia 14 de agosto de 1973, Joel escreve ao filho o seguinte relato:

Nelson, eu perdi um pouco a noção da história de Palmares que estava te contando. É uma bela história, mas eu não pude contar toda de uma vez. O resultado foi que, agora, não sei bem onde parei. (Nós só podemos escrever 3 páginas por carta, pois são muitas pessoas querendo escrever para seus parentes- então ficou combinado que cada um só escreveria 3 páginas.)

Vale lembra que houve uma carta entre essas, datada como de 28/VIII/73. Joel usou algarismos romanos nos meses das cartas, acredita-se que seria para ajudar ao filho a compreender o conteúdo. Ele continua: “Acho que parei quando Zumbi voltou para Palmares, depois de assinar a paz com o Governador.” (Santos, 2000, p.55).

Ganga Zumba, filho de Zumbi, não concordou com o pai, ele acreditava que a guerra deveria continuar. Ao mesmo tempo, o governador e o Rei brigaram, pois o Rei também não acreditava na paz “-Temos que viver em paz com os negros - disse o governador. - Não disse o Rei. – Os negros precisam ser destruídos!” (Santos, 2000, p.57). O Governador foi demitido e o novo mandou logo que atacasse Palmares novamente. Ganga Zumba havia retirado o pai do cargo de chefe dos negros. E comandados por ele os negros venceram mais uma vez.

A partir de então o Rei, extremamente furioso, mandou chamar Domingos Jorge Velho, uma pessoa terrível para lutar contra Palmares, Domingos era um paulista, caçador de índios (SANTOS, 2000, p.57):

O Rei chamou esse horroroso caçador de índios. Disse-lhe: Quero que destrua Palmares. Está bem. Mas vou logo lhe dizendo que quero muito ouro e muita terra para fazer esse serviço. Minha especialidade é caçar índios, mas pode ficar tranquilo. Caçarei estes negros. E lhe tarei suas orelhas.

Quando chegou em Palmares, Jorge Velho não atacou logo, mandou que cercassem tudo, isolando a cidade de Palmares e impediu os comerciantes que passavam de vender comida para os negros. Depois de cinco meses sem beber e comer os guerreiros de Palmares não haviam se rendido, estavam dispostos a lutar até a morte. Domingos, então, mandou uma escrava doente de varíola para a cidade e os negros a acolheram, sem saber que era uma doença contagiosa que matava muito rapidamente.

Todos os Negros ficaram doentes, Noite, a filha de Zumbi, o grande líder dos escravos, morreu. Ganga Zumba e até o próprio Zumbi também ficaram doentes. Foi nesse momento que Domingos Jorge resolveu atacar Palmares destruindo tudo (SANTOS, 2000 p. 61) “A cabeça de Ganga Zumba ele levou espetada num pau. Isto é para os escravos verem que Ganga não é imortal. E zumbi? Zumbi não se rendeu. Ele preferiu atirar-e de uma rocha bem alta. Prefiro a morte à escravidão!” (foram suas últimas palavras)

A história é encerrada através de um diálogo com seu filho, em que ele lembra a temporalidade do acontecimento e ressignifica o final trágico a que o grupo de escravos foi acometido: (SANTOS, 2000 p. 61)

Essa história aconteceu há 400 anos. Mas, até hoje os negros acreditam que Zumbi não morreu. Sempre que um menininho, ou menininha preta sorri, eles acreditam que é Zumbi que está

sorrindo por ele ou por ela. Zumbi continua vivo no sorriso de todas as crianças negras do mundo. No Brasil, na África, no Peru, no Haiti, nos Estados Unidos- em toda parte.

Não há como falar da história de Zumbi dos Palmares, da escravidão e da forma como Joel escreve, sem falar sobre o preconceito, no racismo e na formação da sociedade brasileira. No livro Zumbi, Rufino fala que “Na sociedade colonial escravista, os lugares estavam fixados de antemão. Pretos eram escravos, índios eram servos, e brancos por definição eram livres” (SANTOS, 2006, p. 20).

Roberto DaMatta, no livro: *O que faz o Brasil, brasil?*, conceitua que o estamos em um “triângulo racial” que inviabiliza uma visão histórica da nossa formação como sociedade. (DAMATTA 1986, p.47):

De fato, é mais fácil dizer que o Brasil foi formado por um triângulo de raças, o que nos conduz ao mito da democracia racial, do que assumir que somos uma sociedade hierarquizada, que opera por meio de gradações e que, por isso mesmo, pode admitir, entre o branco superior e o negro inferior, uma série de critérios de classificação.

Ao acreditarmos que o Brasil foi feito pelo trabalho de negros, brancos e índios, o famoso “mito das três raças”, acabamos aceitando que esses encontros deu-se de forma espontâneo, como diria DaMatta (1986, p.46) “Numa espécie de carnaval social e biológico. Mas nada disso é verdade. O fato contundente de nossa história é que somos um país feito de portugueses brancos e aristocráticos, uma sociedade hierarquizada.”

Para Roberto DaMatta (1986, p.47), o nosso preconceito é muito mais sofisticado e contextualizado do que o de outros países, uma vez que nos deixamos conduzir por esse triângulo mítico de três raças trabalhando harmoniosamente para o desenvolvimento do país. O que acaba viabilizando o mito de democracia racial.

Para ilustrar esse pensamento, ele mesmo cita a frase de Florestan Fernandes: “Acabamos desenvolvendo o preconceito de ter preconceito.” (DAMATTA, 1986, p.47). E, em uma sociedade na qual existe um preconceito velado, é muito mais eficiente discriminar as pessoas (DAMATTA, 1986, p.47) De acordo com DaMatta: “Numa sociedade onde não há igualdade entre

peçoas, o preconceito velado é uma forma muito mais eficiente de discriminar peçoas de cor, desde que elas fiquem no seu lugar e “saibam” qual é ele.” Para ele(DAMATTA, 1986, p.48):

É claro que podemos ter uma democracia racial no Brasil. Mas ela, conforme sabemos terá que estar fundada primeiro numa positividade jurídica que assegure a todos os brasileiros o direito básico de toda a igualdade: o direito de ser igual perante a lei! Enquanto isso não for descoberto ficaremos sempre usando a nossa mulataria e os nossos mestiços como modo de falar de um processo social marcado pela desigualdade, como se tudo pudesse ser transcrito o plano biológico e do racial.

É fato que o mito da democracia racial já vem sendo discutido há muito tempo, assim como a formação do triângulo das três raças, como podemos ver na letra da canção: “O canto das Três Raças”, que foi lançada e interpretada por Clara Nunes ¹³ na década de 70, em meio à ditadura militar.

Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou¹⁴

Esse trecho do samba consegue aglutinar, tudo que vem sendo discutido, nesse momento na dissertação, pois ele aborda a figura do negro que, na condição de escravizado, funda o espaço do Quilombo do Palmares, em resposta a absurda violência que vinha sofrendo. E, ainda como forma de resistência aos processos de aculturação impostas a ele. O negro encontra em Palmares não só um refúgio a violência, mas também uma forma de exercer sua autonomia, liberdade e cultura. Mantendo viva a sua identidade.

Joel também faz uso de canções para introduzir o assunto, como vemos na carta do dia 02/02, “Dia 2 de fevereiro dia de festa no mar, eu quero ser o primeiro, a saudar Iemanjá.” A letra de Dorival Caymmi é a abertura da carta, em que o pai começa a contar para o filho uma experiência sua na Bahia.

Durante a leitura das cartas, fica muito clara a tentativa de Joel em acompanhar o crescimento e o dia a dia de seu filho. Como vemos no diálogo: “Nelson, me conte tudo o que está pensando, você está triste, está alegre ou mais ou menos?” (SANTOS, 2000, p. 15). Uma marca importante percebida

¹³Clara Francisca Gonçalves Pinheiro. Que tinha como nome artístico, Clara Nunes. Foi uma intérprete e sambista, brasileira.

¹⁴“O Canto das Três Raças”, composição de Paulo César Pinheiro e Mauro Duarte, gravada por Clara Nunes no LP Clara, de 1974.

nas cartas é justamente a sintonia das datas com os conteúdos abordados, quando que ele escrevia para o filho. As histórias que ele conta tem sempre um porquê de terem sido narrada. Como, por exemplo, a segunda história selecionada para ser analisada, a de lemanjá.

A história aqui trabalhada, que foi contada para Nelson no dia 02 de fevereiro, fala sobre práticas culturais brasileiras de uma forma atrativa e de fácil entendimento para as crianças. Fazendo uso do calendário para introduzir esse conteúdo, ele diz: “Hoje é um dia especial. Primeiro porque você veio me visitar, depois de tanto tempo. Segundo porque é dia de lemanjá, a Rainha do Mar” (SANTOS, 2000, p.123).

O texto aqui analisado diz respeito a uma prática cultural, que constrói e reconstrói identidade, Joel Rufino escreve de uma forma em que as relações culturais são abaladas, pois há uma ressignificação dos padrões e os grupos subalternizados historicamente conseguem, em suas narrações, reafirmar suas identidades. O teórico estudioso jamaicano Stuart Hall (2000, p.108), em seu texto “*Quem precisa da identidade?*” nos diz que as identidades estão sujeitas a uma *historicização* radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. Nesse ponto de vista, a cultura é construída e reconstruída, pelo homem, ao longo das gerações. E, a identidade segue essa mesma análise, pois é elaborada e reelaborada ao longo das épocas. Segundo ele (2000, p108):

Onde nos situamos relativamente ao conceito de "Identidade" Está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais, de uma forma ou de outra, criticam a idéia de identidade integral, originária e unificada.

É oportuno lembrar o pensamento de Geertz (1989), ao afirmar que o candomblé é uma história sobre o povo que eles contam a si mesmos. Sendo assim, a festa de lemanjá é uma manifestação cultural, pública de religião afro-brasileira, que acaba por contribuir para o aumento da visibilidade social, da cultura e para quebra do preconceito.

A festa reúne uma multidão dos mais diferentes segmentos religiosos, que se juntam por um só objetivo, a fé na rainha do mar, reafirmando valores e tradições culturais na sociedade. Ainda, conforme afirma Hall (2000, p.129):

“todas as identidades funcionam por meio da exclusão, por meio da construção discursiva de um exterior constitutivo e da produção de sujeitos abjetos e marginalizados, aparentemente fora do campo do simbólico, do representável”.

Nessa história, Joel escreve ao filho narrando uma experiência que teve com Iemanjá, mais precisamente a festa na orla da praia do Rio Vermelho, em Salvador a capital baiana: “Há muitos anos eu vi uma festa de Iemanjá, na Bahia. Você nem sonhava em nascer, quem sabe onde você andaria, no espaço, dividindo uma porção de poeirinhas... A festa de Iemanjá era estranha e fascinante”.

Joel conta que assistiu o cortejo a Iemanjá e descreve o ritual religioso, da sua maneira: “Primeiro, nós ficamos 4 dias e 3 noites fechados numa casa. Enquanto isso a babalaorixá preparava a comida para ser levada a Iemanjá” (Santos, 2000, p. 123). Babalaorixás são, segundo Roger Bastide, os sacerdotes que cuidam os orixás (1961, p. 183):

Os babalaôs são os sacerdotes dos homens enquanto indivíduos e das coletividades sociais enquanto relações entre homens; os olosaim são os sacerdotes da natureza viva- e se o termo de "vivo" não fosse tão importante, ficaríamos tentados em dizer que a distinção entre os dois sacerdócios equivale à que existe seres e pessoas; os ogo são sacerdotes dos mortos. Os babalorixá ou ialorixá são os sacerdotes dos deuses.

Mas, Rufino esclarece para o filho na carta “Babalaorixá é o encarregado de conhecer os mistérios da Bahia”. (SANTOS, 2000, p.123).Ele continua:“Na manhã do dia 2, mal o sol apontou no horizonte do mar, saímos. Estávamos todos vestidos de Branco, porque assim é que Iemanjá gosta”. (2000, p.123).

Na mitologia, os orixás têm uma forte relação com a natureza, cada divindade representa uma força da natureza, como o vento, a água, as folhas, a floresta, entre outros. Iemanjá é a senhora das águas e mãe de todos os Orixás. Pierre Fatumbi Verger (1997), conta em seu livro *Lendas dos Orixás*, que Iemanjá era filha de Olokum, a deusa do mar, um dia ela casou-se com Olofin-Odudua e teve 10 filhos. Essas crianças também eram orixás e, de tanto que ela amamentou seus filhos, os seios de Iemanjá ficaram enormes.

Cansada de viver nesse lugar, Iemanjá fugiu na direção do entardecer. E encontrou Okere e casou-se com ele na condição de ele nunca ridicularizar

seus seios. Um dia, Okere, bebeu e acabou falando "Você, com seus seios compridos e balançantes! Você, com seus seios grandes e trêmulos!" (VERGER, 1997, p. 41).

Iemanjá se ofendeu e fugiu! Mas antes de seu primeiro casamento, Iemanjá recebeu de sua mãe Olokum uma garrafa contendo uma poção mágica, que a disse para em caso de necessidade jogar a garrafa no chão.

Na fuga, Iemanjá tropeçou e deixou a garrafa cair, ela quebrou e nasceu um rio, que levaria Iemanjá direto para o oceano, residência de Olokum. Porém, Okere, correu atrás da esposa e transformou-se em uma colina, colocando-se em seu caminho. Iemanjá chamou o mais poderoso de seus filhos, Xangô, "KawoKabiysiSango, KawoKabiyesi Obá Kossôl" (VERGER, 1997, p. 41).

Que desfez todas as amarras que prendiam Iemanjá, lançando um raio sobre a colina de Okere, que abriu-se em duas. Iemanjá foi para o mar junto de sua mãe e desde então recusa-se a voltar para terra. Seus filhos saúdam-na: "Odo Iyá, Yemanjá, AtaramahbáAjejêLodôIAjejêNilêl" (VERGER, 1997, p. 41).

Na carta para Nelson, Joel Rufino discorre: "Ela é uma rainha muito caprichosa, basta ver que usa diversos nomes. No Rio, por exemplo, ela gosta de ser chamada: D Janaína. Mas podemos chamá-la: Inaê. Ou Oloxum, que sem dúvida é o mais bonito". No samba lenda das sereias (1976), que foi samba enredo da escola Império Serrano-RJ, vemos em um trecho os nomes de Iemanjá:

Oguntê, Marabô, Caiala, e Sobá
Oloxum, Ynaê, Janaina e Iemanjá
Oguntê, Marabô, Caiala, e Sobá
Oloxum, Ynaê, Janaina e Iemanjá
São rainhas do mar.¹⁵

A homenagem a Iemanjá é motivada pela devoção dos pescadores a divindade das águas e a data dois de fevereiro refere-se à figura de nossa senhora das candeias, sincretizada na religião e que é celebrada nesse dia. Dando continuidade a história, Rufino dos Santos fala (2000, p.123):

Você sabe que Iemanjá vive no fundo do mar, quando morre uma pessoa afogada vai com ela se encontrar. A princesa de Aiocá, (este é outro dos seus mil nomes) então leva o

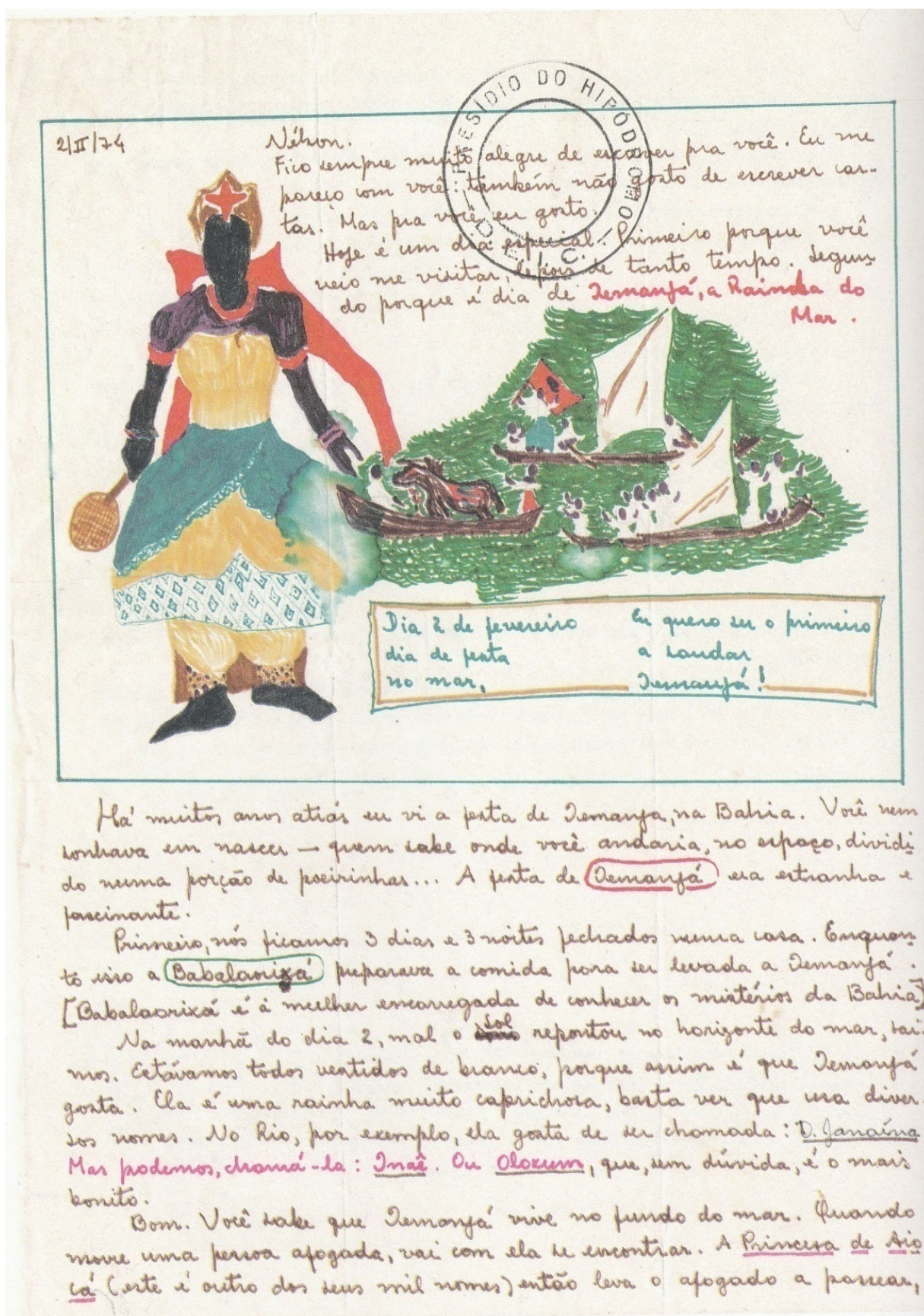
¹⁵ Música "Lenda das Sereias" interpretada por Clara Nunes. In: <https://www.youtube.com/watch?v=69w5iqfrKsw>

afogado a passear e lhe faz uma cama e, de noite, se deita ao seu lado para consolar. De dia, outra vez são passeios pelo fundo dos sete mares. Iemanjá vai na frente, a pé; e o afogado atrás, montado num cavalo.

Falando sobre as oferendas e sacrifícios feitos para rainha do mar, ele conta que foram levadas comidas, flores, palmas de folhagens para os barcos, com a finalidade de entregá-las à Orixá. As pessoas iam junto das oferendas, dentro dos barcos (SANTOS, 2000, p.123): “Eu entrei no meu. Iam velhos, meninas, pescadores, marinheiros, gente de toda parte da Bahia. Foi nesse momento que eu vi uma coisa estranha num dos barcos estava um cavalezinho.” Sobre o sacrifício de animais, Roger Bastide salienta (1961 p.21):

Teme-se sem dúvida que a vista do sangue revigore entre os não-iniciados os estereótipos correntes sobre a " barbárie" ou o "caráter supersticioso" da religião africana. Uma pessoa especializada no sacrifício, o axôgun ou achôgun, que tem essa função na hierarquia sacerdotal, é quem realiza ou, na sua falta o babalorixá, sacerdote supremo. O objeto do sacrifício é sempre um animal, muda conforme o deus ao qual é oferecido

Figura 5- Carta de Joel- ilustração festival de Iemanjá



Fonte: Quando voltei, tive uma surpresa (2000)

O festival de Iemanjá é uma prática cultural muito difundida no Brasil, e o evento, em Salvador, tornou-se uma atração da cidade, sendo assim, costuma reunir uma multidão de pessoas, que levam presentes para serem entregues a divindade na sua morada, o mar. Na cultura, o local onde a festa ocorre se transforma (AGUIAR, 2014).

As cores, azul e branca, surgem na cidade e as representações de Iemanjá ficam mais evidentes, como elemento decorativo. Além disso, há shows e os bares, restaurantes, pousadas e hotéis, acabam se integrando ao evento (AGUIAR, 2014). Essa prática cultural acaba mudando a rotina de toda uma região, assumindo uma dimensão muito maior do que o aspecto religioso e cultural, ultrapassando-os e envolvendo o social, turístico e econômico também (AGUIAR, 2014).

Continuando a história, Rufino narra que os barcos seguiram para alto mar, ao som dos cantos entoados com muita alegria pelo povo: “Cantávamos, dançávamos, batíamos palmas para acompanhar o samba (como se faz na Bahia). O vento levava para praia o som dos berimbaus, dos ganzás, das bocas-de-sapo” (SANTOS, 2000, p.124). Segundo Joel Rufino (2000, p.124).

Chegamos. Os barcos pararam. A babalaorixá mandou o povo entregar os presentes, as comidas, as flores. As coisas, arrumadas em cestos, flutuavam um pouco e logo depois afundavam – Oloxum estava lá embaixo esperando, com meus negros cabelos soltos, sua estrela vermelha na testa. Esperando, feliz, os presentes do povo. Eu pensei que estava na hora de voltar, que a festa acabara. Mas tive uma surpresa.

É importante destacar que esse ritual público na orla do rio vermelho tem uma conotação mágica, a Umbanda e o Candomblé são religiões mágicas e, assim, acabam levando essa atmosfera para os seus rituais, sejam eles públicos ou privados (AGUIAR, 2014). As oferendas e os sacrifícios fazem parte dessa prática compondo o elemento do sagrado. Na história de Joel Rufino dos Santos é somente quando ocorre o sacrifício que Iemanjá faz um contato mais direto com a população:

A babalaorixá passou para o barco que iam o cavalinho. 3 pescadores junto com ela. Eles seguraram o cavalinho pelas pernas. A babalaorixá agarrou a cabeça dele, prendeu por baixo do braço e com a mão esquerda puxou uma faca da cintura- na verdade era mais um punhal que uma faca. E furou-lhe os dois olhos! O cavalinho errou de dor e desespero. Os

homens, então o largaram. Ele esperneou um pouco dentro do barco e chaa! Mergulhou nas águas verdes do mar.

Impressionado com o ocorrido e sem compreender muito bem esse aspecto da identidade cultural afro-brasileira, ele acaba perguntando o motivo do sacrifício e uma das pessoas que participava do momento religioso responde que o cavalinho era o presente preferido da rainha do mar. Pois com ele, lemanjá poderia levar os afogados bonitos, para perto de si. Quando questionou o porquê de furarem os olhos do animal, responderam: “é pra ele não ver a praia e não voltar nadando. Cego e com dor, ele vai direto para o fundo. O povo voltou naquela alegria.” Cantavam: (SANTOS, 2000, p.124):

Ê-ê-ô
Vem senhora, Rainha do Mar.
Ê-ê-ô
Vem tristeza acabar,
lemanjá...¹⁶

Em seguida, ele chama a atenção contando que o cavalinho que teria sido ofertado como presente a lemanjá, durante o ritual da babalaorixá, fora devolvido. “De repente o armou-se uma tempestade. O sol se abriu num buraco enorme e alguns barcos entraram ali- felizmente dois garotos que iam nele conseguiram pular fora”. (SANTOS, 2000, p.125)

Nisso, a rainha do mar revoltada com ato, entrou em comunicação com o povo e os fez prometer que nunca mais a presenteariam com um cavalinho de olho furado. (SANTOS, 2000, p.125):

A Babalaorixá não sabia o que fazer. De repente ela começou a tremer como se estivesse levando choques. E entrou em comunicação com lemanjá, Lá embaixo do mar. lemanjá lhe falou que estava muito zangada, e que não admitia mais aquilo, de jeito nenhum. Nunca mais queria cavalinho de presente. O povo tinha que prometer.

Rufino atenta ao filho: “Nelson, essa história é um pouco verdade e um pouco mentira. Como toda história deve ser. Você mesmo pode descobrir o que aconteceu, e o que é fantasia, invenção do seu pai” (SANTOS, 2000, p. 125).

¹⁶ Ponto de lemanjá, entoado na história de Joel Rufino dos Santos em “*Quando voltei, tive uma surpresa*” (2000)

É importante ressaltar que Iemanjá é a orixá, que no Brasil, é uma das mais poderosas socialmente, transcendendo a religião. Ela rompe com preconceitos e faz uma multidão vestir branco e jogar flores no mar, na verdade ninguém oferece flores para Nossa senhora dos Navegantes. Oferece-se para Iemanjá.

Iemanjá também me remete à belíssima Prece de Pescador, de Mariene de Castro, que mostra ao mundo boa parte da nossa história africana cruelmente abolida dos livros escolares, mas que se perpetuaram na tradição oral e musical:

Que luz é essa
que vem lá do mar?
É a Senhora das Candeias
Mãe dos Orixás¹⁷

E é, justamente, a força de Iemanjá, da música, da capoeira, da cultura que introduzem as religiões africanas em muitos espaços. No entanto em 2018, esses aspectos da nossa cultura voltam a ser desprezados pela política no Brasil e por parte dos nossos políticos, aqueles que vão na contramão de Joel Rufino dos Santos, que têm medo do povo, especialmente do povo negro.

¹⁷ Prece de Pescador – Mariene de Castro

CAPÍTULO2- JOEL RUFINO UM PRESENTE DE OSSANHA

A obra “*O presente de Ossanha*” (2009) teve sua primeira edição no ano 1997, tendo sido publicado pela editora Global, em uma época em que Joel Rufino já trabalhava como professor na pós-graduação em Literatura Infantil da faculdade de Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Nesta pesquisa, foi utilizada a sua segunda edição, lançada em 2006. O livro tem a capa feita de papel cartão, com o fundo amarelo, trazendo uma belíssima e alegre ilustração, do encontro entre Ossanha e o menino moleque.

Conta com 16 páginas em papel *couché*, escritas por Joel Rufino, em letras pretas e ilustradas por Maurício Veneza. O livro possui um tamanho médio, aproximadamente 21x 25 cm. O texto geralmente fica localizado em uma página e a ilustração em outra, no entanto, nas páginas duplas existem ilustrações maiores, que tomam todo o espaço e, por vezes, o texto e a ilustração se misturam.

O texto e as imagens conversam o tempo inteiro, sendo um o complemento do outro. Eles estabelecem uma sintonia, sempre que um sugere alguma coisa, o outro também parece sugerir. O autor se apresenta na última página do livro, se colocando como historiador e professor universitário do curso de Letras. Mostrando, mais uma vez, que sua relação com os filhos foi o que o levou a ser escritor de literatura para crianças e jovens: Depois que nasceu sua filha Juliana, começou a contar às histórias que sabia ou inventava de um jeito que ela compreendesse. (SANTOS, 2006).

Maurício Veneza, ilustrador da história, não aparece nessa edição do livro, contudo, sabe-se que ele nasceu em Niterói, no Rio de Janeiro, e trabalha como desenhista para agências publicitárias, jornais, revistas, televisão, livros infantis e didáticos. Seu trabalho chama atenção no livro, principalmente pela riqueza das cores, que são muito bem distribuídas, sensibilizando o leitor ao primeiro olhar.

A literatura de Joel Rufino, foi um verdadeiro presente de Ossanha. Com ela reflete-se sobre as relações de amizade, ética, caráter, questões de identidade, empoderamento e representatividade. Discute-se, também, a tradição africana, bem como a sua cultura. Mesmo no contexto contemporâneo, em que se vê a fluidez cada vez mais acentuada. E o valor da pessoa é medido pelo seu poder diante do capital em um “somos aquilo que podemos comprar”.

Nestor Garcia Canclini, no livro “Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.” (1997), aponta para essa relação entre ser alguém e ser consumidor, destacando que as mudanças no consumo atingem a cidadania. O autor também procura defender o processo de globalização como uma organização das diferenças culturais e não como uma simples homogeneização.

2.1- O TECIDO DA OBRA EM ANÁLISE

Através da análise da obra pode-se perceber que se trata de um texto que tem uma abordagem intertextual, uma vez que o autor consegue realizar um diálogo com outros textos. Observa-se também que ele é construído em perspectiva interdisciplinar, pois faz o sujeito leitor pensar por diferentes contextos como: histórico, geográfico, filosófico e cultural. Joel Rufino cria uma conexão entre a literatura cultural, literatura africana e literatura infantil, elaborando um discurso único permeado por estratégias para que o leitor compreenda a mensagem que está sendo passada.

O *presente de Ossanha* conta a história de um menino escravizado, comprado para brincar com o filho do senhor de um engenho de açúcar. O escravo não tem nome, então o chamam de moleque, com letra minúscula, pois ele era descartável. Estudos históricos sobre a criança negra afirmam que naquela época “Poucas chegavam a ser adultos” (PRIORE, 2007, p.180) e que quando isso acontecia, era dada pouca importância, como um acontecimento do dia a dia, “(...) sendo substituídas por outras. Não era vista como um ser que faria falta.” (PRIORE, 2007, p.110). Vera Duppont (2015, p.1999) esclarece:

O tráfico de crianças escravas da África para o Brasil representava 4% do total de escravos, sendo que dois terços dessas crianças não atingiam os dez anos de vida, já que desde os quatro anos trabalhavam e, na maioria dos casos, se perdiam de seus familiares. As que sobreviviam tinham seu valor aumentado diante do mercado, pois já haviam adquirido competências importantes e eram consideradas úteis nos afazeres domésticos. A partir dos doze anos, o valor de mercado dessas crianças dobrava pelo grau de adestramento adquirido nos núcleos de produção ou pelas habilidades aprendidas nas tarefas domésticas. Em função disto, meninas e meninos levavam como nome a profissão que exerciam, tais como: Chico Roça, João Pastor, Ana Mucama

A história passa na época do Brasil Colonial, o menino negro não tem nome, identidade, chama-se moleque, com letra minúscula, apesar de ser seu possível nome, substantivo próprio. Enquanto historiador, conta no livro *Zumbi* que: “os traficantes europeus ao comprarem um negro: lhe davam um nome cristão. Não o faziam por maldade: precisavam esvaziar o africano da sua cultura”(SANTOS,2000).

Percebe-se que em outras obras de Joel Rufino a mesma coisa acontece, como, por exemplo, *A botija de ouro*, na qual a personagem principal também não tinha nome, pois quando foi comprada esqueceram de perguntar o nome dela, já que ela não precisava de nome.

No livro “*O presente de Ossanha*” é descrito que a principal brincadeira dos meninos era de cavalinho: “Ricardo montava e moleque era montado. Saíam os dois pelo terreiro” (SANTOS, 2006, p. 5). Em um dia pela manhã, moleque estava de folga e resolveu caçar passarinho no mato. “Ele pegava um pedaço de pau e passava visgo, para o coitado pousar e ficar preso”(SANTOS, 2006, p. 5).

Só que nesse dia o sol já estava no alto e ele ainda não havia conseguido pegar nenhum passarinho. É, então, que ele escuta uma voz dizendo que iria lhe ajudar. “Vou lhe ajudar- disse uma voz rouca” (SANTOS, 2006, p. 5). O menino sabia que se ouvisse uma voz rouca no mato tinha que tomar cuidado, pois podia ser o Quibungo, o Ipupiara, o João-do-Mato ou a Onça Gomes.

Já tinham lhe explicado que essas criaturas tinham suas razões para não gostar de gente. Mesmo assim, sendo um menino corajoso, ele perguntou: “Quem é você?” (2006, p.5), respondendo aquela voz rouca, que ele ainda não havia identificado de quem era, e continua a fala pedindo que a figura mostre sua cara.

Nesse momento quem aparece é Ossanha. “Quem apareceu foi Ossanha. Usava um cocar e um saiote de penas, mas não era índio. Sua pele era negra, quase azul. Não tinha uma perna e não tinha um olho, perdidos numa briga com Xangô” (SANTOS, 2006, p. 7).

Há, aqui, a aproximação deste personagem com outro bem conhecido no folclore brasileiro, que é o Saci Pererê. O Saci é descrito por Câmara Cascudo (1988) como um menino negro, que usa uma carapuça de cor vermelha. É um menino muito ágil e esperto, sendo uma figura brincalhona. Está ligado, também, ao domínio da mata, assim como Ossanha, na crença africana. Sobre isso, Pierre Verger (1958, p.56) salienta:

Ossain vive na floresta, em companhia de Àròni, um anãozinho, comparável ao Saci-Pererê, que tem uma única perna e, segundo se diz no Brasil, fuma permanentemente um cachimbo feito de casca de caracol enfiado num talo oco cheio de suas folhas favoritas. Por causa dessa união com Àròni, Ossain é saudado com a seguinte frase: “Holá! Proprietário-de-uma-única-perna-que-come-o-proprietário-de-duas-pernas!”

Joel Rufino faz uma pausa no diálogo entre moleque e o orixá e narra a história de Ossanha (SANTOS, 2006, p. 7):

No começo de tudo, o criador, se chamava Olorum, tinha dado a cada filho uma parte do mundo. Para Ossanha deu a floresta: - Você cuida das plantas. Umas servem pra comer, outras para fazer remédio e outras para enfeitar a casa. Quando alguém precisar, atenda. O que fez Ossanha? Guardou as plantas só para si. – Está em falta- mentia quando alguém o procurava

Quando seu irmão Xangô ficou sabendo do ocorrido, chamou Iansã, que tinha por tarefa cuidar dos ventos. Os dois deram um castigo em Ossanha, Iansã esperou o orixá das plantas se distrair e fez uma ventania, espalhando todas as plantas pelo mundo. E agora, Ossanha está em todo lugar por onde tem mato recolhendo as plantas que foram espalhadas.

Em *Dudu Calunga*, também obra de Joel Rufino (1986), há o resgate da religiosidade afrobrasileira, na história dos terreiros de candomblé, havendo o resgate do mito de Ossanha, que representa o orixá das ervas. Nela há uma passagem em que confunde-se um cavalo com o Ossanha, e a confusão só é desfeita quando o cavalo fala “S’imbora, Dudu!”, sem causar nenhum espanto aos presentes, como é frisado na história.

Na narração fica claro que o menino, moleque, conhecia a história dos orixás e que por esse motivo não teve medo. Perguntou logo como Ossanha poderia ajudá-lo: “–Como é que o senhor-senhora vai me ajudar? (Senhor/senhora porque Ossanha é as duas coisas.) – Tome esse visgo. É da nossa terra. Com ele vai fisgar um pássaro cora.” (SANTOS, 2006,p.10). Na música popular brasileira, Ossanha é representado em uma versão feminina, sendo a deusa das ervas, mas também o traidor, o enganador:

Amigo sinhô
Saravá Xangô
me mandou lhe dizer
Se é canto de Ossanha
Não vá!
Que muito vai se arrepender [...] ¹⁸

E foi o que aconteceu, moleque fisgou o pássaro cora, que era um espanto de maravilhoso. Toda a gente queria vê-lo e apreciar seu canto. Tudo que moleque ensinava o pássaro aprendia. Foi ,então, que começaram a querer colocar um preço no Cora, mas o menino se recusava a vender.

Se aceitasse o dinheiro, poderia comprar até sua liberdade, mas sempre dizia: “– Não vendo. Nem troco por todo o dinheiro do mundo” (SANTOS, 2006, p.10). O senhor do engenho, resolveu ameaçar o menino, disse que iria arrancar a pele do menino e aplicar-lhe os anjinhos. Anjinhos eram uns anéis feitos de ferro, usados para apertar os dedos. Provocavam muita dor em quem os usava. Mas moleque não vendia de jeito nenhum.

Até que o dono do engenho de açúcar cansou de tentar comprar o pássaro e resolveu vender o menino. “– Vai ser bem longe daqui,que não quero

¹⁸ Vinicius de Moraes, 1966, faixa 1

mais te ver na minha frente, e nunca mais ouvir a voz desse passarinho” (SANTOS, 2006, p. 12). O filho do senhor, Ricardo, ficou muito triste e pediu ao pai que não vendesse o menino. Disse: “Não vende, pai. Há tempos que o escravo sou eu” (SANTOS, 2006, p.12).

O pai não deu ouvidos ao filho e vendeu o moleque. Ricardo não foi nem se despedir, estava pensando que moleque iria alegre, pois teria o pássaro cora e ele ficaria triste sem nada. Mas no dia seguinte, quando acordou e abriu a janela, ele se deparou com o pássaro na gaiola pendurada do lado de fora. E logo o cora começou a cantar.

Atenta-se para o fato de Ossanha ter o pássaro como símbolo de liberdade, sendo seu mensageiro para ir a toda parte. Segundo Pierre Verger (1981, p. 53): “Uma história de Ifá nos ensina como o pássaro é a representação do poder de Ossanha. É o mensageiro que vai a toda parte, volta e se empoleira sobre a cabeça de Ossanha para lhe fazer o ser relato”.

O enredo da história é a formação do caráter do negro. O texto se constrói e se desenvolve entorno desse tema. A principal tensão da trama dá-se no encontro entre o menino moleque e o orixá Ossanha na floresta, é justamente a partir desse momento, quando ele entrega ao menino o visgo, que era de sua terra, para capturar o pássaro Cora que a trama desenrola.

Atingindo o clímax quando o menino escravizado, deixa o pássaro encantado para o seu amigo, Ricardo, mostrando, assim, que o seu caráter não poderia ser corrompido. Joel Rufino é um narrador que não faz parte da história, muito pelo contrário, ele adota um distanciamento ao escrever a narrativa, isso faz com que ele não influencie o leitor a uma opinião sobre os acontecimentos ou sobre as atitudes dos personagens.

No entanto, ele utiliza o tempo e o espaço da narrativa para reforçar essas atitudes e valores, situando o sujeito leitor de que estavam em um contexto histórico de escravidão, dentro de um engenho de açúcar em pleno Brasil Colônia. O autor compreende que o texto infantil não precisa estar infantilizado, utilizando uma linguagem da norma culta, porém preocupado em

se fazer entender e sem perder a ludicidade, o que deixa o texto muito acessível às crianças.

Joel utiliza diversos mecanismos da linguagem como a intertextualidade, os diálogos entre os personagens, as descrições, as figuras de linguagem e os pensamentos interpolados, o que faz com que a curiosidade da criança seja despertada e eles se interessem pelo tema. As ilustrações também são muito bem distribuídas, sendo lançada mão delas para ajudar na interpretação, nas informações que seriam novas para criança ou, até mesmo, para acompanhar o enredo.

Na contramão do modelo hegemônico, o autor desloca o protagonismo para o transgressor desse sistema, para o sujeito que se impôs contra o poder ideológico dos que antes eram os seus únicos atores. A História é narrada por uma perspectiva diferente da habitual.

2.2- A MITOLOGIA NA OBRA DE JOEL RUFINO – EWE Ó, OSSAIM

“Quem apareceu foi Ossanha. Usava um cocar e um saiote de penas, mas não era índio. Sua pele negra, quase azul. Não tinha uma perna e não tinha um olho, perdidos numa briga com Xangô.”¹⁹



Fonte: O presente de Ossanha (2006, p.6)

A epígrafe e a imagem acima fazem parte da obra “*O presente de Ossanha*” (2006), o trecho do livro destacado fala exatamente do surgimento

¹⁹ Trecho do livro “*O presente de Ossanha*” (2006, p.7)

de Ossanha na vida do menino moleque, destacando traços da história do senhor das folhas. Como pode-se notar, a imagem e o texto conversam entre si, uma vez que o ilustrador conseguiu captar as características de Ossanha, mostrando de forma lúdica a falta de uma perna e de um olho do Orixá.

Na história Infantil, Joel Rufino trata da criação do mundo, na perspectiva da mitologia iorubá, citando alguns orixás, como Olorum, Iansã e Xangô²⁰, para corroborar com a figura do personagem de Ossanha. Pierre Fatumbi Verger, em *Lendas Africanas dos Orixás* (1997) e Reginaldo Prandi, no livro *Mitologia dos Orixás* (2010), tratam desses mitos mais detalhadamente.

Há três lendas narrativas cruciais para que o leitor possa compreender o arquétipo de Ossanha, são elas: “Ossaim, o senhor das folhas” e “Rivalidade entre Orunmilá e Ossain”, extraídas do livro *Lendas dos Orixás*, do autor Pierre Verger. Há, ainda, a intitulada “Ossaim é mutilado por Orunmilá”, contida no *Mitologia dos Orixás*, de Reginaldo Prandi.

A lenda conta que Orunmilá²¹ estava precisando de um criado. Ele resolve ir até o mercado e entre os escravos que ali estavam ele escolhe Ossanha. Assim que voltam, pede ao criado que desmate o campo de suas terras e que o prepare para as novas plantações.

Depois de um dia Ossanha volta e, para o espanto de Orunmilá, o criado não havia cumprido a sua ordem. Como afirma Pierre Verger (VERGER, 1997, p.73):

Orunmilá lhe perguntou por que ele nada fez. Ossanha lhe responde: Todas estas plantas, estas folhas e estas ervas têm virtudes. Elas não podem ser destruídas. Estas folhas por exemplo, acalmam as dores de dente, esta outra, protege contra os efeitos de trabalhos maléficos, esta outra, ainda, cura a febre. Impossível, em verdade, arrancar plantas tão necessárias à saúde e a felicidade

²⁰Olorum, criador do mundo; Iansã senhora dos ventos e Xangô senhor do trovão

²¹Orunmilá ou Ifá é o conhecer dor do destino dos homens, o que detém o saber do oráculo, o que ensina a resolver toda sorte de problema e aflição(...) Orunmilá foi muito esquecido no Brasil, mas ainda é celebrado em antigos templos de Pernambuco e em terreiros que procuram recuperar tradições perdidas. (PRANDI, 2001, p.29)

Impressionado com a sabedoria de Ossanha, Orunmilá decide que ele deveria permanecer ao seu lado. Para guiá-lo nas escolhas dos remédios que deveria prescrever.

Com o passar do tempo, a rivalidade começou a se estabelecer entre eles. Ossanha não gostava de ser submisso a Orunmilá, pois ele acreditava possuir mais poderes sobre as plantas e folhas que seu dono. Passou a falar para todos que era o mais importante no culto das folhas e as plantas, falando até mesmo para o Rei sobre sua posição, uma vez que tinha vindo ao mundo primeiro que Orunmilá. Segundo o autor (VERGER, 1997, p.75):

O rei Ajalayé, então, envia uma mensagem a Orunmilá. Ele quer saber, entre ele e Ossanha, qual era o mais importante dos dois. Orunmilá responde ser ele o mais antigo, que Ossanha. O rei decide submetê-los a uma prova. Ele os convoca acompanhados de seus primogênitos

Ossanha leva seu filho mais velho, Remédio, e Orunmilá o seu, Sacrifício. Na prova ficou decidido que os dois deixariam que seus filhos fossem enterrados por sete dias, ao final desse período as covas seriam abertas, e aquele que respondesse primeiro ao ser chamado seria o que veria seu pai vencedor.

Assim, que os filhos foram enterrados, Orunmilá se preocupou e foi ao Ifá²², fazer uma consulta. O Ifá o aconselhou a oferecer muito Ekura²³, e ele o fez. Preparou a oferenda e a colocou em quatro lugares: “Na estrada, na encruzilhada, diante de Exu e no mercado.” (VERGER, 1997 p. 75).

Exu²⁴, então, exerce seu poder sobre o coelho sacrificado. O animal cavou um buraco até a cova do filho de Orunmilá levando comida para que ele pudesse se alimentar. Remédio, filho de Ossanha não tinha nada para comer, porém possuía alguns talismãs que o permitiram chegar até a cova de Sacrifício.

²²Uma espécie de Oráculo: Conta-se que o saber foi dado a um adivinho de nome Orunmilá, que o passou para o Ifá

²³ Um prato feito de bolo de feijão, pimenta, um galo, um bode, um pombo, um coelho e dezesseis búzios da costa.

²⁴Orixá que faz o papel de mensageiro, sem ele orixás e humanos não poderiam se comunicar.

Chegando lá, os dois negociaram e Remédio prometeu que se Sacrifício lhe fornecesse algo para comer, ao final do período dos sete dias, quando o chamassem para averiguar a prova, ele ficaria em silêncio. Como vemos na escrita de Verger (1997, p.75):

Sacrifício, então, dá de comer a Remédio. E chegou o final da prova. Os juízes chamam o filho de Ossain: "Remédio! Reméééedio! Remééééedio! Eles chamam em vão. Remédio não responde. "Bem! Remédio está morto" – concluem eles. Chamam, depois, o filho de Orunmilá: "Sacrifício!" Imediatamente, escutam um forte sim. Sacrifício está são e salvo! Remédio sai, em seguida, igualmente vivo.

Quando Ossanha pergunta ao seu filho o motivo de ele não ter se manifestado, ele conta ao pai tudo que havia acontecido, dizendo que havia feito um acordo com Sacrifício, e em troca de comida ele faria silêncio. Verger conta que (1997, p. 76):

Remédio narra o pacto feito com Sacrifício. Comida contra silêncio! Este pacto tomou-se provérbio: "Sacrifício não deixa Remédio falar". Significando que sacrifício é mais eficaz que Remédio. Razão pela qual, Orunmilá tem uma posição mais elevada que Ossain.

Assim acaba a primeira história sobre o orixá Ossanha. Já na segunda, também contida no livro de Pierre Verger, Ossanha havia recebido de Olodumare²⁵ o segredo das folhas, "Ele sabia que algumas traziam calma e vigor, outras, a sorte, as glórias, as honras, ou ainda, a miséria, as doenças e os acidentes. Os outros Orixás não tinham poder sobre nenhuma planta." (VERGER, 1997, p. 21).

Todos dependiam de Ossanha, para cuidar da sua saúde e para ter sucesso nas suas iniciativas. Porém Xangô ficou irritado com essa situação, pois, para ele, isso era uma desvantagem. Então, ele convoca Iansã, senhora dos ventos, explicando-lhe que, em certos dias, Ossanha pendurava em um galho de Iroco²⁶, uma cabaça contendo suas folhas mais poderosas.

Iansã aceitou o desafio e seguiu com o plano, ventou um vento tão forte que levantou o telhado das casas, arrancou árvores, quebrando tudo por onde passava. A cabaça de Ossanha foi atingida e soltou do galho que estava presa,

²⁵ Também chamado de Olorum é o Ser Supremo

²⁶ Diz a lenda que foi a primeira árvore plantada, a primeira árvore da terra. (PRANDI, 2001 p.162)

rolando longe. Nisso todas as folhas voaram e os Orixás foram catando-as uma a uma. Assim, cada um deles tornou-se dono das folhas que pegava. Contudo, ele continuou o senhor absoluto das plantas.

A Ilustração abaixo mostra mais uma vez a importância do ilustrador da obra que captou muito bem os trejeitos de Ossaim, desenhando o orixá com um aspecto de incredulidade diante do que estava acontecendo com ele. Como pode-se observar, Iansã aparece atrás de Ossanha fazendo com que as folhas se espalhassem pelo mundo.

Figura 6



Fonte: O presente de Ossanha(2006,p.8-9)

Mesmo assim, Ossanha permaneceu o senhor do segredo das virtudes e das palavras que devem ser pronunciadas para provocar sua ação. Dessa forma, graças ao poder do axé que possui sobre elas.

Na última história, Reginaldo Prandi (2010) conta que Ossanha vivia em guerra com Orunmilá²⁷, estava sempre procurando maneira de prejudicá-lo, preparando armadilhas para causar alguns transtornos para ele. Cansado de tanta perseguição, o velho foi procurar Xangô, a fim de descobrir quem era esse inimigo oculto, que tanto lhe prejudicava.

Xangô o aconselhou a fazer algumas oferendas. “Devia oferecer doze mechas de algodão em chamas e doze pedras de raio, edumará. Se isso fosse feito, seria desvendado o segredo” (PRANDI, 2017, p. 160).

²⁷Orunmilá é o conhecedor do destino dos homens.

Seguindo o conselho, ele faz a oferenda e invoca o poder do fogo. Nisso, Ossanha, que estava na floresta procurando alguma coisa para que pudesse enfeitiçar e atormentar Orunmilá novamente, é surpreendido por um raio, cortando sua perna e o cegando de um olho.

O senhor das virtudes, das plantas e das folhas medicinais e litúrgicas, começa a gritar. Orunmilá, que seguia para o local em que havia caído o raio e estava o fogo, escuta os gritos. No momento em que busca ajudar a vítima, descobre que seu misterioso inimigo era Ossanha.

Como podemos observar, a obra *O presente de Ossanha* dialoga com essas três lendas africanas. Joel Rufino, durante a história, explica que Ossanha é o senhor das folhas, que ele havia perdido uma perna e um olho em uma briga em que Xangô estava envolvido e, ainda, como as suas folhas se espalharam pelo mundo.

Rufino retoma traços e símbolos da cultura africana, como a religiosidade, mostrando que ela foi, durante a História do Brasil, um mecanismo de resistência diante do racismo. Essa abordagem é de suma importância para a criança uma vez que, segundo Machado (2010, p.10-11):

Os mitos de matriz cultural africana favorecem a construção da identidade da criança afrodescendente, permitindo-lhe a condição de ser, pertencer e participar de seu grupo étnico, reconhecendo os valores da sua comunidade, o que pode lhe servir como exemplo positivo e estímulo para participação na comunidade.

Em uma perspectiva diferente, esses mitos mostram a criação da vida e os mistérios do “ser humano”. Sabe-se que existem muitos mitos na cultura africana para justificar a existência humana. Os mitos são, portanto, fonte de riqueza cultural, como aponta Vanda Machado (MACHADO, 2010, p.3-4):

No pensamento africano, a fala ganha força, forma e sentido, significado e orientação para a vida. A palavra é vida, é ação, é jeito de aprender e de ensinar. Assim nasceram os mitos. Contar mitos, em muitos lugares na África, faz parte do jeito de educar a criança que, mesmo antes de ir para escola, aprende as histórias da sua comunidade, os acontecimentos passados, valorizando-os como novidade.

As religiões de matrizes africanas, segundo Caputo (2008), funcionavam com uma maneira de resistência à escravidão. Sendo palco de resistência para preservação de uma herança histórica e cultural, consistindo em uma das formas mais significativas de manutenção de identidade (CAPUTO, 2008). Para Stela Guedes Caputo (2008,p.168):

O candomblé, como toda religião afrodescendente, é cercado de segredos e mistérios. Mas aqui, o silêncio não tem a ver com os segredos dos rituais. Ele foi imposto aos escravos desde o início de sua chegada ao nosso país. Os negros eram batizados com outros nomes e obrigados a aceitarem ou, pelo menos, a dizer que aceitavam a religião do senhor branco: o catolicismo.

Mesmo assim, como salienta Costa (1989, p.263):“o negro que era batizado e frequentava as dominicais [...] era o mesmo que frequentava batuques e participava dos rituais processados altas horas da noite, no interior das senzalas, ou, mais frequentemente, no escuro das matas. “(COSTA, 1989, p.263).

No entanto, com toda a resistência presente ainda hojenos espaços educacionais, segundo Stella Caputo (2008, p.173): “Crianças de candomblé frequentam escolas como qualquer outra criança de qualquer outro credo, mas "não são vistas", não existem" e, "quando existem" são encaradas por muitos professores e professoras como "um problema.”Nessa perspectiva, pensa-se aqui que a literatura infantil de Joel Rufino dos Santos se configura como um resgate da Cultura africana.

2.3- A TRADIÇÃO AFRICANA: MEMÓRIA, ÉTICA, IDENTIDADE E AFETIVIDADE EM O PRESENTE DE OSSANHA

Na sociedade pós-moderna, a fragmentação da identidade e a fluidez das relações têm se tomado traços cada vez mais marcantes. Zygmunt Bauman(2001), em seus estudos, chama essa sociedade de “modernidade líquida”, ilustrando que na contemporaneidade a vida está sempre em mudança, sendo flexível e necessitando de constantes renascimentos. Como o teórico afirma (BAUMAN, 2001, p. 8):

Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluídos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos, não têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo, os fluidos não se atêm muito a qualquer forma ou estão constantemente prontos a mudá-la.

Considera-se também, que vivemos em uma sociedade individualista e conservadora, que tem dado cada vez mais importância ao consumo imediato, fácil e rápido das informações e conhecimentos. Priorizando, geralmente, o conhecimento propagado através da escrita.

Nesta obra a relação de afetividade entre os meninos, um negro escravo e um branco, é humanizada, indo na contramão dos padrões impostos na época e os atuais, em que as pessoas são tratadas como bens de consumo e que o “conectar” e o “desconectar” está cada vez mais presente. Tudo muda rapidamente nos “tempos líquidos”, as incertezas tornam-se ainda maiores e as relações humanas são facilmente dissolvidas. No entanto, na obra de Rufino é estabelecida uma verdadeira relação de amizade.

Há também uma preocupação com a questão da identidade, pois com o aumento das discussões sobre a “crise de identidade” na pós-modernidade, percebeu-se que ela está sempre em movimento, se reinventando, em fragmentações e deslocamentos. Sendo influenciada por diferentes relações de poder e por diversas vozes na formação discursiva (HALL, 2000).

Esta questão nos levou a repensar a constituição identitária, pois esta ocorreria pelas relações sociais entre as pessoas, culturas e os valores. Nesse sentido, na contemporaneidade, deu-se voz a autores que antes eram pouco discutidos. E como Frazão (2015, p.187) propõe: “as relações da literatura com

a sociedade, com a cultura, com a memória e com as identidades tornaram-se frequentes.”

Refletindo as relações afetivas no mundo líquido moderno, Bauman (2004), compara à experiência do amor a morte, pois nenhum dos dois se aprende. Lembra que o sujeito contemporâneo tem medo de ligar-se ao outro permanentemente. Ele fica feliz em amar hoje e não amar mais no dia seguinte, alegre em não ter compromisso com o outro. Neste individualismo que o ser humano vem se constituindo, Bauman (2004, p. 21) afirma que amar é um ato corajoso e uma rara conquista:

Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no Outro, o companheiro no amor.

Ainda, ele expõe que “sem humildade e coragem não há amor”.

Esses traços descritos pelo filósofo e sociólogo polonês são encontrados na história de Joel Rufino, em que, ao final da narrativa, não há uma idealização do conto, moleque não consegue a sua liberdade. Entretanto, mesmo assim, ao invés de levar o pássaro cora consigo, deixa generosamente “O presente de Ossanha” para Ricardo, como uma grande lição das relações humanas, a amizade: “No outro dia de manhã, quando se levantou e abriu a janela, o menino Ricardo teve uma surpresa. Do lado de fora tinha uma gaiola pendurada. Assim que viu o menino, o Cora começou a cantar.” (SANTOS, 2006, p. 14).

Ao deixar o pássaro para Ricardo, o menino escravo tem uma atitude inesperada que traz à discussão a dicotomia do “ser” e “ter”, visto que o pássaro era valioso e, com o dinheiro, moleque poderia comprar a sua liberdade e ainda dizer: “Pode ficar com o troco” (SANTOS, 2006, p. 10). Mas não se pode consumir a tradição africana, pois ela não é um bem de consumo. Nesse sentido, a questão levantada por Rufino alcança o que Bauman (2014) nos diz, sobre a capacidade de se dominar, de ter poder sobre si mesmo.

Quando o menino toma conhecimento sobre si, mesmo em uma posição de subalternidade, ele reivindica seu caráter, sua ética. O filho do dono do

engenheiro estava assustado, pois dependia do moleque para tudo: “Não vende, pai. Há tempos que o escravo sou eu. Eu é que dependo dele pra tudo. Não sei mais brincar sozinho” (SANTOS, 2006, p.12).

Em uma sociedade fragmentada e individualista, o outro é muitas vezes invisível, não existe, ou, quando é considerado, pode ser visto como uma ameaça. Bauman discute exatamente isso em “*Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna*”, comentando sobre a dificuldade do sujeito, senão uma impossibilidade de amar o próximo.

Ressalta-se que mesmo em uma posição de escravo, moleque, que foi vendido sem piedade, não tomou uma posição de vingança, ele deixa o pássaro para o Ricardo, pois coloca-se em seu lugar. Como coloca Bauman, (2004, p.24) “Amar é contribuir para o mundo, cada contribuição sendo traço vivo do eu que ama. No amor, o eu é, pedaço por pedaço, transplantado para o mundo o eu que ama se expande doando-se ao objeto amado.”.

Figura 7



Fonte: O presente de Ossanha(2006, p.15)

Essa imagem do Livro de Joel Rufino,reflete justamente sobre isso, pois é a imagem em que o menino Ricardo descobre que o pássaro havia ficado de presente para ele. Um presente de moleque, que fora recebido de Ossanha.

Já na questão da fragmentação da Identidade, Bauman discorre que: (BAUMAN, 2011 p.113): “Mais que nunca, ouve-se hoje falar de identidade e de seus problemas nos tempos modernos”. Contudo ela não apresenta o mesmo problema da modernidade, na pós-modernidade a identidade evita a fixidez e mantém aberta as opções. Na modernidade há a “criação” na pós-modernidade “reciclagem”.

Para Stuart Hall (2005, p.13): “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. Assim, deve-se atentar para o fato da multiplicidade de identidades possíveis, para dar conta da multiplicidade de questões à sua volta, valorizando a diferença, pois, como Hall (2005) nos fala, a Identidade é formada a partir da diferença. O sujeito só se constrói a partir do momento em que reconhece no outro, características diferentes de si e aprende com elas. Como vemos na obra de literatura infantil aqui discutida.

Memória e identidade caminham juntas e a identidade está sempre em movimento, se reinventando. Para Halbwachs (2006), o ato de lembrar é individual, mas a memória é coletiva. Para ele, mesmo que pareça individual, a memória é remetida a um grupo social. A lembrança pertence ao indivíduo, mas ele está sempre sendo influenciado pela sociedade.

Aqui, compreendeu-se a memória como construção. Que é evocada e construída através da narrativa, ou seja, pelo discurso. Sabe-se também que vivemos em uma sociedade conservadora, que tem como traço cultural o fato de priorizar o conhecimento propagado através da escrita. Sociedade em que, dá-se cada vez mais importância ao consumo imediato, fácil e rápido de determinado conhecimento.

O fato é que poucos são os que dedicam seu tempo para ouvir uma história com todas as pausas que a fala nos propõe. Contudo, a cultura afrobrasileira foi desenvolvida através das narrativas orais, preservando tradições e culturas ancestrais. Exemplo disso é o conhecimento sobre a mitologia vindo dos povos iorubas. Reginaldo Prandi, afirma em seu livro, *Mitologia dos Orixás*, que a escrita “até pouco tempo atrás não fazia parte, da cultura dos povos de língua iorubá” (2001,p.18).

É justamente nesse sentido que é ressaltada a importância dessa discussão, pois ao pensarmos na obra, *O presente de Ossanha*, como uma evocação de memória, entende-se que ela trará a memória, a cultura afrobrasileira, que será contextualizada pela história de forma pedagógica e ainda manterá toda sua riqueza. Como, por exemplo, o fato de o autor familiarizar os leitores com a narrativa mítica, a fim de que ele compreenda os acontecimentos presentes na narrativa. Deve-se deixar claro que todo texto literário tem uma intencionalidade. E, ao ler a obra percebe-se o posicionamento ético do intelectual frente às desigualdades sociais.

Outra marca da memória presente na obra e destacada aqui que ao produzir o livro, com as histórias da tradição oral, o autor não rompe com a oralidade, pois são várias as marcas da transmissão pelas falas encontradas durante a leitura do texto: “por que ‘nhorquer’ comprar?” (2006,p.12), “moleque pra cá, moleque pra lá.” (2006, p. 3), “Upa, upa, cavalinho!” (2016, p. 5).

Há, também, a utilização de uma linguagem que permite ao leitor imaginar alguém contando a história para ele. O que Joel Rufino provoca ao fazer uma releitura do mito é a possibilidade da tradição africana existir de outra forma, fornecendo informações a respeito da cultura e colocando as histórias novamente no imaginário social.

São as chamadas memórias subterrâneas, que tem um trabalho de subverter e expor o caráter uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Essa “memória oficial” tende a ser a da cultura hegemônica, e quando evoca-se a subalternidade, a memória fica em disputa. Para Pollak (1989, p.3):

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade.

Na interpretação da obra, compreende-se que ao apresentar a narrativa mítica da entidade Ossanha, o autor evoca a memória de questões relativas à religião e à cultura africana (FRAZÃO, 2013, p.329). Reginaldo Prandi em seu livro *Mitologia dos Orixás*, ressalta que (PRANDI, 2001, p. 24):

Na sociedade tradicional dos iorubás, sociedade não histórica, é pelo mito que se alcança o passado e se explica a origem de tudo, é pelo mito que se interpreta o presente e se prediz o futuro, nesta e na outra vida. Como os iorubas não conheciam a escrita, seu corpo mítico era transmitido oralmente.

Como foi dito anteriormente, o orixá aparece na narrativa com protagonismo. Reginaldo Prandi (2001, p. 23), descreve Ossaim como “o conhecedor do poder mágico e curativo das folhas e sem sua ciência nenhum remédio mágico funciona. Ossaim é cultuado em todos os templos de orixás no Brasil.”. Foi através da manutenção da tradição oral que a cultura pôde ser transmitida, assim a religião africana consistiu em um mecanismo de resistência e preservação de uma identidade cultural.

Levando em consideração que Joel Rufino, além de evocar a memória da tradição africana na construção da narrativa ficcional, evoca também a História dos brasileiros, ao situar a narrativa em uma fazenda de engenho, na época do Brasil colônia (FRAZÃO, 2013, p.329). Atenta-se para a sutileza do narrador em mostrar que o Brasil foi construído por homens como moleque, um símbolo de resistência.

Não há um final de conto de fadas na obra, o menino não aceita as propostas de compra do pássaro para comprar sua alforria. Pois não se pode consumir a tradição africana, ela não é um bem de consumo. A ação do personagem é justamente contrária a esta visão considerando que ele presentearia Ricardo, que seria um herdeiro da tradição escravista. Indo de encontro a Pollak (1989, p. 5):

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas

O filho do dono do engenho estava assustado, pois dependia do moleque para tudo. Como exibido no trecho “Não vende, pai. Há tempos que o escravo sou eu. Eu é que dependo dele pra tudo. Não sei mais brincar sozinho” (SANTOS, 2006, p.12) fazendo uma analogia com os ricos do período colonial que dependiam dos escravos para tudo (FRAZÃO, 2013, p.329).

Ainda, ao receber no território brasileiro “*O presente de Ossanha*”, o visgo de sua terra, da terra de seus ancestrais, símbolo que representaria a memória da África. O menino consegue recuperar o pássaro cora, que Frazão (2013, p. 337) em uma especulação interpretativa entende que: “se poderia, partindo da origem do nome do pássaro valioso, presenteado pelo orixá Ossanha, trocar o termo “cora” por *kora*, como se escreve, em alguns locais da África, pronunciando-se [corá]”. O Kora é um instrumento musical tocado por griots²⁸, preservadores da memória africana.

Nessa análise, Rufino dos Santos aproxima o texto do cotidiano do leitor, fazendo da oralidade um caminho que possibilita a preservação da memória, mostrando-nos a capacidade da Literatura intervir na História, de forma positiva, colocando em pauta verdades que foram dadas como absolutas e as reconstruindo. E, o que por tantos anos foi negado ao leitor pelo cânone, na contemporaneidade surge, desconstruindo um discurso ideológico que serviu de base para memória oficial.

O livro de literatura infantil, “*O presente de Ossanha*”, fica aqui entendido como uma releitura da história do negro na época do Brasil colonial. Que traz à tona questões que foram silenciadas, por intermédio de uma narrativa que além de ser divertida, é pedagógica. Além disso, com as discussões sobre a “crise de identidade” na pós-modernidade, percebeu-se que memória e identidade caminham juntas e que a identidade está sempre em movimento, se reinventando, em fragmentações e deslocamentos. A identidade é influenciada, então, por diferentes relações de poder e por diferentes vozes na formação discursiva (HALL, 2000). Enquanto a memória torna-se um porto seguro da identidade.

Nessa mesma perspectiva teórica, Stuart Hall (2000, p.12) aponta que a identidade “é definida historicamente, e não biologicamente”. O que nos levou a repensar a constituição identitária, pois esta ocorreria pelas relações sociais: entre as pessoas, culturas e valores. Nesse sentido, na contemporaneidade deu-se voz a autores que antes eram pouco discutidos. E como Frazão (2015,

²⁸Na tradição africana os Griots são os compromissados em transmitir e preservar as histórias ao longo do tempo.

p.187) propõe: “as relações da literatura com a sociedade, com a cultura, com a memória e com as identidades tornaram-se frequentes.” .

Sobre a importância dessa nova abertura, lembra-se, ainda, que no campo da memória, o relato do ocorrido depende da leitura de quem narra o fato e a versão do opressor quase nunca será a mesma do oprimido. Pois como Halbwachs (2006, p. 31) coloca em seu livro *Memória Coletiva* que: “Para confirmar o recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material sensível.”. Ainda, na reflexão que faz a respeito da memória em seu texto em *Memória, Esquecimento e Silêncio*, Michael Pollak (1989, p.4) salienta que o reconhecimento de que a memória coletiva tem um caráter potencialmente problemático muda-se a perspectiva das pesquisas sobre ela:

Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas. Como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias

Logo, pensar no engajamento literário de Joel Rufino dos Santos, sobretudo na obra *O presente de Ossanha* (2016), é pensar como se dão essas relações sociais no campo da memória, pois no decorrer do conto recupera-se costumes que foram cultivados através de histórias contadas de geração em geração, em um contexto de escravidão. Criando através da narrativa a evocação de uma nova memória discursiva. E como o sujeito é construído socialmente, à medida que reconhece traços diferentes dos seus no outro, e vê nisso possibilidades de aprendizado (HALL, 2000). Rufino auxilia na compreensão da identidade.

2.4-ESPAÇO E LUGAR: NAS OBRAS INFANTIS DE JOEL RUFINO DOS SANTOS

“O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”

Yi-Fu Tuan

A frase acima é de Yi-Fu Tuan, um geógrafo humanista que tinha como principal objetivo compreender melhor o homem a partir de reflexões geográficas. Procurando percorrer os pensamentos desse teórico, buscou-se entrelaçar suas ideias as principais características de Joel Rufino dos Santos, sendo um autor que tem uma “topofilia” com o saber e que fala sobre a cultura do negro no Brasil. Conceito que é definido por Tuan(1980,p.5) como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal”.

Ou seja, ele mantém uma ligação afetiva, transformando esse espaço de estudo em seu lugar de pesquisa. As obras de Rufino conversam entre si, por trazerem como fio condutor questões relativas ao folclore, as tradições orais, a cultura africana, dando voz, assim, a personagens ditos do povo, nascidos de uma cultura popular. Se o espaço de Joel é a Literatura Infantil, o seu lugar seria a tradição do negro e a construção de uma memória coletiva para a cultura brasileira. Segundo Tuan (1983, p. 3, 6):

O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. [...] a partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço [...]. Espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. [...] o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado.

O fato é que todas as obras de literatura infantil de Rufino são engajadas politicamente, o tema África e a questão negra no Brasil acabaram se tornando centrais na trajetória intelectual do autor. Sendo simplesmente o fio condutor de suas narrativas, como afirma Flora de Jesus (2014, p. 13), a literatura de Joel Rufino dos Santos é: “detentora de um fio condutor central: legitimar outras vozes e suas histórias, através das quais, também, se espelha a sua.”.

Ressalta-se, ainda, que ele sempre aborda a luta dos africanos escravizados, tratando-os como verdadeiros atores sociais, não conformados com a escravidão e com a condição de vida enfrentada no país. Como vemos em *O presente de Ossanha*, *Zumbi* e *A botija de ouro*. Há também as obras

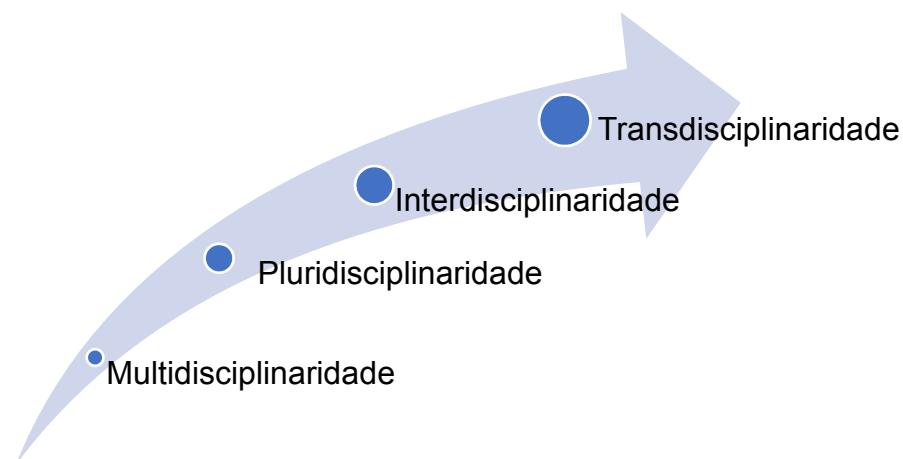
que rememoram a cultura e a ressignifica, como em *Gosto de África: histórias daqui e de lá*, *Rainha Quiximbi* e *Dudu Calunga*.

A literatura de Joel Rufino dos Santos é composta, principalmente, por histórias que contam o início do mundo, histórias da ancestralidade, da cultura e da História, que abordam os conceitos de uma maneira mágica ou, como poderíamos dizer, lúdica. São narrativas, geralmente, influenciadas por manifestações populares que vão perpassando as gerações através da memória.

E foi através da leitura das narrativas de Joel Rufino, que percebeu-se a possibilidade de diálogo entre a Educação, a História e a Literatura. Pois na sua escrita esse encontro sempre se fez presente. Como quando ele vai escrever para o filho, estabelecendo uma parceria entre as disciplinas, colocando seus saberes paralelamente, em favor de um maior entendimento do que está sendo dito. Nesse processo, a literatura é o que aglutina as demais disciplinas, pois é através da riqueza narrativa que pode-se observar o diálogo entre os saberes.

É importante ressaltar essa parceria entre a literatura e a educação e, sobretudo, o caráter interdisciplinar das cartas Rufinianas. Nesse sentido, mesmo distante, Joel Rufino podia participar da formação de Nelson e ainda não se afastar tanto do ofício de professor e pesquisador. Utilizando o mecanismo das cartas para isso. Para Olga Pombo (2004), no texto *“Interdisciplinaridade e integração dos saberes”*, a interdisciplinaridade trata de colocar as disciplinas lado a lado, de uma maneira interativa, estabelecendo entre elas uma ação recíproca.

Nessa dinâmica é importante analisar a família de quatro conceitos destacados pela teórica: Multi, Pluri, Inter e Transdisciplinaridade, que para ela seguem conforme o esquema abaixo de menor para maior grau de interatividade entre as disciplinas:



Segundo Olga Pombo (2004, p.4), no artigo já citado acima, os conceitos de acordo com uma análise de cada palavra seria

Infelizmente, como vos confessei logo de início, não tenho uma definição precisa, exaustiva, completa da família de palavras a que a interdisciplinaridade pertence. Tenho unicamente uma proposta provisória de definição que passo a apresentar rapidamente. A minha proposta é muito simples. Passa por reconhecer que, por detrás destas quatro palavras, multi, pluri, inter e transdisciplinaridade, está uma mesma raiz – a palavra disciplina. Ela está sempre presente em cada uma delas. O que nos permite concluir que todas elas tratam de qualquer coisa que tem a ver com as disciplinas. Disciplinas que se pretendem juntar: multi, pluri, a ideia é a mesma: juntar muitas, pô-las ao lado uma das outras. Ou então articular, pô-las inter, em inter-relação, estabelecer entre elas uma ação recíproca. O sufixo trans supõe um ir além, uma ultrapassagem daquilo que é próprio da disciplina.

Em conformidade com esse pensamento, Idemburgo Frazão, em seu texto *“Arte literária e didática: figurações da ficção.”*, salienta: (FRAZÃO, 2012, p.88) “É exatamente por ter uma natureza aberta, multifacetado que a literatura para crianças (...) é fundamental para o ensino, exatamente por fazer do texto um caminho reflexivo renovador: a literatura é por si mesma interdisciplinar.”.

Sendo assim, é indiscutível que a literatura de Joel Rufino permite a criança mais possibilidades de acesso ao saber, podendo ser utilizada como um recurso pedagógico. Além disso, sua natureza artística possibilita a ludicidade, pois, através da brincadeira com as palavras, com os diálogos entre os personagens e as ilustrações, o autor leva o leitor a pensar sobre as construções vocabulares e a arbitrariedade do signo linguístico. Como, por exemplo, no título do livro *“Gosto de África: histórias daqui e de lá”* em que o

leitor pode decidir entre “gosto” no sentido de sabor e “gosto” no sentido de satisfação e prazer.

Sobre essa maneira de ensinar através da brincadeira e do lúdico que a literatura possibilita, Frazão afirma: “A literatura, enquanto arte,(...) surge como atividade não natural ao universo da infância, complexa, que faz com que a pedagogia se transforme em um meio muito importante de adequar o literário às fases evolutivas do raciocínio Infantil.” (FRAZÃO, 2012, p.91).

Joel Rufino começou a escrever literatura infantil para a revista *Recreio* ainda na década de 70, ele conta em entrevista²⁹ que na época não estava interessado em escrever para crianças, mas que era um trabalho bem remunerado, então se candidatou a vaga. As Imagens abaixo são as capas das revistas protagonizadas por Joel Rufino.

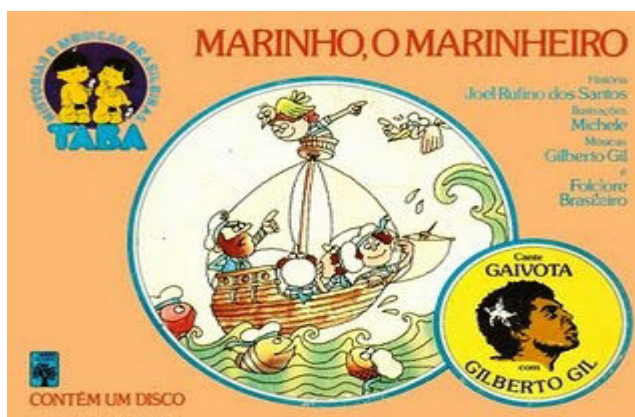
FIGURA 8



Fonte: *Revista Recreio*

²⁹ Acesso em <<https://www.youtube.com/watch?v=EtxTHjfMtew>

FIGURA 9



Fonte: *Revista Recreio*

Como podemos perceber, são duas capas que falam sobre narrativas que, de alguma forma, empoderam as crianças. Heloisa Pires Lima (2018, p.1), em artigo publicado pela Literafro, que surgiu como uma homenagem ao autor, trazendo como título “Joel Rufino e o protagonista invisível” , diz (2018, p 1)

Ele também participou da célebre e muito bem avaliada coleção *Taba*, publicada a partir de 1982 pela mesma editora, a Abril Cultural. Os fascículos reuniam um disco e um livro ilustrado e perfilado em repertórios brasileiríssimos. A direção musical do projeto era de Tom Zé e a congregação de autores abarcava, entre outros, nomes como o de Sylvia Orthof, Maria Clara Machado, IloKrugli, Ana Maria Machado, MyrnaPinsky. O volume de lançamento é assinado por Joel Rufino tendo por parceiro musical, Gilberto Gil a que se seguiram, Caetano Veloso, Secos e Molhados, Nara Leão, Chico Buarque, João Gilberto. Enfim, uma geração poderosa.

No entanto, com a experiência do cárcere e as releituras que fez para seu filho sobre a História e Cultura do Brasil, utilizando como recurso pedagógico a literatura infantil, ele acabou tomando afeição pelo processo de criação literária, por conta disso, ele não parou mais de escrever para crianças, escrevendo livros como:

Gosto de África: histórias de lá e daqui(2005) não só pela abordagem da cultura africana, mas por demonstrar que ela é parte integrante do Brasil. Nele Joel Rufino dos Santos conta diversas histórias, ao todo são sete, inclusive uma versão para crianças da vida de Gabriel, o intelectual da Casa da

Flor, discutindo conceitos importantes e trazendo a cultura de uma forma que as crianças poderiam compreender.

Outra obra escrita por Joel Rufino e que será trabalhada aqui futuramente é a “*A botija de Ouro*”(1988), que conta a história de uma menina escrava que, assim como o menino moleque de *O presente de Ossanha*, também não tinha nome. Pois, quando ela foi comprada esqueceram de dar nome pra ela: Era uma vez uma escravinha que não tinha nome. Quando ela foi comprada, esqueceram de perguntar o nome dela. O senhor sempre chamava:- Ei moleca, vem cá! A escravinha vinha. Não precisava de nome, não.”(SANTOS, 1988, p. 5). Segundo Dupont (DUPONT, 2015, p.198):

A botija de ouro, Joel Rufino dos Santos, traz à cena o contexto escravista. A narrativa fala sobre uma menina negra, sem nome, que vive no período da escravidão brasileira. Ainda na primeira página, o narrador informa que a menina escrava tinha sido comprada, evidenciando que os negros trazidos da África eram tidos como mercadorias.

A escravinha era muito magra e, provavelmente pela fome que passava, assumiu uma característica incomum, comia parede. Apesar de o escravista, dono da fazenda, ordenar que ela parasse, ela se negava. Assim, no decorrer da história, ele a coloca de castigo no porão. Atenta-se aqui para a sutileza do autor para falar da fome, que muitas vezes os escravos passavam. Ele continua, “quanto mais comia mais magrinha ficava” (SANTOS, 1988, p. 6). Irritado com a persistência da escrava, o “Senhor dos escravos” ordena que o feitor a prenda em um quarto escuro, sem nenhuma comida ou bebida, reafirmando os maus tratos a criança.

A escrava, ainda com mais fome, não vê outra saída senão raspar a parede para comer, no entanto ela passa tanto tempo naquele lugar que acaba fazendo um buraco na parede, encontrando uma botija mágica, “a botija de ouro”. Rufino salienta no livro que há muito tempo que todos procuravam, aquele objeto “desde o descobrimento do Brasil” (SANTOS, 1988). Joel Rufino (1988, p.11) conta:

O quarto escuro tava assim de aranha. Mas a escravinha conseguiu dormir. Sonhou que estava com fome e raaque, raaque, raaque, pegou a raspar a parede pra comer. Raspou tanto que encontrou uma coisa dura. Suas unhas começaram a

doer. Sabe o que era? A BOTIJA DE OURO! Que todo mundo procurava desde o Descobrimento do Brasil.

Para Vera Dupont (2015, p.199), no artigo *Cultura africana na literatura infantil brasileira*, publicado pela revista *trama*, esse achado recupera o folclore brasileiro: “Recupera-se, desta forma, o mito da botija de ouro, que faz parte do folclore brasileiro”. Dupont (2015, p.199) ainda salienta:

Conforme Harold Lamb (2006), nos últimos dias do ano 800, Carlos Magno foi coroado imperador pelo papa Leão II e durante o seu governo moedas de ouro eram sinônimo de poder. Muitos relatos da cultura brasileira contam que os senhores donos de escravos, com medo de invasões e roubo, na época do Brasil-Colônia até meados do século XIX, enterravam seus tesouros em moedas de ouro - o que virou crença popular.

Quando a escravinha percebe que se tratava de um artefato mágico, ela toma a atitude de esconder o objeto, para que o senhor não o achasse, enrolando no lenço que estava em sua cabeça. Quando o vigia desconfiado pergunta o que ela estava fazendo no quartinho, pois a botija emitia uma forte luz, ela diz que estava guardando vagalumes.

Quando a menina é finalmente libertada, ele corre para senzala, lugar e que encontraria seus pares. Outra escrava, mais velha, a ensina como funcionava aquele artefato misterioso, dizendo que precisava esfregar a botija para produzir dinheiro e estalar os cinco dedos para que ela parasse de “fabricar moedinhas”. Ressalta-se, assim, a importância e confirma-se a sabedoria dos mais velhos na tradição africana.

Assim que aprendeu a usar a botija, a menina fez sair as primeiras moedas de ouro. No final haviam tantas que seria suficiente para comprar a liberdade de todos os escravos daquela fazenda. Mas seu senhor passa por perto e percebe, ela nega, diz que a luz que ele viu era de vagalumes. percebendo que estava sendo enganado, ele ficou com raiva, logo mandou prender a garota no tronco e passar mel para que as formigas a comessem. No entanto, toda vez que as formigas tanajuras se aproximavam, surgiam da floresta um monte de vagalumes para iluminar o local em que ela estava presa, assim elas se afastavam.

Passou muito tempo e todo dia seguinte o senhor caminhava até lá, na esperança da escravinha ter se machucado. Ele sempre dizia, espera a noite que você vai ver. E toda noite acontecia à mesma coisa, até que a escravinha ficou tão magrinha que as correntes não a seguravam mais. Decidida ela pega a botija e entrega ao senhor, que rapidamente se coloca a esfregá-la. Sem se dar conta de que não sabia parar a magia. Quando já está muito cheio de dinheiro, ele começa a gritar para que os escravos o ensinem a desligar a botija, no entanto, ninguém consegue escutá-lo porque a fazenda havia afundado e a senzala submergido. Houve uma troca de lugares.

Mais uma obra que chamou a atenção para temática, é a Dudu Calunga, que também discute o orixá Ossanha como uma das figuras do enredo. A história se passa em uma festa de terreiro, abordando as características culturais dos cultos de candomblé. Assim como o orixá Ossanha, Dudu Calunga é um negro que possui apenas uma perna. Sendo confundido com ele durante a narrativa.

Ele surge no terreiro à meia noite, montado em um cavalo cujo corpo também faltava partes: “tinha o corpo torto e do lado que tinha mão não tinha pé. A cabeça também era torta. Do lado tinha venta, não tinha olho e do lado que tinha chifre não tinha orelha.” (SANTOS, 1986, p. 25). Ao final, Dudu Calunga encanta todas as mulheres da festa ao som de seu pandeiro e as leva pra o seu terreiro do outro lado do mar.

Explorando algumas dessas obras temos em Rainha Quiximbi, obra escrita em 1986 e lançada pela editora ática, conta-se a história de Quiximbi e Chibamba, mito africano: Há muito, muito tempo, vivia uma viúva sem amor. Ela casou, mas o noivo morreu na noite do casamento” A viúva então vai para a janela e se põe a chorar. “Ai quem me dera amar...” (SANTOS, 1986, p.5).

Mas, um dia, passa pela rua um homem lindo, bem na frente de sua janela. Mais belo que o sol, tinha os braços compridos, era muito alto, com as pernas parecendo um pau e os olhos eram tão vermelhos quanto duas brasas.

Eles resolveram se casar e, com o tempo, a viúva notou que seu marido estava diminuindo, a cada manhã ele estava menor. Acabou que ele diminuiu tanto que ficou do tamanho de um dedal e ela começou a guardá-lo no peito.

Até que uma noite, no momento em que ela foi puxá-lo, a viúva não o achou, ele havia sumido: “A viúva voltou para janela, seus cotovelos já tinham empedrado de tanta janela, quando apareceu um homenzinho”.

Ele era tão pequeno que se ela falasse mais alto o vento o derrubava. Apesar disso, ele era parecido com o seu marido, aquele que havia sido perdido, e ela casou-se com ele: “Quanto mais amou aquele homem, mais ele cresceu. Um dia não coube mais na casa. A viúva só conversava com ele agora sentada na palma de sua mão.” (SANTOS, 1986, p.20).

Uma noite, se dando conta que ainda não havia perguntado o nome daquele homem com quem havia se casado, a viúva se pôs a questioná-lo: “Chibamba – ele respondeu. Boca pra que te quero! Chibamba como se sabe é o rei das criaturas encantadas” (1986, p.24). Camâra Cascudo (2015 p.130), descreve a figura mítica de Chibamba da seguinte maneira:

Chibamba, no sul do estado onde Minas gerais é o fantasma que amedronta as crianças que choram. Anda envolto em longas folhas de bananeira, ronca como porco e dança compassadamente. E vem o Chibamba, neném, ele papa menino, cala a boca

O Chibamba nem deu tempo de a viúva pensar, colou as suas pernas, a cobriu de escamas e trocou os seus pés por rabo de peixe. Depois a levou para a praia e deu aos peixes o seguinte recado:

Está é a rainha Quiximbi. Ela vai ficar aí dizendo as palavras de amor que disse para mim. Na terra não pode viver, que os homens não a deixariam em paz, nas nuvens, muito menos, os raios e trovões não a deixariam descansar. Ela é a rainha das águas. Ai de vocês se não tomarem conta direito.

E Joel Rufino termina a história dizendo que até hoje a rainha canta para atrair homens ou mulheres. Agora ela só aparece em noite de lua cheia, quando refletida no mar. Outra história pensada por Joel Rufino dos Santos que reflete a tradição africana é a de Dudu Calunga, lançada em 1986, também pela editora ática. Que ressignifica a memória africana, no livro narra-se que no meio de uma festa, em um terreiro, em que havia gente de todo tipo, apareceu Dudu Calunga. Atenta-se para o fato de Rufino iniciar sua narrativa resgatando a oralidade na transmissão das histórias: “Festão animado aquele! Gente

miúda, gente grande, branco, preto, café-com-leite, menino de chupeta, vovô de cachimbo” (1986, p.2-5). Para DUPPONT (2015, p.193):

Em Dudu Calunga, o narrador inicia sua narrativa resgatando a oralidade na transmissão das histórias. Este tipo de narrativa precedeu a escrita e permitiu que muitos dos textos que conhecemos não se perdessem com o passar dos anos. Assim como a expressão “Era uma vez...”, o narrador utiliza a frase “Festão animado aquele!” sem delimitar o espaço e o tempo da narrativa, permitindo que ela continue sendo contada e transportada para qualquer tempo.

À meia noite, os batedores de atabaque cansaram de batucar e resolveram beber alguma coisa, “Foi quando se ouviram tropéis: Popoco! Popoco! Popoco! Não era um tropel qualquer de um cavallinho qualquer. Mas ninguém correu” (1986, p.10). Segundo Emilia Viotti da Costa (1989, p 225), estava presente no cotidiano do escravo brasileiro: “Na cidade, como no campo, o escravo trabalhava ao som de uma toada rítmica, ou de chocalho. Cantavam os barqueiros, cantavam os carregadores; nas horas de repouso, aglomeravam-se nas praças ou junto aos chafarizes e ao menor pretexto faziam sua batucada”.

Nesse momento da narrativa entra no terreiro um cavaleiro que ninguém sabia quem era, “vimos que ele tinha só uma perna, usava um boné vermelho e carregava um pandeiro debaixo do sovaco” (SANTOS, 1986, p 15). E uma senhora mais velha grita: “É Ossanha”. Esse traço da obra confirma a tradição africana da sabedoria do mais velho, “Uma vovó explicou que era Ossanha porque ela acabará de achar um sapato que tinha perdido no mato, e todos começaram a achar todo o tipo de coisas que haviam perdido, mesmo as que já haviam subido há bastante tempo (SANTOS, 1986, p 15). “Os pais-de-santo pegaram então o negrinho e o levaram pra dentro, para ver o Peji, onde estavam os orixás cobertos de balangandãs” (SANTOS, 1986, p. 20)

As pessoas que estavam na festa aproveitaram para espiar o cavalo dele. Nu certo momento um menino pergunta: “Será que ele não é Ossanha? Olha o cavalo dele” (1986, p. 22). O cavalo era torto, e onde tinha as patas dianteiras não tinha as de trás, a cabeça do cavalo também era torta, no lugar que tinha orelha não tinha chifre. Onde tinha olho, não tinha venta.

O pesquisador Souza Carneiro (1937, p.257), no livro “*Os mitos africanos no Brasil*”, cita o mito de Dudu Calunga, que é também chamado de Homem da Gira³⁰ ou Capenga, que está ligado ao culto a Ossanha:

No terreiro dos negros, festas e mais festas. Tantas que os babalaôs, que adivinham pelo assento e pela posição de pequenos búzios da África, anunciam surpresas: — ou do diabo ou de algum encantado. Chega o dia dedicado a Ossonhe, orixá venerado pelos que só tem uma perna, ou um braço, ou uma orelha, ou uma mão, ou um olho. Ossonhe vai surpreender os seus fiéis. Toma a cora, espécie de viola, monta na antílope, galinga, toda torta, mutilada ao ponto de tudo que deve ter dois só ter um: — pernas, mãos, orelhas, chifres, olhos, ventas.

O autor continua a história dizendo que, quando os pais de santo trouxeram o menino de volta, a festa esquentou. Ele pegou seu pandeiro e começou a tocar: “tudo quanto foi moça caiu no samba (...) chegou em um ponto que de tanto sambar elas foram diminuindo” (SANTOS, 1986, p.23) Este acontecimento sendo completamente mágico.

As moças ficaram tão pequenas que entraram no pandeiro e de lá dentro continuaram a sambar. Quando a última lalê³¹ ficou pequena e entrou no pandeiro, o cavalo gritou “Simbora, Dudu”. Ninguém ficou espantado com a fala do cavalo, só descobriram que aquela figura não era Ossanha. O menino, então, respondeu: “Perái Calunga”, tacando a mão no pandeiro com tanta força que até hoje se escuta. Conta a história que foi assim que as lalês voltaram ao seu tamanho normal e o menino cresceu tanto que levou todas elas para o seu terreiro, que ficava do outro lado do mar.

Ressalta-se aqui que tanto em *Rainha Quiximbi, Dudu Calunga* como na próxima obra a ser analisada a *Botija de Ouro*, Joel Rufino dos Santos faz um resgate da memória da cultura africana, dos costumes do povo brasileiro, uma vez que as personagens são negros e as narrativas resgatam alguns aspetos da contribuição do povo africano para a construção da identidade cultural do Brasil(DUPONT,2015 p. 193).

³⁰ Culto ritualístico em que se manifestam vários espíritos

³¹ São as mulheres favoritas

Como pode-se perceber, as narrativas de Joel Rufino caminham no mesmo sentido. Trazendo como tema principal o negro na sociedade, além disso, as histórias Rufinianas se aproximam da narrativa oral, uma vez que são carregadas de gírias e marcas de regionalismo. Ainda, resgatam mitos que permitem rememorar a cultura africana.

Deste modo, essas narrativas realizam um resgate de traços da cultura africana, quer por meio de mitos, por meio das marcas da oralidade, ou por meio dos laços simbólicos que estão nas entrelinhas e, elas constroem a identidade entre sociedades de tempos diferentes. Joel Rufino utiliza um vocabulário simples, porém riquíssimo, fazendo uso das características que, em grande parte, foram abraçadas pelos brasileiros e até hoje fazem parte das falas cotidianas.

CAPÍTULO 3-A ESCOLA EM JOEL RUFINO DOS SANTOS

O SACI
 O Saci tinha duas pernas
 Uma dava passo africano
 Com os anos
 A cultura
 Fez a ruptura.³²

No terceiro capítulo desta dissertação pretende-se propor caminhos que busquem compreender a obra de Joel Rufino dos Santos enquanto uma possibilidade de desconstrução de conceitos no que versa sobre racismo, currículo e educação. Pensando, ainda, como Joel Rufino se posiciona diante das intenções raciais presentes na sociedade.

As obras de Joel Rufino tornam-se indispensáveis na pesquisa, principalmente por apresentarem um caráter educativo diferente das abordagens que estamos acostumados a ter acesso, que tem deixado de lado os saberes relativos à cultura africana e priorizados os saberes dos grupos que historicamente tem silenciado e subalternizado os outros, realizando uma manutenção das relações de poder. Como afirmam Simas e Rufino (2018, p.19):

É importante que problematizemos a educação reconhecendo os equívocos praticados, para então buscarmos uma saída original, potente e incômoda. Estamos convencidos de que nós educadores, temos uma tarefa urgente: precisamos deseducar do cânone limitador para que tenhamos condições de ampliar os horizontes do mundo, nossos e das nossas alunas e alunos.

Para Luiz Rufino e Antonio Simas, há a necessidade da criticidade em relação aos conhecimentos priorizados pela educação brasileira. Para os autores é primordial que a educação não esteja isenta da crítica e da pluralidade de práticas e contextos educativos nos quais estamos inseridos. Como exposto no trecho: (SIMAS; RUFINO, 2018, p.20)

A educação brasileira versada nas carteiras das escolas e universidades não pode estar isenta de uma crítica que exponha os seus limites. Por mais que reconheçamos que existe uma pluralidade de práticas e contextos educativos, sabemos que o modo dominante constitui-se como um projeto que não contempla a diversidade. Ao contrário, produz tudo que está fora de seus limites como incrível e subalterno

³²CUTI. Poemas da carapinha. São Paulo: Ed. do Autor, 1978. 135p.

Ressalta-se, ainda, que o foco dessa pesquisa é o olhar de uma professora e pesquisadora frente às vozes e saberes historicamente subalternizados, que são legitimados e elevados a uma posição de destaque através das palavras e criatividade de Joel Rufino dos Santos. Assim, pensar como a escola tem conseguido dialogar com as diferenças culturais presentes no seu cotidiano também é tarefa do corpo desse capítulo, porque esse debate propicia a construção de um discurso contra hegemônico, que resgata a história da nossa construção cultural. (JOVINO, 2006).

Nilma Lino Gomes (2005, p.69-70), pedagoga brasileira, que foi ministra das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos(MMIRDH), pasta que, no momento atual, foi transformada no Ministério Mulher, da família e dos Direitos Humanos e está sob titulação da pastora evangélica Damarens Alves, diz em um artigo que compõe o livro de Vera Candau sobre multiculturalismo que foi elaborado há cerca de 14 anos que:

Apesar de decorridos quatro anos após a sanção da Lei 10.639/03 e das iniciativas do Ministério da Educação, do Movimento Negro e dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros para a sua implementação, ainda encontramos muitas resistências de secretarias estaduais, municipais, escolas e educadores (as) à introdução da discussão que ela apresenta. Essa resistência não se dá no vazio. Antes, está relacionada com a presença de um imaginário social peculiar sobre a questão do negro no Brasil, alicerçado no mito da democracia racial. A Crença apriorística de que a sociedade brasileira é o exemplo de democracia e inclusão racial e cultural faz com que a debandado trato pedagógico e político da questão racial seja vista com desconfiança pelos brasileiros e brasileiras, de maneira geral, e por muitos educadores, educadoras e formuladores de políticas educacionais, de forma particular.

Como se pode observar, após mais de uma década da lei sobre a inserção do ensino de cultura africana ter entrado em vigor, não há ainda uma facilitação, no sentido de aplicação dos saberes legitimados por ela, uma vez que estamos “vendados” e “acostumados” ao que nos é imposto. Além disso, nos últimos tempos, a resistência em aceitar as diferenças tem se tornando cada vez maior. Os discursos tornaram-se mais inflamados e violentos e a necessidade de deslegitimar os saberes do outro transformou-se em pauta principal de um projeto político e ideológico que parecia ter sido ultrapassado, mas que na verdade apenas se refazia.

Por esse motivo, busca-se analisar as narrativas que mostram uma ressignificação e valorização da história e cultura africana e afro-brasileira. Já que estas são produtoras de sentidos e de sujeitos, uma vez que influenciam o comportamento do indivíduo quer pelo texto ou pela imagem ilustrativa. (JOVINO, 2006). Desta maneira, propomos nesse capítulo um discutir a literatura infantil de Joel Rufino dos Santos, trazendo-a à luz de uma perspectiva multiculturalista que provoque uma reflexão sobre a relevância em se trabalhar com a literatura infantil afro-brasileira na educação, para a formação identitária positiva do negro.

Como base teórica essencial nesse diálogo, optamos por autores que tenham em seus discursos pontos em comum, a fim de esquematizar uma trajetória de análise. Em razão disso, para falar sobre tradição africana e ética na educação pretende-se utilizar os seguintes autores: Luiz Silva, também conhecido como o Cuti; Luiz Rufino, autor de Exu e as pedagogias das encruzilhadas; Luiz Antonio Simas e Renato Noguera para mediar o diálogo entre as questões da filosofia e da ética.

Também pretende-se ter como referencial teórico básico autores como Vera Candau, Antonio Flávio Moreira e Tomaz Tadeu, para trazer a visão multiculturalista de educação. Nilma Lino Gomes, para trazer um caráter político da implementação da lei 10.639/03 Stela Guedes Caputo que aborda questões relacionadas à religiosidade e cultura africana. Kabengele Munanga, Heloisa Pires Lima, entre outros, para abordar a literatura Infantil e a construção de identidade.

Como afirma Luiz Rufino no artigo “Pedagogia das encruzilhadas” (2018. p, 72) o “Racismo/colonialismo/colonialidade marcam o nosso tempo. A raça e seus contratos de dominação (Mills, 2008) são os fundamentos alicerces da lógica colonial, perpetram a morte, aniquilamento, desencante e humilhação.”. Nesse sentido, por notarmos que as narrativas de Joel provocam curiosidade nas crianças, fazendo-as dialogar com saberes que antes eram totalmente subalternizados. Dá-se a importância dessa análise, pois essas obras buscam um diálogo multicultural, logo será observado e descrito nesse capítulo a recepção das histórias, contrapondo as diferentes narrativas literárias, para

assim compreender se elas poderão ter implicações na construção de uma identidade positiva da criança.

Destaca-se, ainda, que Peixoto (2013, p. 81) enfatiza que “a criança, no processo de se construir cidadã, introjeta crenças e padrões, mas também refaz, reconstrói e ressignifica valores em relação a si mesma e à sociedade onde interage.”Entende-se, então, que a construção da identidade negra é inevitavelmente influenciada pelos referenciais que são a ela apresentados. E ainda, que práticas pedagógicas que busquem a reflexão e o aprendizado sobre a cultura africana irão contribuir de forma significativa, para ocasionar uma ruptura no modelo curricular que privilegia apenas a cultura hegemônica, e que aborda o passado da pessoa negra no Brasil, por um ponto de vista negativo (JOVINO, 2006).

Em conclusão, pela urgência reafirmada pelas leis 10.639/03 e 11.645/08 em se trabalhar essas questões dentro da escola, dita como um espaço democrático, acredita-se que quanto mais cedo se provoca a reflexão de que convivemos em uma sociedade de múltiplas etnias, mais rápido será compreendida a finalidade do preconceito.

Com o reconhecimento da discriminação racial como um elemento que constitui a formação da sociedade, possibilitou-se a alteração das diretrizes curriculares nacionais, que são consideradas um novo marco na história da educação do país. (JOVINO 2006). Mesmo muito presente, o racismo vem sendo combatido mais intensamente por reformas educacionais desde o final de 1990, década em que o Ministério da Educação legitima através dos PCNs o tema transversal “pluralidade cultural”(ABREU; MATTOS 2008). Em seguida, com a finalidade de se alcançar uma educação que tenha respeito à diversidade como parte de uma formação cidadã, em 2003 uma lei de ação afirmativa é sancionada.

Com o surgimento da lei 10.639, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96) ao incluir na mesma três novos artigos. 26-A, o qual torna obrigatório o ensino da temática História e Cultura Afro Brasileira nos estabelecimentos de educação básica do país (ABREU; MATTOS 2008).E os Artigos 79-A e 79-B, que estão descritos abaixo:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Propõe-se um recontar da história, não mais vista pelo opressor, mas pelo oprimido, pois a literatura recente mostra que nos últimos anos as discussões sobre as diferenças tornaram-se centrais nos debates. Os conceitos de opressor e oprimido partem de Paulo Freire (1987), autor da pedagogia do oprimido.

Para Freire, a libertação do oprimido ocorrerá ao partimos na contramão da dominação, sendo possível apenas pela educação. Não a educação "bancária", que visa defender os interesses do opressor, na qual o diálogo não existe e o saber é apenas uma doação dos que se julgam sábios aos que eles julgam nada saber, mas a educação problematizadora, pois todo o ato educativo é um ato político.

É compreendido que, dessa forma, rompe-se com a visão eurocêntrica que tem promovido ao longo de décadas um racismo epistêmico, que acentua do ponto de vista do conhecimento uma opressão sobre a criança negra, pois ele opera privilegiando as políticas identitárias dos brancos ocidentais. E a identidade, uma vez que ela esta em constante formação, acaba sendo modificada, como afirma (SILVA, 2000):

Nossa identidade, assim, não é uma essência, não é um dado, não é fixa, não é estável, nem centrada, nem unificada, nem homogênea, nem definitiva. É instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. É uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato.

Nota-se com isso que práticas pedagógicas que busquem a reflexão e o aprendizado sobre a cultura africana irão contribuir de forma significativa para ocasionar uma ruptura no modelo curricular que privilegia apenas a cultura hegemônica, e que abordam o passado da pessoa negra no Brasil, por um ponto de vista negativo. E a história da escravidão é utilizada, muita das vezes, para ampliar o preconceito e os estereótipos presentes na sociedade.(JOVINO 2006).

Assim, ao se discutir as questões ligadas às demandas étnico-raciais traduzidas na literatura infantil, presume-se que esta apresenta um papel significativo para a inserção do ensino de cultura africana nas escolas. Pois fica compreendido que ela é uma prática pedagógica que pode ser utilizada como instrumento de desconstrução de estereótipos. E, ainda, ser favorável a um processo de maior reconhecimento da cultura afro brasileira na educação.

Para finalizar, é importante sinalizar que este último capítulo terá como título: “A escola em Joel Rufino dos Santos”, pois busca compreender a educação escolar a partir de sua visão. O capítulo terá cinco subtítulos intitulados: subtítulo 1-A tradição africana e a ética na educação, subtítulo 2 -A educação e o cruzamento de culturas, subtítulo 3—A lei 10.639 na escola: uma questão de afrocentricidade e subtítulo 4- O presente de Ossanha: por uma pedagogia decolonial

3.1– A TRADIÇÃO AFRICANA E A ÉTICA NA EDUCAÇÃO

“Rir junto é melhor que falar a mesma língua. Ou talvez o riso seja uma língua anterior que fomos perdendo à medida que o mundo foi deixando de ser nosso.” Mia Couto³³

No artigo “*Pedagogias das encruzilhadas*” (2018), Luiz Rufino fala da educação como um elemento fundamental de humanidade, afirmando que ela

³³In “Venenos de Deus, remédios do Diabo”, Ed. Caminho, 2008

tem como uma de suas principais característica a ética. Segundo Luiz Rufino (2018, p.76): “O fundamento primeiro da educação é a ética, elemento esse que nos leva a questionar sobre como as nossas existências respondem aos outros que nos interpelam.”.

O teórico traz a educação como uma prática emancipatória e, para ele, como tal ela deve ter em seu corpo aspectos de inconformismo, rebeldia e transgressão. Isto porque uma vez que vivemos o tempo inteiro negociando nossos espaços de fala, que muita das vezes são ocupados por outros, a fim de fazer uma manutenção de discursos. Como destaca Luiz Rufino, precisamos encontrar novos caminhos para legitimar os saberes que foram historicamente subalternizados, pela via do projeto ocidental que procura manter a colonialidade e as relações de poder.

Assim, de acordo com pesquisador, há de se mudar os trajetos de luta, para restituir o espaço e lugar dos inúmeros saberes que estão sendo deslegitimados em prol de um projeto de manutenção de poder. Como nos submete Rufino em seu artigo RUFINO, 2018. p.80):

Como se sobrevive preservando referências e negociando posições em meio a relações solapadas pelas violências, irregularidades e desproporções que colocam grande parte dos saberes subalternos como alvos de extermínio? Arrisco dizer que isso só é possível incorporando as astúcias da ginga. Há de se jogar o jogo, afinal, o cotidiano colonial é um verdadeiro campo de batalhas e mandingas. Daí a necessidade dos *rolês epistemológicos*, operação essa diretamente articulada à noção de *cruzo* e que vem a invocar e amarrar o verso de uma terceira ação, a que conceituo como *ebó epistemológico*. Se a vigência do projeto ocidental se constituiu por intermédio da subalternização, do desencantamento e do desaparecimento de inúmeros saberes, agora será preciso invocar um outro espírito que os restitua. Assim, o que nos resta na tentativa de desfazer essas amarrações é esculhambá-las via os poderes do encanto. Lancemos mão do repertório de mirongas dos “negos véio”, já que se torna cada vez mais necessário *desobsediaros* assombros e carregos alimentados pelo racismo/colonialismo.

Em concordância com esse pensamento, Renato Nogueira, nos escritos sobre “*A ética da serenidade: O caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope*”(2013) vai advogar no sentido de defender a filosofia

africana como fundadora. Ou seja, a filosofia não é de origem Grega/ ocidental como nos foi imposto. Utilizando a ética de Amen-em-ope³⁴ para provar o fato.

A filosofia de Amen-em-ope, está baseada no uso da emoção ao invés de dar prioridade a razão, como ocorre na filosofia ocidental. Segundo esta filosofia, nossas decisões deveriam passar pelo coração, para assim tomarmos decisões justas e éticas. Ela é pautada na seguinte visão de compreensão do mundo NOGUERA 2013, p.151):

Na cosmovisão egípcia, o ser humano é formado por cinco elementos, *ka, ba, akh, sheute ren*. Os termos, apesar de difícil tradução, apontam para força vital (*ka*); coração/alma (*ba*); força divina (*akh*) sombra (*sheut*) e identidade (*ren*). O endereço pós-morte física é um julgamento, *ba* – pode ser traduzido como coração [alma] – deixa o corpo material acompanhado do *ka* – força vital – vai, guiada pelo deus Anúbis, para o tribunal presidido pelo deus Osíris. Diante de Osíris, o coração da pessoa que deixou a vida terrena é colocado num dos pratos da balança (*Maa*), *Maat*, deusa da justiça coloca sua pena de avestruz no outro prato. O objetivo é medir o peso, se o coração for leve, uma vida melhor será dada como recompensa, festejando a vida eterna. Mas, se o coração for mais pesado do que a pena, a pessoa iria se encontrar com Ammit, deus com cabeça de crocodilo, corpo de leão e membros inferiores de hipopótamo responsável por aterrorizar as pessoas que têm o coração pesado por uma vida fora da medida (da harmonia).

Além de dialogar com a ética e a tradição africana, Renato Nogueira procura comunicar, durante o artigo, que há um racismo em dimensão epistêmica. Conceituando esse tipo de racismo, o teórico informa que é um preconceito cognitivo, que acaba por criar uma recusa em se assumir os povos negros como produtores de conhecimento. Lembrando, ainda, que o que tenta-se é invalidar os saberes e produções intelectuais dos povos que foram historicamente subalternizados.

Luiz Silva, “O Cuti”, no livro “*Literatura negro-brasileira*” (2010), pensa sobre os discursos e o poder em dizê-los, uma vez que a maioria da população apenas escuta e não os formulam, muitas das vezes tudo o que conseguem é repeti-los. Para Cuti (2010, p.21):

³⁴Amenemope viveu na última fase da 20ª Dinastia do Reino Novo que, no total, durou aproximadamente de 1186-1069 antes da Era Comum (a.E.C.), filho de um escriba, atuava como supervisor dos campos de cereais NOGUERA, 2015.

Os discursos (todos) passam pelo poder dizê-lo. O silêncio pertence à maioria que ouve e, quando muito, repete. Falar e ser ouvido é um ato de poder. Escrever e ser lido, também. Na educação tradicional, o professor fala e os alunos silenciam. No vestibular e nos concursos, as obras são listadas e todos os que os prestarem terão de responder corretamente às questões formuladas a respeito de tais obras e não de outras. Quando pensamos por essa via, sabemos que por detrás dos atos de poder há pessoas. Quem escolhe o livro a ser lido tem o poder sobre os demais que devem fazer daquela leitura um ato de obediência como condição para atingir seu objetivo (ser aprovado).

Levando para questão literária, ele pensa que quem escreve e é lido tem um ato de poder, mas a literatura e o escritor passam por vários crivos, pois o livro precisa ser escolhido para ser lido. Assim, o poder discursivo precisa ser pensado em rede. Já que envolve uma série de questões relativas à sociedade.

Pelo mesmo viés, adepto de uma filosofia marginal, no sentido de pensar questões filosóficas que estão à margem das pesquisas acadêmicas, Renato Noguera também fala da filosofia africana como fonte de humanização, com o artigo “*UBUNTU COMO MODO DE EXISTIR: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista.*” (2011). Renato Noguera (2011, p. 150) discorre sobre o conceito de Ubuntu, analisando-o como uma maneira de viver, de existir enquanto ser humano. Como afirma: “Com efeito, ubuntu como modo de existir é uma re-existência, uma forma afroperspectivista de configurar a vida humana coletivamente, trocando experiências, solidificando laços de apoio mútuo e aprendendo sempre com os outros.”.

Para ele, esse conceito está contido em uma afroperspectividade que busca formular conceitos e validar saberes recorrendo as tradições africanas, indígenas e afro-brasileiras Como o filósofo afirma (NOGUERA, 2012 p. 65):

Filosofia afroperspectivista é uma expressão conceitual guarda-chuva, isto é, reúne diversas perspectivas e olhares, significando neste caso: “a reunião de produções filosóficas africanas, afrodiaspóricas e comprometidas com o combate ao racismo epistêmico” (NOGUERA, 2011, p. 44). Em outras palavras, filosofia afroperspectivista é todo exercício filosófico protagonizado por pessoas com pertencimentos marcados principalmente pela afrodiáspora.

Outra filosofia destacada neste trabalho e discutida pelo filósofo é o significado de Ubuntu. “UmuntuNgumuntuNgabantu”³⁵, popularmente traduzido como “eu sou porque nos somos”, é mais uma filosofia africana pouco utilizada nos espaços escolares. Hoje, vê-se cada vez mais a lógica mercadológica presente nos cotidianos dos saberes que têm sido privilegiados nos currículos, livros didáticos e, sobretudo, nas produções discursivas.

É a partir desse ponto que faz-se um diálogo com “*O presente de Ossanha*”. As ideias de Luiz Rufino e Nogueira podem ser abarcadas e dirigidas partindo da interpretação da obra. O que pretende-se destacar aqui é que através da obra podemos discutir valores presentes nas tradições africanas. A filosofia do Ubuntu encontra-se presente na obra em diversas passagens, como quando Ossanha cruza o caminho do menino e lhe presenteia com um visgo, que representava a sua terra, a sua tradição e, posteriormente, quando o personagem moleque se recusa a vender o pássaro, atribuindo um valor sentimental e não um preço mercadológico a ele. Mas, principalmente no momento em que Moleque presenteia seu amigo com o Cora. Pois, como bem conceitua Nogueira (2011, p.149-150), Ubuntu seria:

Um primeiro passo para essas práticas está no que o filósofo Ramose chama de polidiálogo, isto é, no lugar de ouvir e falar em busca de “vencer” um debate, podemos ouvir-falar sempre de uma maneira múltipla, sem necessidade de estabelecer consenso, sem necessidade de vencer disputas; mas, procurando atravessar os caminhos e encruzilhadas que a existência reserva com o entendimento que atravessar em companhia pode servir como uma maneira de tornar a vida mais bela, solidária (e porque não dizer, sem querer incorrer em clichês), feliz. Porque ubuntu significa que só posso ser feliz se as pessoas ao meu redor também estão felizes.

A trajetória de vida do menino moleque sugere exatamente isso. Ao invés de dar prioridade à razão, pois a lógica seria o menino obter sua liberdade através do pássaro cora, se libertando do opressor, da posição de escravizado. O menino prefere continuar sendo subjugado, a fim de manter a relação de amizade com um possível subjugador.

³⁵ A máxima zulu e xhosa, umuntungumuntungabantu (uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas) indica que um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos.) (Nogueira, 2013 p. 148)

Assim, em contrapartida, pensar que moleque poderia ter atingindo sua liberdade ao fazer uso do pássaro maravilhoso, alcançando à tão almejada liberdade. Nos faz refletir que até que ponto os valores de amizade podem se sobrepor aos de liberdade? E o caso já escrito por Joel Rufino dos Santos(2000 p. 61)de zumbi que se atira de uma pedra para não ser preso? “A cabeça de Ganga Zumba ele levou espetada num pau.Isto é para os escravos verem que Ganga não é imortal. E zumbi? Zumbi não se rendeu. Ele preferiu atirar-e de uma rocha bem alta. Prefiro a morte à escravidão!”(foram suas últimas palavras)

Além disso, a obra traz os conceitos de encantamento e ancestralidade, muito presentes na tradição e na ética africana. Uma vez que o menino sabia sobre a história de Ossanha e foi graças a esse motivo, desse encantamento, que ele conseguiu um encontro com o seu ancestral. Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2018,p. 11)tratam dos conceitos de ancestralidade e encantamento como uma maneira de dobrar a “descredibilidade de inúmeras formas de existência e de saber” que a agenda colonial produz. Para os pesquisadores (2018,p. 11), na visão da ancestralidade “só há morte quando há esquecimento e para essa perspectiva do encantamento tanto a morte quanto a vida são transgredidas para uma condição de sobrevivência”.

Ressalta-se também a figura do orixá Ossanha, como possibilitador de uma mudança no percurso da história de moleque, mas não como principal caminho. Pois, assim como Luiz Rufino (2018, p. 72) traz Exu como um “loci de enunciação para riscar uma pedagogia antirracista/decolonial assente em seus princípios e potências.”, Joel Rufino do Santos apresenta Ossanha como prenúncio,um apoiador de um novo tempo para o menino escravizado.Logo, entende-se que não é o Orixá em si que apresenta os caminhos possíveis para transgressão ao sistema, mas a cultura africana e sua sabedoria.

Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, no livro “*Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*” (2018), acabam por levantar um importante pensamento destacando que a dobra “ancestralidade/encantamento” é crucial para facilitar um reposicionamento ético e estético das culturas que historicamente foram observadas, a partir dos regimes totalitários, como formas subalterna de pensar, desconsideradas e não credíveis.

Assim, para eles (2018, p.13): “por mais que o colonialismo tenha nos submetido ao dismantelo cognitivo, à desordem das memórias, à quebra das pertencas e ao trauma, hoje somos herdeiros daqueles que se reconstruíram a partir de seus cacos.” E seguem resilientes diante de uma dita “democracia racial” e das estruturas coloniais do saber. A noção de democracia racial, sistematizada por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*³⁶, que enfatizava a ideia de que o Brasil oferecia a todos os seus cidadãos igualdade de oportunidades em todas as áreas da vida pública e além disso, pregava a idéia de um convívio harmonioso, quase que totalmente isento de preconceito racial, racismo e discriminação. Essas ideias exercem um grande impacto sobre o imaginário nacional referente às relações étnico-raciais.

Pensando sobre esse cenário, Luiz Cuti reflete o poder de convencimento da literatura e esta como uma possível “salvadora” das noções cristalizadas de superioridade racial (2010, p.12)

Se as conquistas da população negro-brasileira são minimizadas é porque o propósito de um Brasil exclusivamente branco continua sobrepujando as mentes que comandam a nação nas diversas instâncias do poder. Os maiores problemas que o país enfrenta hoje foram plantados ontem e seus cultivadores deixaram uma legião de descendentes e seguidores. A luta entre escravizados e escravizadores mudou sua roupagem no biombo do século XIX para o século XX, mas prossegue com suas escaramuças, porque a ideologia de hierarquia das raças continua, segue mudando de cor como os camaleões, adaptando-se a situações novas, com manobras da hipocrisia sempre mais elaboradas. Com a democracia jurídica, o esforço para alterar as mentalidades encontrou grande apoio, porém as noções cristalizadas de superioridade racial mantêm-se renitentes, e os argumentos da exclusão racista persistem para impedir a partilha do poder em um país étnica e racialmente plural. E a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação.

Nessa dinâmica, Nilma Lino Gomes destaca a questão da falsa democracia racial como um problema e afirma que um dos caminhos a serem percorridos pode estar em compreendermos que todos nós estamos ligados em rede. Nesse sentido, todos são responsáveis pela questão da educação racial. O que nos remete a filosofia africana já destacada aqui: Ubuntu.

³⁶ Lançado em 1933, apesar de ter feito muito sucesso livro leva a crítica de ter relatado a relação escravizador-escravizado de maneira romântica

Discutindo sobre isso, em seu artigo: “*A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03*” (2008), a pesquisadora levanta a bandeira de que a questão racial deve ser uma necessidade humana, pois ela é parte da construção cidadã e da democrática de todos. Destaca, ainda, que o racismo e a desinformação sobre as africanidades no Brasil constituem sérios obstáculos à formação de uma consciência coletiva, que tenha como base a formação de uma sociedade mais justa. Segundo Gomes (2008, p.70):

Talvez um dos caminhos para a superação dessa situação seja uma reflexão profunda sobre a discussão já realizada pelo Movimento Negro e por todos aqueles que acreditam em uma educação anti-racista: a questão racial não se restringe à comunidade negra, e a superação do racismo e da desigualdade racial faz parte da luta pela construção da cidadania e da democracia para todos. Em uma sociedade multirracial e pluricultural, como é o caso do Brasil, não podemos mais continuar pensando a cidadania e a democracia sem considerar a diversidade e o tratamento desigual historicamente imposto aos diferentes grupos sociais e étnico-raciais.

Nesta perspectiva, pensando na contramão do discurso da democracia racial, do racismo epistemológico e das estruturas coloniais do saber, é importante o diálogo entre Antonio Simas e Luiz Rufino, que pensam uma educação diferenciada e original, pois, para eles, conhecimento só se adquire através da experiência. Renato Nogueira reflete sobre o conhecimento filosófico negro e Luiz Cuti elucida sobre a literatura como um caminho para propor uma representação da negritude que se contrapõe às imagens negativas e estereotipadas construídas pela tradição literária brasileira.

3.2- O CRUZAMENTO DE CULTURAS NA EDUCAÇÃO

O pato com o marreco não pode combiná;
Pato fala baixo, marreco quer gritá!”
Para o preto-velho Joel Rufino dos Santos

A epígrafe acima inicia o nono capítulo do livro de Rufino e Simas, “*Fogo no Mato*” (2018), e como já percebemos, para eles, a ancestralidade é

fundamental para compreender os povos africanos. Além de se constituir como uma forma de resistência nesse espaço de disputa em que vivemos. O trecho do livro é entendido como uma forma de homenagem ao principal autor trabalhado aqui nesta dissertação, Joel Rufino dos Santos.

Para os autores (2018, p.74), Joel Rufino teria a sabedoria de um preto-velho. E os velhos ensinam que: “Existem inúmeras formas de luta. Em meio ao regime hierárquico e arrogante que os fixou como submissos e resignados, os velhos, através de suas sabedorias, inventam formas de praticar a dobra no sistema”. Lourival Andrade Junior (2013, p.4) no artigo publicado pela ANPUH³⁷-“Adorei as almas”: Umbanda, Preto-velho e escravidão, definem a noção de preto-velho como:

O próprio nome já os identifica. Os pretos e pretas-velhas (os cacurucaios - ancião em quimbundo) são os homens ou mulheres africanos ou afro-brasileiros que ao viverem nas senzalas as mazelas da empresa escravocrata eram os conselheiros e curandeiros de seu grupo social. Neste caso a assimilação destes negros ao novo país foi determinante para sua sobrevivência, mesmo que em condições precárias. Negros que na África não possuíam contato, inclusive religioso, nos tumbeiros e no cativeiro forçado no Brasil, foram obrigados a se encontrar e se compreender.

Simas e Rufino vão dizer que a partir das sabedorias amarradas em pontos, que os velhos anunciam a decadência de um mundo avesso à diversidade e ao encantamento. Exemplo disso é o ponto³⁸ a seguir, que tem como traço principal a marca da ancestralidade africana que lembra sabedoria como uma maneira de prever o futuro, os colocando como detentores de poderes que os opressores não têm acesso:

Seu doutorzinho,
Quer que chame de doutor.
É desaforo,
Cativeiro já acabou.
Branco sabe ler,
Branco sabe escrever,
Mas não sabe o dia em que morre,
O preto é quem vai dizer.³⁹

³⁷ Associação Nacional de História, originalmente Associação Nacional dos Professores Universitários de História, fundada em 19 de outubro de 1961 in: <http://www.anpuhpb.org/qsomos.html>

³⁸ Cantos destinados a salvar, homenagear e identificar as entidades de Umbanda

³⁹ (EDITORA ECO, 1974: 104) in “Adorei as almas”: Umbanda, Preto-velho e escravidão. LOURIVAL ANDRADE JÚNIOR, anpuh (2013, p. 9)

Falando sobre educação, para Luiz Rufino e Antonio Simas há a necessidade da criticidade em relação aos conhecimentos priorizados pela educação brasileira. Para eles, é primordial que a educação não esteja isenta da crítica e da pluralidade de práticas e contextos educativos em que estamos inseridos. Pois a educação não pode se omitir da crítica sobre a não contemplação da diversidade, na pluralidade de práticas e contextos educativos.

Vale lembrar que no atual momento político e ideológico da educação no Brasil, não podemos nos omitir das questões culturais, presentes nos diferentes universos das crianças que compõem o espaço escolar. Pois ao mesmo tempo em que a escola pertence a um mundo globalizado, ela está inserida em um contexto social muito diversificado no que diz respeito à cultura. Cada espaço traz consigo questões relativas à comunidade em que está inserida. Além disso, como nos informas os pesquisadores (2018, p.75):

No Brasil, com exceções brilhantes de gente que raspou o tacho, a educação é pensada como uma instância normativa e padronizada. A cultura, por sua vez, pode ser como um conjunto de práticas e dimensões simbólicas de invenção constante da vida, o espaço de possibilidade de transgressão do padrão normativo. Neste sentido a educação prende, enquanto a cultura liberta.

Assim, ou a educação vai atingir um caráter transgressor, que ela já deveria apresentar. Ou a cultura vai ser inflexibilizada pelo viés normatizador e conservador que a educação anda propondo.

Dessa forma, como salientam Rufino e Simas (2018,p.75): “Tanto a educação quanto a cultura são fenômenos inerentes à condição humana”.Nesse sentido,entende-se que não existe educação sem cultura, não há uma educação alheia aos processos culturais, o que existe é uma relação intrínseca entre a educação e a cultura. Ainda, lembra-se que para Rufino e Simas (2018,p.75): “toda educação é também cultura e toda cultura compreende-se como um contexto que tece suas experiências de saber ao mesmo tempo em que trança também pedagogias que lhe são próprias.”É preciso pensar na educação como uma prática que valorize a experiência humana em toda sua diversidade.Pensando em uma educação experienciada

pela cultura, uma forma multicultural de educar, que seja transgressora do sistema criado pela colonialidade.

O conceito de cultura é central nas teorizações de Stuart Hall, nas obras do pesquisador, ele serve não apenas como fundamento epistemológico para suas discussões teóricas, mas, além disso, é utilizado como um conceito metodológico para as análises que ele realiza de diferentes artefatos culturais. Partindo da observação de Homi Bahaba sobre o conceito de multiculturalismo x multicultural, Stuart Hall na obra *“Da diáspora: identidades e mediações culturais”* aponta no ensaio: *“A questão multicultural”* que o termo *multiculturalismo* é diferente do significado do termo *multicultural*.

O primeiro, ele sugere, que seria um termo “valise” que se expandiu de forma heterogênea, e seriam as estratégias utilizadas pelo Estado para solucionar os problemas gerados pela existência de grupos sociais distintos dentro de uma nação. Já o segundo, “multicultural”, seria um termo oscilante, que tem como significado a existência de múltiplas comunidades culturais dentro de uma sociedade, e os problemas governacionais que, por esta convivência, aparecem. Ou seja, o termo multicultural significa que certa sociedade é culturalmente heterogênea, segundo Hall (2003, p.52):

Pode ser útil fazer aqui uma distinção entre o multicultural" e o "multiculturalismo". Multicultural é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade"original". Em contrapartida, o termo" multiculturalismo" é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelasociedades multicultural. " Multicultural", entretanto, é, por definição, plural.

Na educação não há como termos uma experiência pedagógica “desculturalizada”, pois essa prática provoca brechas no ensino. E assim, a educação monocultural torna-se cada vez mais criticada. Uma possibilidade que hoje é discutida seria compreender a escola como um espaço de cruzamento de cultura, como informa Candau e Moreira (2007, p.15): “Uma outra contribuição que consideramos muito interessante para uma nova compreensão das relações entre educação e cultura(s) diz respeito a uma concepção da escola como um espaço de cruzamento de culturas, fluido e

complexo, atravessado por tensões e conflitos.” No entanto, para Moreira e Candau (2003, p.161):

A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar.

Assim, pensar a educação multiculturamente é compreendê-la fora do padrão normatizador e homogenizador. A noção de cruzamentos de culturas e elucidada por Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino como a necessidade de sobrevivência após o cárcere e a vinda dos escravizados para o Brasil. Para os teóricos, a cultura que prevaleceu como dominante no país foi a europeia, branca e ocidental, ficando à margem a dos negros e índios.

Ressalta-se que para eles, o jogo de poder ainda não terminou. Então, ainda não nos cabe falar em vencedores ou perdedores. Pois, aos poucos, os que foram vencidos anteriormente, agora vão se afirmando e conquistando o direito à voz e ao seu lugar de fala. Segundo Simas e Rufino(2018,p.11):

O atlântico é uma gigantesca encruzilhada. Por ela atravessaram sabedorias de outras terras que vieram imantadas nos corpos, suportes de memórias e de experiências múltiplas que lançadas na via do não retorno da desterritorialização e do despedaçamento cognitivo e identitário, reconstruíram-se no próprio curso, no transe, reinventando a si e o mundo.

Porém, fica a questão: Como inserir o cruzamento de culturas na educação? Uma vez que, apesar da multiplicidade cultural que nossa sociedade tem por base, essas culturas foram marcadas por processos de extrema violência. Segundo Candau (2008, p. 17). “A nossa formação histórica está marcada pela eliminação física do "outro" ou por sua escravização, que também é uma forma violenta de negação de sua alteridade.”.

Simas e Rufino (2018, p.78) lembram que:“Em tempos menos afoitos, cada criança trazia as bagagens de experiências distintas, na casa e na escola,trocadas na rua de forma lúdica e descompromissada, em outro processo enriquecedor, a partir do ato de conhecer pelo brincar.”.

Ainda, os autores complementam que na sociedade atual isso é completamente impossível a não ser que pensemos a escola subvertida no

espaço da rua. Assim, para pensar em uma educação multicultural e na escola como um polo de cruzamento de culturas é necessário reinventar a educação. Como afirmam Simas e Rufino (2018, p.19):

É importante que problematizemos a educação reconhecendo os equívocos praticados, para então buscarmos uma saída original, potente e incômoda. Estamos convencidos de que nós educadores, temos uma tarefa urgente: precisamos deseducar do cânone limitador para que tenhamos condições de ampliar os horizontes do mundo, nossos e das nossas alunas e alunos.

Uma questão levantada por Vera Candau (2008,p.22), e possivelmente uma saída para o a reinvenção do sistema,está na interculturalidade, pois ela propõe um multiculturalismo mais interativo e aberto, que busca a “construção de sociedades democráticas, pluralistas e inclusivas, que articulem políticas de igualdade com políticas de identidade.”.

Essa perspectiva intercultural de educação acredita no reconhecimento do “outro” para proporcionar o diálogo entre os diferentes grupos sociais. enfrentando a assimetria de poder das comunidades socioculturais e fornecendo um projeto comum, em que as diferenças são incluídas.(2008, p 25)

Se a cultura escolar é, em geral, construída marcada pela homogeneização e por um caráter monocultura, inviabilizamos as diferenças, tendemos a apagá-las, são todos alunos, são todos iguais. No entanto, a diferença é constitutiva da ação educativa. Está no "chão", na base dos processos educativos, mas necessita ser identificada, revelada, valorizada. Trata-se, de dilatar nossa capacidade de assumi-la e trabalhá-la.

Em conclusão, lembra-se que é necessário problematizar a percepção de que mesmo com um aumento das pesquisas e produção relacionadas as demandas das tradições populares, que geralmente são subalternizadas por refletirem sobre as contribuições históricas e culturais afro-brasileiras, africanas e ameríndias, ainda existe uma real necessidade de diálogos e produções que pensem o cruzamento de culturas. Como afirmam, Simas e Rufino (2018 p.34-35):

Outra questão a ser problematizada é a constatação de que mesmo com um crescente crescimento das produções nos campos das tradições populares, principalmente as que ressaltam os traços e contribuições das histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e ameríndias, ainda existe a

demanda e a necessidade de esforço na produção de debates que as coloquem em relação à presença do cruzo.

Nessa dinâmica, um dos principais desafios na luta pela equidade das narrativas culturais, na escola, está na necessidade do exercício, multiculturalista ou, ainda, interculturalista. Pois, dessa maneira, o processo escolar estaria sendo desenvolvido fora dos padrões monorracionais.

3.3– A LEI 10.639 NA ESCOLA: UMA QUESTÃO DE AFROCENTRICIDADE

Tem que bater, tem que matar, engrossa a gritaria
 Filha do medo, a raiva é mãe da covardia
 Ou doido sou eu que escuto vozes
 Não há gente tão insana
 Nem caravana do Arará⁴⁰

Em 2003 foi sancionada a lei 10.639, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de conteúdos de História da África e dos negros. Após o Conselho Nacional de Educação aprovou a Resolução I, de 17/03/2004, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. A partir desse momento, as escolas da educação básica passaram a ter um documento que legitima e dialoga com a lei, aprofundando, assim, a orientação do que deve ser essa prática pedagógica.

Após 16 anos decorridos, a lei simboliza um marco histórico da luta pela cultura africana no Brasil. No entanto, apesar de um considerável avanço, ainda falta espaço para as questões relativas a um currículo afrocentrado. O conceito de afrocentricidade surgiu em 1960 a partir dos “Estudos Negros”, que alguns teóricos afro-americanos inseriram nas universidades dos EUA. Foi Molefi Kete Assante elaborou a estrutura do conceito através da obra, “Afrocentricidade: a teoria da mudança social”.

Nogueira (2010, p. 2) define que a Afrocentricidade: “Consiste num paradigma, numa proposta epistêmica e também num método que procura encarar quaisquer fenômenos através de uma devida localização, promovendo a agência dos povos africanos em prol da liberdade humana.”. Em consonância

⁴⁰<https://extra.globo.com/noticias/rio/pm-aborda-onibus-recolhe-adolescentes-caminho-das-praias-da-zona-sul-do-rio-17279753.html>

com Molefi Kete Asante, que esclarece o conceito como (2009, P. 93): “um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos, atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos.”:

Em continuidade, no texto Introdução à afrocentricidade, Renato Nogueira afirma:

Primeiro, é preciso dar passagem para o conceito de localização. Pois bem, localização “no sentido afrocêntrico, refere-se ao lugar psicológico, cultural, histórico ou individual ocupado por uma pessoa em dado momento da história” (Asante, 2008, p.96). O que significa que é necessário precisar em que lugar uma pessoa está posicionada em relação à sua cultura. Porque é indispensável entender e demarcar a maneira como uma pessoa está em relação à sua ancestralidade, suas referências históricas e culturais, avaliando “se essa pessoa está em um lugar central ou marginal em relação à sua cultura”.

Dá-se então, importância ao lugar de narrativa, pois ela parte de uma visão de saber, uma vez que a: “Afrocentricidade bate de frente com a noção que os saberes partem de lugares “neutros” ou que “a ciência” não seja um ponto de vista, uma perspectiva.”. Tendo como preocupação definir a posição de sujeito africano.

Somando um currículo afrocêntrico, a lei 10.639/93 e as diretrizes curriculares nacionais, a luta a favor da superação do racismo torna-se mais forte na escola que é considerada, segundo Nilma Lino Gomes (2008, p.69), pelos grupos que pensam sobre o racismo como:

Uma das instituições sociais responsáveis pela construção de representações positivas dos afro-brasileiros e por uma educação que tenha o respeito à diversidade como parte de uma formação cidadã. Acreditam que a escola, sobretudo a pública, exerce papel fundamental na construção de uma educação anti-racista.

Pensando sobre a identidade negra como um processo mais amplo, uma vez que as dimensões sociais e pessoais estão interligadas para a construção de uma vida social. Nilma Lino Gomes define que: “Enquanto sujeitos sociais étnico âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais (todas elas, e não apenas a identidade racial, mas também as identidades de gênero, sexuais, de nacionalidade, de classe, etc.)”. Para a pesquisadora:

Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que estes são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.

Nesta dinâmica, as teorizações de Stuart Hall sobre o racismo e a representação do negro podem contribuir de forma significativa para que possamos (re)pensar a educação no Brasil. Pois, uma vez que entendemos que a educação e a cultura caminham juntas, formando uma identidade no educando. Dessa forma, é importante observar também como os afro-brasileiros têm sido representados na cultura ao longo da História.

Stuart Hall afirma, que a partir do conceito de multiculturalidade, houve uma racialização, sendo observada na cultura britânica, na qual ele está mais próximo. Para ele, a questão étnica acaba levando a noção de multicultural para o centro da crise de identidade nacional, e um dos efeitos que isso provoca seria a visibilidade do pensar sobre o termo “raça”. Conceituando Raça, Hall (2003, p.69) afirma que não ela é uma categoria científica, Raça seria uma construção política e social:

Conceitualmente, a categoria "raça" não é científica. As diferenças atribuíveis à "raça" numa mesma população são tão grandes quanto àquelas encontradas entre populações racialmente definidas. "Raça" é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão- ou seja, o racismo. Contudo, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria (Hall, 1994). Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas.

Para ele, os conceitos de Raça e Etnia se contrapõem, pois a etnicidade acaba produzindo um discurso sobre a cultura e religião. Segundo Hall (2003, p.69) “O racismo biológico privilegia marcadores com a cor da pele. Esses significantes têm sido utilizados também, por extensão discursiva, para conotar diferenças sociais e culturais.”. O racismo étnico tem a ver com razões culturais, é o racismo pelo culturalmente diferente. Hall (2003, p.67) dá o exemplo da negritude:

A "negritude" tem funcionado como signo da maior proximidade dos afro-descendentes com a natureza e, conseqüentemente, da probabilidade de que sejam preguiçosos e indolentes, de que lhes faltem capacidades intelectuais de ordem mais

elevada, sejam impulsionados pela emoção e o sentimento em vez da razão, hipersexualizados.

O teórico também acredita que seja apropriado trabalhar com “uma concepção mais ampla do racismo”, que compreenda que “em sua estrutura discursiva o racismo biológico e o racismo cultural são articulados e combinados” e que, além disso, as duas formas de racismo estão sempre presentes nas lógicas culturais, mas com diferentes prioridades.

Para Vera Candau e Luiz Fernandes de Oliveira, no artigo *“Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil”*(2010), o conceito de raça seria uma abstração, uma invenção “Que nada tem a ver com processos biológicos. É no século XVI que se cria a união entre cor e raça”. Dessa forma, o colonialismo seria uma imposição política, militar, administrativa ou até jurídica. Que na forma da colonialidade consegue sobreviver, apesar da descolonização.

Joel Rufino dos Santos, no livro: *“O que é racismo?”*(1984, p.38) aborda didaticamente a temática do racismo. Dizendo "O racismo é um sistema que afirma a superioridade de um grupo racial sobre outros". Para ele, o racismo não faz parte da "natureza humana". Esta nasceu, talvez, da necessidade de defender o espaço e é apenas uma instituição irracional de prolongada duração.

No contexto histórico da lei, foi a partir do inconformismo dos grupos socialmente excluídos. A política nacional passou a sofrer pressões que exigiam a criação de medidas capazes de transformar essa situação de desigualdade, assim, desde a inserção da Lei 10.639/03, as escolas e os educadores, vêm sendo desafiados a fazer uma releitura da cultura africana, pois a partir de 2003 as demandas de caráter identitário, como as relações étnico-raciais e quilombolas, passam a fazer parte do currículo escolar. (Abreu; Mattos 2008).

No entanto, a aplicação da lei não é algo simples, pois ela esbarra em questões curriculares conflituosas, e acaba desconstruindo e ressignificando saberes históricos considerados, até então, como verdades inabaláveis. Que não querem ser desfeitos. Sendo assim, a identidade negra é entendida como um processo construído culturalmente, socialmente e historicamente. Em que a

sua representação social geralmente é estigmatizada, o que leva a que muitos educandos sejam formados a partir de um racismo étnico e biológico.

Deve-se, então, atentar para as diversas identidades possíveis dentro de uma mesma sala de aula. Para Tomaz Tadeu (2000, p.73): “A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo.” Dando continuidade à mesma linha de raciocínio, para Tomaz Tadeu (2000, p. 73) a diferença é concebida como a oposição à identidade do sujeito assim:

A diferença é aquilo que o outro é: “ela é italiana”, “ela é branca”, “ela é homossexual”, “ela é velha”, “ela é mulher”. Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como autoreferenciada, como algo que remete a si própria

O fato é que toda essa construção conceitual das categorias de “raça”, “negro” e “etnia” da visibilidade ao pensamento crítico que concedendo um lugar de fala a outras formas de pensar diferentes da visam eurocêntrica, uma vez que surgem a partir das culturas subalternizadas. Partindo das pesquisas de Quijano (2005), segundo Luiz Fernando de Oliveira e Mônica Lins, no artigo, *“Por uma desobediência epistêmica: sobre lutas e diretrizes curriculares antirracistas”* (2014, p. 3):

O conceito de raça é uma invenção europeia que engendrou formas de dominação onde a apropriação dos produtos do trabalho era acompanhada pela classificação de povos e culturas. As terminologias “negro” e “raça”, por exemplo, se processam nesta história colonial. Neste sentido, as ressignificações promovidas pelos movimentos negros, propiciam aquilo que Mignolo (2003) denomina de diferença colonial, ou seja, pensar a partir das ruínas, das margens criadas pela colonialidade⁴¹ do poder, das experiências e histórias subalternizadas.

⁴¹Segundo Maldonado-Torres (2007), “a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da idéia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em manuais de aprendizagem, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no senso comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa

Nesse cenário é importante destacar a luta pelo reconhecimento do racismo como crime, as lutas em favor do reconhecimento do conhecimento negro nos espaços acadêmicos, que são consideradas pelos pesquisadores como “guerrilhas educacionais”. Pois foram elas que propiciaram a discussão sobre a decoloneidade do currículo. De acordo com Nilma Lino Gomes (2012, p. 100) é nesse panorama que envolve a introdução do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas da educação. Assim, há que se pensar em mudanças curriculares que partam do (re)pensar os lugares de poder, proporcionando a descolonização dos currículos na educação em relação à África e aos afro-brasileiros. Segundo Mônica Lins e Luiz Fernandes de Oliveira (2014 p.):

Nas reflexões da literatura acadêmica a partir dos anos noventa, é possível identificar que a questão da identidade nacional e da reescrita das Histórias do povo negro no Brasil possibilitam a mobilização do debate sobre a colonialidade, pois a História dos negros no Brasil foi invisibilizada com o claro propósito de constituir uma nacionalidade em termos eurocêntricos. Partindo dessas referências, consideramos pertinente colocar questões como: será que o resgate dessas Histórias, numa perspectiva de políticas públicas de reconhecimento da diferença colonial – isto é, História da África como elemento condicionador na formação da nação brasileira e as propostas oficiais de reparações – pode mobilizar um projeto de emancipação epistêmica, na perspectiva de produção de um pensamento outro? Será que as mobilizações políticas e acadêmicas, a partir das diretrizes e das produções teóricas, pode se configurar num novo lócus de enunciação da subalternidade colonial? É possível pensar o movimento social em torno das diretrizes como uma expressão da diferença colonial ou um embrião de uma perspectiva intercultural crítica na formação docente e nos currículos?

Após os questionamentos, pensa-se, sobretudo, sobre a proposta de uma pedagogia intercultural crítica. Que busca alcançar a superação tanto de padrões epistemológicos hegemônicos, já destacada nesta dissertação com base em Renato Noguera. Além disso, entende-se que uma educação em uma perspectiva intercultural, também irá requerer a afirmação de novos espaços de enunciação epistêmica dos movimentos sociais. Assim, também se destaca a idéia de Nilma Lino Gomes (2009, p. 421), sobre a significativa contribuição para esse diálogo com a educação, da intelectualidade negra brasileira:

Eles produzem conhecimento e localizam-se no campo científico. São intelectuais, mais de um outro tipo de intelectual, pois produzem um conhecimento que tem como objetivo dar visibilidade a subjetividades, desigualdades, silenciamentos e omissões em relação a determinados grupos sócio-raciais e suas vivências.

Em concordância, pensando no favorecimento de ações que valorizem um currículo acrocêntrico, para combater o racismo, Renato Noguera (2010, p.13-14) afirma que o reconhecimento da afrocentricidade na escola daria base para um currículo que favorecesse a diversidade, contribuindo para a produção histórica e cultural do país:

Reconhecer a afrocentricidade para dar subsídio para um currículo que favoreça a diversidade étnicorracial e contribua na desconstrução de desigualdades sociorraciais pode se configurar como uma possibilidade interessante para combater o racismo antinegro. Uma educação que esteja assentada em paradigmas afrocentrico pretende contribuir para que a maioria da população brasileira se reconheça na produção histórica e cultural do Brasil.

3.4 –O PRESENTE DE OSSANHA: POR UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL

Escrevo este texto para conversar com professores e professoras que estão nas escolas enfrentando inúmeras dificuldades - falta de estrutura, de pessoal, baixos salários. Gostaria de iniciar um diálogo sobre um desafio, é verdade, mais um e, confesso, tenho medo. Tenho medo de que muitas e muitos, ao lerem o título desse texto, já tenham jogado o livro

para o lado, dizendo: "não leio coisa de macumba!" Contudo, peço um esforço ou apenas uma chance para esta conversa.⁴²

Por um longo período, a educação no Brasil foi marcada pela hegemonia da religião católica, sendo por muito tempo administrada pelos jesuítas. No entanto, outras culturas e religiões sempre estiverem presentes no nosso país, mas, por muitas vezes, foram silenciadas no cotidiano escolar. O trecho do artigo de Stela Guedes Caputo (2008), "*Ogan, adósuòjè, ègbónmi e ekedi - O candomblé também está na escola. Mas como?*" ressalta a busca pelo diálogo com os professores que atuam hoje nas escolas, uma vez que estes podem, de alguma forma, influenciar na formação das crianças. Caputo (2010 p.150):

Nas pesquisas que desenvolvo sobre educação de crianças em terreiros de candomblé são muitos os relatos de discriminação. Nos terreiros, crianças e adolescentes sentem orgulho da religião que praticam, ocupam cargos importantes na hierarquia do culto, partilham um conhecimento vasto sobre mitos, canções e o ioruba, uma das línguas que circulam na comunidade, por exemplo. Na escola, no entanto, são discriminadas, sentem vergonha da religião, escondem seu conhecimento e sua fé.

Como se sabe, o processo de ensino-aprendizagem passa pela mediação do professor, tendo este papel fundamental na aprendizagem do aluno. Bakhtin (1997), quando reflete sobre a relação do eu com o outro e suas consequências para a construção do sujeito, afirma que o "eu" só existe a partir de quando interage com os outros. Sabe-se, também, que a teoria de Vygotsky parte do pressuposto de que o homem é um ser histórico e de que seu conhecimento é construído socialmente no âmbito das relações humanas. Assim, o papel do professor não é apenas diagnosticar o nível de conhecimento do aluno, mas agir na ZDP (zona de desenvolvimento proximal), fazendo com que o aluno alcance novos níveis de aprendizado.

Logo, balizados na teoria de Vygotsky, pode-se afirmar que o professor deve orientar o educando no desenvolvimento de estratégias de leitura,

⁴²Diálogo presente no texto *Ogan, adósuòjè, ègbónmi e ekedi - O candomblé também está na escola. Mas como?* (CAPUTO, 2010, p.149)

definindo tarefas cada vez mais complexas para ele realizar. Cabe ressaltar aqui que o educador pode incentivar a prática de leitura e ainda preocupar-se com a questão da convivência multiétnica, pois a ausência da provocação de tais questionamentos poderá levar a formação de seres acríticos.

Dessa forma, é necessário entender que ao se falar sobre a significação da leitura e a prática de leitura de textos, é preciso, também, refletir sobre a atuação do professor, já que essa prática passa por sua mediação e ele acaba influenciando de maneira decisiva a formação do sujeito leitor. Por esse motivo, é de suma importância que o educador seja capaz de estimular no educando a vontade de recorrer à literatura várias vezes, possibilitando ao leitor conhecer livros que possam contribuir para sua formação cultural.

Portanto, o educador precisa tomar para si a responsabilidade de optar, democraticamente, por obras que possam contribuir para uma construção de uma identidade positiva do negro, afastando a ideia do branqueamento da população e proporcionando a todos os educandos o contato com a cultura africana e o aprendizado sobre as contribuições dos africanos para a cultura brasileira.

Como se sabe, hoje a legislação educacional brasileira relaciona a ideia de nação democrática com o reconhecimento de uma sociedade multicultural e pluriétnica, objetivando proporcionar um novo educar que seja capaz de destacara pluralidade, a diversidade através da interculturalidade e a valorização das identidades (Brasil, 2004, p. 19):

A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem os cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam a todos respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira

Além disso, como nos afirma Munanga (2005, p. 16), a literatura sobre a cultura africana não é apenas para os alunos negros: “Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas”.

Ressalta-se, ainda, que embora nas obras recentes da literatura infantil, do Brasil, tenham surgido alguns títulos que estão desconstruindo a imagem negativa do negro. Como no caso da obra *“O presente de Ossanha”* de Joel Rufino dos Santos. Historicamente, esse gênero literário serviu como uma identificação com a ideologia identitária de um discurso racial hegemônico. Segundo Kabengele Munanga (2005, p.17):

A educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados.

É nesse contexto que surge nesta dissertação a idéia de uma educação decolonial, pois como afirma Vera Candau (2008,p 46): “a igualdade de todos os seres humanos, independentemente das origens raciais,nacionalidade, das opções sexuais, enfim, a igualdade é uma chave para entender toda a luta da modernidade pelos direitos humanos”. Assim, é preciso apresentar textos que tragam qualidade em reflexões. Como vemos nos PCN’S de Língua Portuguesa (2000, p.36):

Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.

Ainda segundo Bruno Bettelheim (1978), ao mesmo tempo em que a prática de leitura diverte a criança, ela provoca o desenvolvimento da sua personalidade, pois esclarece pontos sobre ela mesma.

Pensando em uma educação decolonial Stella Guedes Caputo, salienta que a ausência de um debate social, limita a visão sobre o preconceito por parte dos grupos, impedindo o educando de ter um olhar crítico sobre o problema. Ela cita a pesquisadora Eliane Cavalleiro (200, p.32), que procura propor ações que estimulem a auto-estima dos grupos marginalizados.

Tem-se a idéia de que não existe racismo, principalmente por parte dos professores,por isso não se fala dele. Por outro lado, há a vasta experiência dos professores em ocultar suas atitudes e seus comportamentos preconceituosos, visto que estes constituem uma prática condenável do ponto de vista da educação.

Assim, Caputo (2010, p.173) levanta a questão: “Por que os estudantes de candomblé sentem tanta vergonha na escola?” Ressaltando que este sentimento não pode ter surgido à toa. E que a maioria dos educandos que são entrevistados e suas pesquisas, dizem, ou já disseram, ser católicos para escapar do preconceito.

Certamente, esse sentimento de vergonha e o medo da discriminação não "surgiram" à toa. Como vimos, eles vêm sendo construídos há muito tempo e atingindo muitas gerações. Todas as outras crianças e jovens sobre as quais conversamos anteriormente já foram discriminadas por pertencerem ao candomblé.

Dessa forma, apesar de o colonialismo tradicional ter chegado ao fim, hoje há a noção de colonialidade que acaba instituindo uma “colonialidade do poder”. Sobre os conceitos de colonialismo e colonialidade, Vera Candau e Luiz Fernandes (2010, p.19) salientam que, segundo Quijano (2007, p. 93), seriam dois temas distintos, porém relacionados:

Colonialismo e colonialidade são dois conceitos relacionados, porém distintos. O colonialismo se refere a um padrão de dominação e exploração no qual: O controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada possui uma diferente identidade e as suas sedes centrais estão, além disso, em outra jurisdição territorial. Porém nem sempre, nem necessariamente, implica relações racistas de poder. O Colonialismo é, obviamente, mais antigo; no entanto a colonialidade provou ser, nos últimos 500 anos, mais profunda e duradoura que o colonialismo. Porém, sem dúvida, foi forjada dentro deste, e mais ainda, sem ele não teria podido ser imposta à inter-subjetividade de modo tão enraizado e prolongado.

Nesse sentido, a colonialidade do poder seria o que consegue manter essa lógica funcionando, pois fala de um segundo Candau e Fernandes (2010, p.19) “discurso que se insere no mundo do colonizado, porém também se reproduz no lócus do colonizador. Nesse sentido, o colonizador destrói o imaginário do outro, invisibilizando-o e subalternizando-o, enquanto reafirma o próprio imaginário.” Por inferiorizar grupos sociais não europeus, Quijano fala do conceito de “colonialidade do saber”, que reprime todo conhecimento produzido fora do padrão europeu. Negando, assim, os saberes indígenas e africanos.

O que pretende-se mostrar com esse estudo é que a obra, “*O presente de Ossanha*”, contribui significativamente para a educação decolonial, uma vez que abarca saberes oriundos dos povos historicamente subalternizados, destacando a cultura através de uma imagem positiva. Além disso, ao trabalhar os orixás de origem africana com tanto rigor em detalhes, ela acaba empoderando o estudante, este que muitas das vezes sente-se envergonhado por confessar a religião. Os Macumbeiros, que para Luiz Rufino e Antonio Simas (2018), seriam os encantadores de corpos e palavras que poderiam abalar a razão intransigente, propondo maneiras plurais de reexistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa deste trabalho, conclui-se que Joel Rufino dos Santos pode sim contribuir para a reflexão sobre as relações étnico-raciais na educação. Pois uma vez que ele subverte a lógica do sistema educacional que oprime o conhecimento advindo das culturas africanas. Percebe-se, também, que suas obras discutem a questão pensando sempre do ponto de vista do negro. Desse modo, compreende-se Joel Rufino como um possível intelectual do negro. Que busca de alguma maneira diminuir os preconceitos e violências simbólicas presentes no cotidiano das pessoas.

Como a principal obra discutida nesta dissertação é “*O presente de Ossanha*”, buscou-se compreender como a literatura infantil poderia ressignificar saberes que, muitas das vezes são diminuídos e colocados em segundo plano, quando colocados. Chegando à conclusão de que a obra é um mecanismo para abertura e aprofundamento de diálogos ligados as questões que tem essas demandas.

Entende-se, ainda, ao se discutir as questões ligadas às demandas étnico-raciais traduzidas na literatura infantil, que esta apresenta um papel significativo para a inserção do ensino de cultura africana nas escolas, pois fica compreendido que ela é um instrumento que pode ser utilizado como instrumento de desconstrução de estereótipos. E, ainda, ser favorável a um processo de reconhecimento do negro na sociedade brasileira.

Ao analisar a trajetória de legitimação do ensino de cultura afro-brasileira, identifica-se, que mesmo depois de decorrido tanto tempo da promulgação da lei 10.639/03, exigindo um currículo que aborde as questões ligadas a História e a cultura negra, isso não ocorre como deveria, pois o conteúdo acaba sendo abordado de forma estereotipada, sem compromisso com a cultura afro-brasileira.

Dessa forma, faz-se a importância da obra “*O presente de Ossanha*”(2006), pois ela tem um conteúdo narrativo que pensa sobre o negro e as relações raciais, podendo ser utilizada em um contexto educativo. Além disso, a obra trabalha questões relativas à formação humana do sujeito, levantando pontos sobre a ética, memória, afetividade e os relacionamentos

entre os sujeitos. Logo, ela provoca reflexões no leitor, podendo esclarecer questões de forma lúdica.

Nessa perspectiva, conclui-se através dessa pesquisa que ao pensar-se em literatura infantil, deve-se compreender que por se tratar de um texto literário participará da formação intelectual, crítica e reflexiva do sujeito. Como afirma Paulo Freire (1997), a leitura de mundo precede sempre à leitura da palavra. E através da intertextualidade a literatura permite que o leitor realize uma leitura de mundo e, com isso, sua pluralidade de significados.

Desta maneira, através da cultura letrada, o sujeito irá conhecer novas realidades e culturas, somando esse conhecimento aos já adquiridos, aumentando com isso, seu capital cultural. O conceito de capital cultural é desenvolvido por Pierre Bourdieu (1975) para explicar como a cultura, em uma sociedade dividida em classes, se transforma em uma espécie de moeda que as classes dominantes utilizam para acentuar as diferenças, assim a cultura se transforma e instrumento de dominação.

No entanto, não raras vezes, a literatura feita para crianças é discriminada e vista como gênero menor. Não é percebido que brincando com as palavras, o escritor permite ao leitor construir e reconstruir significados, assim, o objetivo desse texto é discutir sobre a forma como a leitura é iniciada com as crianças, ressaltando a importância de uma prática educativa que conceba a leitura como um ato prazeroso e não como uma obrigação. Mas como uma leitura prazerosa que desperte o desejo de outras leituras.

Ressalta-se, ainda, que quando observa-se a literatura infantil e a luta contra o racismo na escola, tenta-se compreender se os livros infantis buscam ou não empoderar o sujeito negro, criando uma identidade racial positiva do mesmo. Analisando obras, como as de Joel Rufino dos Santos, que buscam um diálogo multicultural, contrapondo as diferentes narrativas literárias, para assim, compreender se poderá ter implicações na construção de uma identidade negra positiva.

Conclui-se que sim, pois Joel Rufino pensa em narrativas que assumem as demandas presentes no contexto educacional atual, compreende-se que a

literatura infantil de Rufino, produz uma ressignificação de valores para a construção da auto-estima da criança negra e criando caminhos possíveis para formação da identidade positiva do negro. Neste momento, compreende-se sua literatura como uma maneira de ressignificar o ensino de cultura africana nas escolas, criando uma referência positiva para o educando resgatando a identidade negra, valorizando suas tradições culturais.

Como é abordado durante esse texto, acredita-se que a literatura infantil, de uma maneira geral, quando bem utilizada e selecionada, e nessa dissertação mais precisamente, a obra "*O Presente de Ossanha*" poderá potencializar o debate em sala de aula sobre as relações étnico-raciais. Propiciando a construção de um discurso contra hegemônico, resgatando a história da nossa construção cultural.

Contudo, apesar de compreender que a literatura infantil de Joel Rufino poderá ser uma ferramenta para potencializar essa discussão, entende-se, também, que a principal ponte para essa construção dá-se a partir da interação com o outro, ou seja, nos diversos espaços sociais e não apenas em âmbito escolar. Assim, destaca-se a figura dos participantes do processo educacional, ou seja, todos aqueles que vivenciam a escola, e de alguma forma são agentes na possibilidade de desenvolvimento na dinâmica de ensino-aprendizagem.

Em possíveis trabalhos futuros, se vislumbra a possibilidade de realizar um aprofundamento teórico e prático dos temas destacados nesta pesquisa. Realizando análises mais próximas do espaço escolar e da sala de aula, com a finalidade de dar continuidade, a partir desse estudo, de maneira mais detalhada à observação das implicações que Joel Rufino dos Santos e a obra "*O presente de Ossanha*" (2006) podem ter na educação.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ASANTE. MolefiKete. **Afrocentricidade: Notas Sobre uma Posição disciplinar.** In: Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro. Ed. Sankofa. 2009

AGUIAR, Janaina. **“No caminho das águas tem presentes no rio, tem festa no mar”: o hibridismo cultural nas festas de Iemanjá e Oxum em Salvador e Aracaju.** Revista diálogos vol. 18, núm. 3, 2014, pp. 1161-1181

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô.** Tradução de Le candomblé de Bahia, de 1958. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1978. Nova edição: São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BARBOSA, Luciene Cecília. **Louca Paixão: Questões Raciais na Telenovela Sob o Olhar do Receptor.** Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo: 2002

BAKTHIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada.** Rio de Janeiro, paz e terra, 1978.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: MEC, 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília: 2005.

BOURDIEU, P., PASSERON, J. C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CAPUTO, Stela Guedes. **Ogan, adósu, òjé, ègbónmi e ekele. O candomblé também está na escola. Mas como?**In.: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera. Multiculturalismo, diferenças e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé.** Rio de Janeiro: Pallas, 2012

CAPUTO, Stela Guedes. **Exu, escola e racismo,** Bahia: ENECULT, 2010.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas.** Currículo sem Fronteiras, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011.

CADERMATORI, Lígia. **Para não aborrecer Alice: a ilustração no livro infantil.** In **Paiva, Aparecida** ; SOARES, Magda; *Literatura Infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte, Autentica, 2018.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

COSTA, Valdeli Carvalho da. **Umbanda: os 'seres superiores' e os orixás/santos**. Coleção Fé e Realidade. São Paulo: Loyola, 1983.

COSTA, Emília Viotti. **Da senzala à colônia**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANTO de Ossanha. Vinícius de Moraes. Afrosamba. Faixa 1, Forma. 1966.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Vol. 7. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

DUPONT, Vera Regina. **Literatura infantil brasileira e identidade da criança negra**. 27ed. V. 14, Revista línguas e letras- unioeste, 2013

DUPONT, Vera Regina. **Cultura africana na literatura infantil brasileira**. 21 ed. V11 Revista Trama, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 48ª Ed, Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2014

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

FRAZÃO, Idemburgo: **“Arte literária” e didática: figurações da ficção: in Diálogos sobre leitura e cultura**, Rio de Janeiro, Multifoco, 2012

FRAZÃO, Idemburgo. **Literatura infantil e juvenil, memória e identidade: um estudo da obra infanto-juvenil, de Joel Rufino**. 6 ed. V 13. Revista UNIABEU, 2013

FRAZÃO, Idemburgo. **Nos lastros identitários de Joel Rufino dos Santos e Lima Barreto** 20 ed. V 8. Revista UNIABEU, 2015

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora da Guanabara, 1989

GOMES, Nilma. **A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10639/2003**. In: MOREIRA, A. F. E CANDAU, V. M.(org.) *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **“Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos”**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

GHIRALDELLI JUNIOR. Paulo. **O que é Pedagogia?** Ed. Brasiliense. São Paulo. 1987

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 27ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, STUART. **Da diáspora: Identidades e Mediações** Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representações UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

JESUS, Flora de. **AS CARTAS RUFINIANAS: UM DIÁLOGO INCONCLUSO**. 2014

JOVINO, Ione da Silva. **Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil**. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. Literatura afro-brasileira. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. Editora Atica, 1984.

LIMA, Heloisa. **Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil**, in: Munanga, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. Brasília, 2005,

LIMA, Heloisa. **Joel Rufino e o protagonista invisível**. Revista Literafro, 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 6.ed. São Paulo: Cortez, 2010

LOPES, Vera Neusa. **Racismo, Preconceito e Discriminação**. In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. 2. Ed. Brasília – DF. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005

MATTOS, Hebe; Martha Abreu. "Em torno das" Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de

História e Cultura Afro-brasileira e Africanas"-Uma conversa com historiadores." *Revista Estudos Históricos* 21.41 (2008): 5-20

MACHADO, Vanda. **Mitos Afro-brasileiros e vivências educacionais**. 208 Revista Trama - Volume 11 - Número 21 - 1º Semestre de 2015 Disponível em www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/mitos.pdf Acesso em junho de 2010.

MOREIRA, Antônio Flavio e CANDAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura/s: construindo caminhos**. In: Revista Brasileira de Educação, n.23, mai/jun/jul/ago 2003

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos Penesb (Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade brasileira). UFF, Rio de Janeiro, nº 5, p. 15 – 34, 2004

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura Infantil e Ideologia**. São Paulo: Global, 1985

PEIXOTO, F. L. **Literatura Afro-brasileira**. Salvador: Programa A Cor da Bahia, FFCH/UFBA, 2013.

POMBO, Olga. **Interdisciplinaridade e integração dos saberes**. Liinc em revista, v. 1, n. 1, 2004.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2001

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura Infantil e Ideologia**. São Paulo: Global, 1985

NOGUERA, Renato. **Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo Afrocentrado**. In: Revista e Africanidade. Ano 3. Nº 11, novembro, 2010.

NOGUERA, Renato. **DENEGRINDO A EDUCAÇÃO**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE), n. 18, p. 62-73, 2012.

NOGUERA, Renato. **Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectiva**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 3, n. 6, p. 147-150, 2012.

SANTANA, AntonioOlimpio de. **História e cultura e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados**, in: Munanga, Kabengele (org.).Superando o racismo na escola. Brasília, 2005, p. 57

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O presente de Ossanha**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006b.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Quando voltei, tive uma surpresa: (cartas a Nelson)**. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2000

SANTOS, Joel Rufino dos. **Zumbi**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006

SANTOS, Joel Rufino dos. **Gosto de África: história de lá e daqui**. São Paulo: Global, 2005.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Assim foi (se me parece): Livros, polêmicas e alguma memória**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008

SANTOS, Joel Rufino dos. **Dudu calunga**. São Paulo: Ática, 1986.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Rainha Quiximbi**

SANTOS, Joel Rufino dos. **A botija de ouro**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Épuras do social – como podem os intelectuais trabalhar para os pobres**. São Paulo: Global, 2004.

SANTOS, Joel- **Presença pedagógica: Leitores se formam nas escolas em que há sincera afeição pela literatura**, • v.11 • n.65 • set./out. 2005

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Currículo e Identidade Social: Territórios Contestados**. In: SILVA (org.) *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Ana. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2001

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. 34. ed. rev. Campinas, Autores Associados, 2001. (Col. Polêmicas do Nosso Tempo; vol.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Lendas africanas dos Orixás**, Salvador, BA: Corrupio 1997

VERGER, Pierre. **Orixás**. Salvador, Corrupio, 1981.

VYGOTSKY, Lev. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007